



PUC
RIO

PERLA KLAUTAU DE ARAUJO PIMENTEL

ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE WINNICOTT E LACAN:

UM DIÁLOGO SOBRE A GÊNESE DO OBJETO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 2002.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 P644 TESE UC

Autor Pimentel, Perla Klantau de Araujo

Título Encontros e desencontros entre Winnicott e Lacan



Ex.1 PUC-Rio - PUCB

119474

00245814

PERLA KLAUTAU DE ARAUJO PIMENTEL

ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE WINNICOTT E LACAN:

UM DIÁLOGO SOBRE A GÊNESE DO OBJETO

**Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia
da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
como requerimento parcial para obtenção do título de
Mestre em Psicologia Clínica**

Orientador: Octavio Souza

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 2002.

119474



250
P 644
TESE UC

Ao Alexandre, um encontro.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Octavio Souza, pela liberdade acompanhada das discussões que tanto contribuíram para a construção deste texto, e, acima de tudo, pela aposta e pela confiança no meu trabalho.

À Rita Mendonça, pela constante ajuda com os textos lacanianos.

Ao Carlos Lannes, pela disponibilidade e pela generosa contribuição.

À Natália Armony, Ângela Utchitel, Ruth Goldenberg, Sara Kislánov, Suzana Pons e Adriana Cerdeira pelo apoio e ajuda na construção do projeto que deu origem a esta dissertação.

À Cláudia Garcia pelos comentários precisos que tanto ajudaram a transformação do projeto em dissertação.

À Adriana Cerdeira, pela revisão cuidadosa e apreciação crítica do texto.

Às secretárias do departamento Marise e Verinha, sempre prestativas.

Aos meus pais, a minha avó Zeny (*in memoriam*), a Marlene e ao José Otávio, pessoas sem as quais o continente, imprescindível para o desenvolvimento do conteúdo aqui presente, não poderia ter sido construído.

Ao conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro recebido durante esta pesquisa.

RESUMO

Diante da pluralidade de orientações que constituem o campo psicanalítico atual, torna-se necessário estabelecer diferenças e semelhanças entre os conceitos fundamentais da psicanálise. Por ser um dos conceitos chaves para a definição do sujeito e do tratamento psicanalítico, o conceito de objeto direciona esta pesquisa. Dentre as diversas orientações pós-freudianas, nosso interesse consiste em comparar as teorias formuladas por Winnicott e Lacan sobre o conceito de objeto. Justificamos a escolha dos dois autores como aqueles que elaboram suas teorias a partir de diferentes pontos de partida, refletindo o modo como cada um conduz o tratamento psicanalítico.

RÉSUMÉ

Devant la pluralité d'orientations qui constituent le champs psychanalytique actuel, il faut certainement établir les différences et les similitudes entre certains de ses concepts fondamentaux. De ce point de vue et par le fait qu'il s'agit d'une notion-clef pour la définition du sujet, on a pris le concept d'*objet* comme orientation de cette recherche. Parmi les tendances post-freudiennes les plus importantes, on a privilégié la comparaison entre les théories formulées par Winnicott et par Lacan sur la notion d'objet. Le choix de ces deux auteurs se justifie par le fait qu'ils élaborent leurs théories à partir de points de départ différents, reflétant par là le mode selon lequel chacun des deux oriente le traitement psychanalytique.

SUMÁRIO

	pág.
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. A TRAJETÓRIA DE WINNICOTT E LACAN: DA ENTRADA NO CENÁRIO PSICANALÍTICO AO CONCEITO DE OBJETO.	6
CAPÍTULO 2. O CONCEITO DE OBJETO NA OBRA DE WINNICOTT	22
2.1 – A noção de objeto subjetivo	24
2.2 – O conceito de objeto transicional	32
2.3 – O uso do objeto	46
CAPÍTULO 3. O CONCEITO DE OBJETO NA OBRA DE LACAN	56
3.1 – A noção do objeto como falta	57
3.2 – A gênese do conceito de objeto <i>a</i>	76
3.3 – Algumas considerações acerca da formulação do conceito de objeto <i>a</i>	96
CAPÍTULO 4. ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE WINNICOTT E LACAN	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
BIBLIOGRAFIA	139

INTRODUÇÃO

No final da década de 1920, um pouco antes da morte de Freud, começamos a assistir a uma série de cisões que deram origem a pluralização no movimento psicanalítico, a ponto de hoje em dia não termos de modo estruturado uma única teoria que defina a psicanálise. Falamos sobre *psicanálises*, sobre a pluralidade de orientações que constituem seu campo. A psicanálise é, por este motivo, muitas vezes referida como uma *torre de babel*, apontando para a falta de unidade conceitual, que possui reflexos diretos sobre a clínica.

Ao invés de empreendermos uma busca de definições acerca da especificidade dos conceitos psicanalíticos, propusemo-nos a examinar as convergências e divergências existentes entre as várias formas de definir um único conceito.

Ao longo da obra de Freud, o conceito de *objeto* passa por inúmeras modificações. É certamente um dos conceitos-chave para a definição do *sujeito* e do *tratamento psicanalítico* sendo, portanto, definido a partir de diferentes registros¹. Diante da multiplicidade dos caminhos abertos por Freud, coube a cada um dos psicanalistas pós-freudianos a escolha do aspecto a ser privilegiado na teorização de suas preocupações clínicas. Pois, como em psicanálise investigação e prática clínica coincidem, é natural que novos tipos de pacientes levem a novos dados clínicos e, por consequência, a novas teorias. Como resultado, diversas orientações teóricas emergiram

¹ Uma investigação de tais registros excede em muito o escopo desta pesquisa, aliás, este trabalho já foi realizado por alguns autores contemporâneos, tais como: Gremberg (1994), Baranger e colaboradores(1994). Podemos apenas mencionar que, ao longo da obra freudiana, o objeto pode ser situado em relação à pulsão, em relação ao narcisismo e em relação à identificação, tal como aparece, respectivamente, nos textos de 1905 e 1915 intitulados “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” e “Os instintos e suas vicissitudes”, no texto de 1914, “Sobre o narcisismo: uma introdução”, e no artigo de 1915 intitulado “Luto e Melancolia”. Cf. Merea(1994[1980]).

privilegiando um registro distinto da herança freudiana, formando, assim, diferentes escolas – cada qual com uma linguagem hermética reservada a seus discípulos.

Dentre as diversas orientações pós-freudianas, nosso interesse consiste em comparar o modo como Winnicott e Lacan elaboram o conceito de objeto. Ao propormos este estudo, visamos a estabelecer um diálogo acerca dessas duas diferentes elaborações que refletem o modo como cada um conduz o tratamento psicanalítico. Justificamos a escolha de Winnicott e Lacan como aqueles que elaboram suas teorias acerca da constituição da subjetividade em momentos distintos: enquanto Winnicott toma como ponto de partida a relação de dependência física e psíquica do bebê em relação ao ambiente, Lacan parte da relação de dependência do bebê em relação à mãe inscrita pela linguagem.

Esses dois diferentes pontos de partida adotados para definir o sujeito em constituição podem ser estendidos ao objeto, visto que a construção da subjetividade se efetua no contexto da relação do bebê com a primeira forma de alteridade – o outro materno. Ao consideramos a psicanálise como um processo que incide, não somente sobre o sujeito, mas também sobre o objeto e sobre o seu vínculo com o sujeito, é possível conceber o objeto como um dos conceitos que possuem reflexos importantes sobre o tratamento analítico. Torna-se evidente, pois, que os diferentes pontos de partida das elaborações do conceito de objeto feitas por Winnicott e Lacan são reveladores das diferenças através das quais cada um conduz uma análise.

Para compararmos conceitos específicos gerados num mesmo campo teórico, levaremos em consideração no primeiro capítulo o contexto em que Winnicott e Lacan estavam inseridos, o cenário psicanalítico, a preocupação específica e o modo como cada um examinou as questões cujas respostas resultaram na elaboração dos conceitos

de objeto. Começaremos tecendo encontros e desencontros entre os dois teóricos a partir do ambiente em que foram criados, para, em seguida, chegarmos ao campo médico, onde cada um vai seguir um caminho diferente: Winnicott torna-se pediatra e Lacan psiquiatra, embora o destino final de ambos seja a psicanálise. É aí, na psicanálise, que ambos se encontram ao fazerem do espaço estabelecido entre o eu e o outro o cerne da elaboração de seus conceitos de objeto. Nesse sentido, será fundamental examinar, separadamente, os conceitos de objeto elaborados por cada um destes autores.

No segundo capítulo investigaremos a noção de objeto na teoria winnicottiana, a partir dos conceitos de objeto subjetivo, objeto transicional e uso do objeto. O primeiro está diretamente relacionado ao estado inicial de indiferenciação entre o bebê e os cuidados maternos que, apesar de não serem ainda percebidos como tais, atestam a existência do bebê sob a forma do *conjunto ambiente-indivíduo*, que já garante a unidade do eu. O objeto é aí subjetivamente percebido, o que significa que ele não é percebido como tal, não havendo, portanto, uma diferenciação entre eu-objeto. Somente a partir do uso dos objetos transicionais a criança se tornará capaz de, gradualmente, diferenciar-se do ambiente e de suportar a falta materna que promove uma adaptação orientada para a percepção objetiva da realidade. Neste momento em que a criança já é capaz de perceber a realidade de forma objetiva, isto é, como externa e diferente do eu, o objeto adquire autonomia podendo, então, ser *usado*. Apesar de termos dedicado para cada um destes objetos uma parte do segundo capítulo, somente os conceitos de objeto subjetivo e de objeto transicional foram comparados com o conceito de objeto na teoria lacaniana. Justificamos este fato pela delimitação do escopo desta pesquisa que se propôs a examinar a gênese do conceito de objeto.

No que se refere ao conceito de objeto em Lacan, a ser estudado no terceiro capítulo, pesquisaremos primeiramente a noção do objeto como falta. Tal noção é proposta quando Lacan, baseado em seu retorno aos textos originais de Freud, critica o desvirtuamento que os teóricos da relação de objeto vêm empreendendo na teoria e na técnica freudianas. É deste modo que ele instala a falta no centro da relação mãe-bebê, conceituando-a, posteriormente, como objeto *a*. Apesar desta noção de objeto *a* só ter sido elaborada em 1960, sua gênese já pode ser observada desde a concepção do estágio do espelho. Será justamente a partir daí que remontaremos o percurso da letra *a*, fornecendo as primeiras formas que esta letra vai adquirindo ao longo do ensino lacaniano. Para Lacan, *a* deve ser lido como pequeno *a* significando pequeno outro – terminologia utilizada para nomear a imagem especular que aparece nos primeiros esquemas, sempre referida à dimensão imaginária. No mesmo ano em que ele apresenta a função do objeto *a*, encontra seu limite quando reutiliza o esquema ótico, ao demonstrar a impossibilidade de esclarecer a função simbólica do objeto *a* que não possui imagem especular. Para entender tal passagem, além de um exame das formas que a dialética especular vai assumindo ao longo do ensino de Lacan, torna-se necessário um exame do termo grego *agalma* (conceituado como equivalente ao objeto de desejo), e dos conceitos de alienação e separação que nos auxiliam a entender a noção de objeto causa do desejo. Cabe aqui ressaltar que optamos por terminar nossa pesquisa sobre a gênese do conceito de objeto quando a função e o limite do conceito de objeto *a* são elaborados. Examinaremos a conceitualização do objeto *a* na vertente imaginária e na vertente simbólica, de modo a demonstrar que ele deixa de ser concebido como finalidade do desejo, tornado-se causa do desejo. O passo final seria o de conceituar o objeto *a* na vertente do real, noção de extrema relevância para a teoria e

a clínica lacaniana que, entretanto, foge ao escopo desta pesquisa que se propõe a estudar especificamente a gênese da construção do conceito de objeto na obra de Lacan.

Finalmente, no quarto capítulo, teremos condições de estabelecer encontros e desencontros entre os conceitos de objeto elaborados por Winnicott e Lacan, pesquisando inicialmente diferenças e semelhanças entre a forma como estes autores concebem a presença do outro no momento inicial da constituição do psiquismo. Tal investigação nos conduz ao espaço intermediário estabelecido entre o eu e o outro, valorizado tanto por Winnicott quanto por Lacan na elaboração de seus conceitos de objeto transicional e de objeto *a*. O modo como cada um enfatiza a área intermediária entre a mãe e o bebê nos permite estabelecer convergências e divergências acerca do conceito de objeto transicional e de objeto *a*, apontando o modo como cada autor conduz o processo analítico.

Portanto, ao longo desses quatro capítulos, procuraremos fornecer ao leitor um suporte teórico para que o estudo comparativo aqui proposto tenha reflexos sobre a sua prática clínica, já que na clínica a questão recai sobre o *sujeito em análise* e não sobre a *análise do sujeito*. Privilegiar esta última implicaria a troca do sujeito pela teoria que o define, resultando numa discutível fidelidade teórica responsável pela manutenção de um único olhar sobre o sujeito e sobre a psicanálise, que é justamente constituída pelos mais diversos olhares.

CAPÍTULO 1

A TRAJETÓRIA DE WINNICOTT E LACAN: DA ENTRADA NO CENÁRIO PSICANALÍTICO À CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE OBJETO

Para estabelecer encontros e desencontros entre os conceitos de objeto formulados por Winnicott e Lacan, torna-se necessário, antes de mais nada, considerar as preocupações teórico-clínicas que levaram estes autores à psicanálise. Para realizarmos a tarefa de comparar conceitos específicos gerados no mesmo campo teórico, levaremos em consideração a preocupação específica de cada um dos autores, assim como o contexto, a forma de inserção e o modo pelo qual cada um examinou as questões cujas respostas resultaram na elaboração dos conceitos de objeto a serem investigados nos dois próximos capítulos.

Donald Woods Winnicott nasceu em 1896 na província inglesa de Plymouth em Devon. Winnicott era o caçula e o único menino da família, suas duas irmãs eram, respectivamente, cinco e seis anos mais velhas que ele. Em seu caderno de notas autobiográficas, Winnicott conta que de certa maneira considerava-se como filho único de várias mães (na casa dos Winnicott, além das irmãs e da mãe havia uma babá e uma governanta) e de um pai, Frederick Winnicott, um homem extremamente preocupado com os negócios e com a cidade, tendo sido por duas vezes prefeito de Plymouth (Claire Winnicott, 1994[1989]:6). Winnicott cresceu cercado por seus cinco primos, três meninos e duas meninas, filhos do irmão mais velho de seu pai, que, por morarem numa casa próxima à sua, foram criados “quase que como se fossem uma só família, de

maneira que nunca houve escassez de companheiros de brinquedos” (Claire Winnicott, 1994[1989]:4). De acordo com Claire Winnicott o lar dos Winnicott era grande, movimentado, e ao mesmo tempo, oferecia uma segurança, que possibilitou ao pequeno Winnicott explorar todos os espaços da casa, construindo, assim, o seu mundo: “É indiscutível que, desde seus primeiros anos, Donald Winnicott não teve dúvida de que era amado e experienciou, no lar dos Winnicott, uma segurança que podia tomar como evidente” (Claire Winnicott, 1994[1989]:5). Em seu “D.W.W: Uma reflexão”, Claire Winnicott, segunda esposa de Donald Winnicott, conta a história dos primeiros anos da vida de seu marido referindo-se sempre a uma harmonia e a um ambiente de *holding*, isto é, a uma estabilidade e segurança.

O mesmo não acontece com a história familiar de Jaques Lacan contada por Roudinesco em seu “Jacques Lacan” e no verbete contido no seu “Dicionário de Psicanálise” a respeito da vida e da obra de Lacan. De acordo com Roudinesco, Lacan pertencia a uma família de fabricantes de vinagres de classe média burguesa, católica e conservadora: “Esse clima familiar, até mesmo banal, horrorizava o jovem Lacan” (Roudinesco, 1998[1997]:446). Jacques-Marie Émile Lacan nasceu em 13 de abril de 1901 em Paris, aproximadamente dez meses após o casamento de seus pais, Charles Marie Alfred Lacan e Émile Baudry-Lacan. Assim como ao nome do pai foi acrescentado o nome de Maria, mãe de Jesus e santa protetora do vinagre orleanês, ao nome de Jacques foi acrescentado o nome da Virgem Maria. O nome de Émile foi dado em homenagem ao avô paterno, Émile Lacan, quem realmente exercia a função paterna repressora e era atacado por Jacques, enquanto Alfred, seu pai, era amado por ser afetuoso (Roudinesco, 2001[1993]:24). Segundo Roudinesco, Jacques passou os primeiros anos de sua infância morando com os pais e com os avós paternos numa

mesma casa. Estes anos foram marcados por constantes conflitos: “Émile não se entendia com a sogra, Marie Julie, que julgava demasiado autoritária em relação a Alfred, e não suportava as cunhadas, Marie e Eugénie, as quais acusava de mesquinhez. Além disso, Alfred se indispôs com o pai, que resolveu se aposentar e viver em Orléans” (Roudinesco,2001[1993]:24). Educado no seio de uma família marcada pela devoção aos rituais católicos e pelos conflitos domésticos, Jacques Lacan, o mais velho entre uma irmã e dois irmãos, respectivamente, Raymond – morto na infância – e, Marc-Marie – que adota mais tarde o nome de Marc-François em homenagem a São Francisco de Assis e se torna monge beneditino –, destacou-se na escola por sua inteligência e pela arrogância, a qual “era o traço principal desse adolescente que jamais se interessou pelas brincadeiras de infância” (Roudinesco,2001[1993]:27). Por volta dos dezesseis anos, Jacques Lacan descobre a obra de Spinoza, o que, posteriormente, associado à leitura dos textos de Nietzsche concretizam o abandono da religião e da fé cultivada no meio familiar. A partir de então, o jovem Jacques Lacan passa a freqüentar o meio intelectual parisiense e rompe com o desejo de seu pai de que se tornasse comerciante, decidindo estudar medicina, e orientando-se para o campo da psiquiatria. Ao tornar-se residente do hospital *Sainte-Anne*, Lacan estabelece estreitas relações com o movimento surrealista, interessando-se, principalmente, pela poesia de Breton e pela teoria do conhecimento paranóico postulada por Dali, que o influenciaram no início de sua carreira (Macey,1994:xv).

Criado num contexto familiar, religioso e intelectual completamente distinto do examinado acima, Donald Winnicott, assim como Jacques Lacan, contraria o desejo de seu pai de dar continuidade aos negócios da família e decide tornar-se médico. De acordo com Claire Winnicott, a idéia de tornar-se médico floresceu quando Winnicott

quebrou a clavícula. Winnicott estava ciente de que desapontaria seu pai, por isso relutara em aceitar sua própria idéia, assim como, contá-la para seu pai. Em seu “D.W.W: Uma reflexão”, Claire Winnicott fornece uma carta enviada por Winnicott para Stanley Ede, um de seus melhores amigos do colégio interno, cujo extrato aqui destacado ilustra o desejo de ser médico e o medo de desapontar o pai: “Você sabe que – no mesmo grau em que Algy queria ir para um mosteiro – eu quis por muitíssimo tempo ser médico, mas sempre tive medo de que meu pai não o quisesse, de maneira que nunca mencionei o assunto e – parecido com Algy – cheguei mesmo a sentir repulsa pelo pensamento” (Claire Winnicott,1994[1989]:4). Numa outra correspondência para o mesmo amigo, Winnicott agradece-o por ter falado com seu pai sobre sua vontade de ser médico, contando que suspeitava ter *quase* convencido o pai de sua decisão. No relato de Claire Winnicott sobre este momento da vida de Winnicott não há maiores informações sobre a aceitação da decisão do filho por parte do pai, mas se nos remetermos a um extrato do caderno de notas de Winnicott contido em “D.W.W: Uma reflexão”, onde Winnicott conta sobre a liberdade que seu pai lhe concedia no que se refere às escolhas próprias, podemos conjecturar que não houve grandes abalos nas relações entre pai e filho: “Meu pai tinha uma fé (religiosa) simples e certa vez, quando lhe fiz uma pergunta que poderia ter nos envolvido em uma longa discussão, ele apenas respondeu: “Leia a Bíblia, e o que encontrar lá será a resposta verdadeira para você”, de maneira que deixara-me, graças a Deus, ir em frente com isso por mim próprio” (Claire Winnicott,1994[1989]:6). Sendo assim, após decidir não seguir a carreira profissional de seu pai, Winnicott ingressa na faculdade de medicina. Com a explosão da Primeira Guerra Mundial, Winnicott passa o seu primeiro ano como estudante de medicina em Cambridge cuidando das vítimas da guerra. Após a Primeira Guerra, Winnicott continua

sua formação médica em Londres, onde permanece após sua graduação com o intuito de fazer análise: “Donald sempre pretendia tornar-se clínico geral em uma área rural, mas um dia, um amigo emprestou-lhe um livro da autoria de Freud e ele descobriu a psicanálise” (Claire Winnicott,1994[1989]:6). Como durante sua formação médica se havia interessado pelo trabalho com crianças, Winnicott estabeleceu-se como consultor em medicina infantil, sendo nomeado, em 1923, médico-assistente do *Paddington Green Children's Hospital*. No mesmo ano começou sua análise pessoal com James Strachey, mas só foi aceito como candidato para formação na Sociedade Britânica de Psicanálise em 1927.

Na época em que Winnicott inicia sua formação psicanalítica, a Sociedade Britânica de Psicanálise, fundada por Ernest Jones², encontrava-se em crise devido ao conflito travado pelos partidários das idéias de Melanie Klein e de Anna Freud. Estas duas mulheres formaram escolas e tiveram influência na história da psicanálise inglesa devido aos debates referentes às divergências conceituais, ocorridos no interior da Sociedade Britânica e que não causaram uma dissolução da Sociedade, mas sim, uma divisão interna entre os partidários das idéias de Klein e os seguidores da ortodoxia anna-freudiana.

Melanie Klein nasceu em Viena em 1882, mas foi em 1910, quando se instalou com seu marido em Budapeste, que, pela primeira vez, teve acesso aos trabalhos de Freud. Neste mesmo ano iniciou sua análise pessoal com Ferenczi, discípulo direto de Freud, que a encorajou a analisar crianças. Ainda em 1910, Klein apresenta seu primeiro

² Ernest Jones, psiquiatra e psicanalista inglês, além de fundar e de ter sido presidente por algumas vezes da Sociedade Britânica de Psicanálise, foi também organizador e presidente da *International Psychoanalytical Association* durante os anos de 1920-1924 e 1934-1959, período das controvérsias Freud-Klein. Para maiores informações a respeito de Jones ver Roudinesco (1998[1997]) e King & Steiner (1998[1991]).

trabalho na Sociedade Húngara, sendo eleita membro desta. Em 1921, ao acompanhar a mudança do marido por motivos profissionais, Klein deixa Budapeste e muda-se para Berlim, onde, em 1924, inicia uma segunda análise pessoal com Abraham, que, assim como Ferenczi, também faz parte do grupo de discípulos diretos de Freud. Abraham, considerado por Klein como seu padrinho e protetor, morre subitamente em dezembro de 1924. Este fato, associado à boa receptividade na Sociedade Psicanalítica Britânica de suas idéias acerca da análise de crianças, encoraja Klein a estabelecer-se em Londres e deixar a Sociedade de Berlim, onde as idéias de Anna Freud encontravam melhor aceitação (King & Steiner,1998[1991]:45).

Anna Freud, filha caçula de Sigmund Freud, ingressa no movimento psicanalítico a partir da psicanálise de crianças, compartilhando do ceticismo de seu pai referente à viabilidade da análise infantil: “Uma análise conduzida sobre a própria criança neurótica deve normalmente parecer mais digna de confiança, mas não pode ser muito rica em material; demasiadas palavras e pensamentos têm que ser ‘emprestados’ à criança, e ainda os estratos mais profundos podem tornar-se impenetráveis para a consciência” (Freud,1990(1918[1914]):21). Na sua prática com crianças, Anna Freud, por conta da concepção de imaturidade psíquica atribuída ao funcionamento mental infantil, não considera a possibilidade do desenvolvimento da transferência tal como acontece com os adultos. Devido a isto adota uma abordagem pedagógica, não considerando portanto o tratamento de crianças como uma psicanálise propriamente dita. Enquanto isso, ao considerar o brincar como ferramenta essencial para o tratamento de crianças, Melanie Klein não estabelece uma concepção explicativa e educativa do tratamento infantil. Klein explora o brincar por considerar o conteúdo da brincadeira próximo ao conteúdo manifesto do sonho, o qual é passível de interpretação

(Hughes,1998[1989]:62). Dessa forma ao analisar crianças, Klein utiliza o mesmo método proposto para a análise de adultos, ou seja, a interpretação. A partir da atribuição de um conteúdo simbólico existente nas brincadeiras infantis, Klein promove a abertura de um campo que até então permanecia inexplorado: a relação mãe-bebê passa a ser levada em consideração no processo de constituição do psiquismo. A concepção kleiniana do desenvolvimento inicial e da gênese do funcionamento psíquico com conseqüências sobre a prática clínica constitui-se num ponto de divergência tanto na teoria quanto na técnica entre os membros da Sociedade Britânica, partidários desta visão, e os membros da Sociedade de Viena, partidários das idéias anna-freudianas (King & Steiner,1998[1991]:45). Jones, quando foi eleito presidente da IPA³ em 1934, tenta, através de uma série de conferências, estabelecer um intercâmbio entre os membros da Sociedade Britânica e os membros da Sociedade de Viena. Estas conferências, cujo objetivo consistia em tratar das divergências mútuas entre as duas sociedades, nutria a esperança de que estas pudessem ser compreendidas por ambas as partes, ou se não, resolvidas (King & Steiner,1998[1991]:50). Mas, como King & Steiner (1998[1991]:51) analisam, uma avaliação quanto ao alcance da compreensão das divergências por ambas as partes era difícil de ser feita quando o anti-semitismo avançava na Alemanha e, conseqüentemente tornava-se um perigo iminente para a Sociedade de Viena exigindo, portanto, a atenção integral dos analistas vienenses.

Em 1938 os nazistas ocupam Viena, levando Freud e sua família a imigrarem para a Inglaterra com a ajuda de Jones. Assim como Freud e Anna Freud, outros psicanalistas da Sociedade de Viena encontraram abrigo na Sociedade Britânica, a qual acolheu e aceitou como membros muitos analistas da Sociedade de Viena. Deste modo

³ A sigla IPA denomina a sociedade psicanalítica mais tradicional, a *International Psychoanalytical Association*, que foi fundada por Freud em 1910 com o nome de *Internationale Psychoanalytische* (IPV).

as divergências entre as duas sociedades encontravam-se agora reunidas no seio da Sociedade Britânica. As contribuições kleinianas – consideradas como desenvolvimento de alguns pontos da teoria freudiana até então não levados em consideração, tais como as conseqüências sobre a prática psicanalítica dos primeiros relacionamentos do bebê com a sua mãe, tidos como formadores da gênese do funcionamento psíquico – não eram aceitas pela maioria dos psicanalistas de Viena. Diante de tais divergências um arranjo interno foi feito, conduzindo a uma divisão: os partidários do kleinismo de um lado e os annafreudianos do outro. Diante dessas duas tendências emergiu uma terceira via, o *middle group*, acolhendo os membros não posicionados, que representavam a maioria (King & Steiner,1998[1991]:53).

O *middle group* encontrava-se em sintonia com a tradição filosófica e política inglesa caracterizada pela recusa de categorias totalizadoras e da doutrinação (Roudinesco,1998[1997]:379). Desta forma este terceiro grupo, contrariamente ao kleinismo e ao annafreudismo, não tinha a pretensão de fundar uma escola. Embora tenha sido supervisionado por Klein entre os anos de 1935 e 1941 e, entre os anos de 1933 e 1938, tenha feito uma segunda análise com Joan Riviere, membro do grupo kleiniano, Winnicott, no período das controvérsias Freud-Klein, ocorridas entre os anos de 1941 e 1945, posiciona-se no *middle group*, afirmando sua independência diante das teorias e da prática clínica defendidas tanto por Anna Freud quanto por Melanie Klein. Mesmo tendo sido forte a influência das teorias de Klein em sua formação, Winnicott não se submete às exigências kleinianas e, além de não se posicionar ao lado do kleinismo, recusa-se a analisar Erich, filho de Klein, sob a supervisão da mesma. Winnicott o analisou, mas sem a supervisão de Klein e, curiosamente, anos depois, sua segunda esposa, Claire Winnicott, seria analisada por Klein.

A situação da psicanálise na França, quando Lacan ingressa na Sociedade Psicanalítica de Paris, em nada se assemelha às turbulências ocorridas na Sociedade Britânica de Psicanálise no período em que Winnicott torna-se membro efetivo desta. De acordo com Roudinesco (2001[1993]:29), Lacan teve acesso, pela primeira vez, às teorias de Freud por volta de 1923, mas só resolve estudá-las alguns anos depois, mais precisamente, a partir de seu interesse por um caso de paranóia, conhecido como o *caso Aimée*, que resultou na sua tese de doutorado publicada em 1932, intitulada “Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade”. No mesmo ano em que publica sua tese, Lacan inicia sua análise didática com Rudolph Loewenstein, um dos fundadores da Sociedade Psicanalítica de Paris, criada em 1926⁴. Em comparação com a Grã-Bretanha, a psicanálise na França foi implantada tardiamente, além disso nenhum dos seus fundadores produziu uma obra inovadora. Esse papel coube a Jacques Lacan, pertencente à segunda geração de psicanalistas franceses e inaugurador de um sistema de pensamento original, baseado no freudismo, na filosofia hegeliana e no estruturalismo saussuriano (Roudinesco,1998[1997]:251). Lacan tornou-se membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Paris em 1938, mais especificamente após o término de uma análise mal-sucedida com Loewenstein e de uma apresentação sobre o estádio do espelho interrompida aos dez minutos de exposição por Ernest Jones, em 1936, no Congresso Internacional de Mariembad. No texto “De nossos antecedentes”, Lacan marca a sua entrada na psicanálise a partir da conferência realizada em 1936 sobre o estádio do espelho. Desta conferência, na qual articula a constituição do eu à

⁴ Durante a Segunda Guerra Mundial, Rudolph Loewenstein é levado a emigrar da França para os Estados Unidos, estabelecendo-se em Nova York e tornando-se um dos nomes proeminentes do movimento psicanalítico americano, a *Ego Psychology*. Esta corrente, assim como seu ex-analista, foi criticada por Lacan, principalmente, no início de seu ensino, quando empreendia um retorno aos textos originais de Freud e uma crítica ao que ele considerava como desvios da teoria freudiana.

imagem especular, não há registro já que naquele momento ele não entregou o texto para publicação e, posteriormente parece não o ter mais encontrado (Roudinesco,2001[1993]:127). Em 1949 Lacan redige uma segunda versão deste texto perdido, intitulado-o: “O estádio do espelho como formador da função do eu”, a qual pode ser encontrada em seu *Escritos*, livro que reúne seus principais artigos.

A partir do ano de 1950, a participação de Lacan na história do movimento psicanalítico francês toma vulto. Nesta década, além de iniciar seus seminários, ele participa da primeira de uma série de cisões ocorridas na psicanálise francesa. Em 1953, ao lado de Françoise Dolto e Daniel Lagache, Lacan participa da defesa da questão da análise leiga, que desemboca na primeira cisão da psicanálise francesa e, conseqüentemente, na criação da Sociedade Francesa de Psicanálise que durou dez anos, durante os quais foram realizadas negociações com a executiva geral da IPA com o intuito de garantir a legitimidade e a filiação desta nova associação à tradição freudiana. Tais negociações não obtiveram, entretanto, o sucesso desejado, pois a direção da IPA recusou-se a conceder o título de didata a Lacan e a Dolto por reprovar as inovações técnicas de ambos, alegando que o primeiro não cumpria a duração padrão das sessões, ou seja, o tempo de cinquenta minutos, e questionando, quanto à segunda, a forma como praticava a análise de crianças. Em 1963, por meio de uma diretriz da direção da IPA, Lacan é excluído, ou, como ele prefere dizer, excomungado da lista dos didatas da Sociedade Francesa de Psicanálise (Roudinesco,2001[1993]:227). Em 1964, a Sociedade Francesa de Psicanálise foi dissolvida: Lacan funda a Escola Freudiana de Paris, e Lagache funda a Associação Psicanalítica da França que passa a ser reconhecida pela IPA. Com o desligamento do quadro de didatas da Sociedade Francesa de Psicanálise e, conseqüentemente, com a sua exclusão do quadro da IPA, Lacan é

proibido não só de aceitar novos candidatos para a formação psicanalítica, mas também de ensinar, isto é, de prosseguir com seu seminário no hospital *Sainte-Anne*. Desde 1953, Lacan realizava seu seminário duas vezes por mês, comentando a obra freudiana, fato que, aliás, marcou definitivamente o seu ensino: ao contrário das tendências predominantes no cenário psicanalítico surgidas após a morte de Freud, que procuravam, cada uma a seu modo, desenvolver certos pontos da metapsicologia freudiana, Lacan inicia seu ensino promovendo um retorno aos escritos originais de Freud em alemão.

Nessa época, enquanto no cenário psicanalítico francês predominava um retorno a Freud, na psicanálise britânica predominava um retorno à função materna (Phillips,1988:10). Deste modo, Winnicott não foge à tendência de seu país. Por ser pediatra, e tal como acontecia à maioria dos integrantes do *middle group*, Winnicott encontrava-se voltado para um trabalho com crianças em que era influenciado tanto por Anna Freud quanto por Melanie Klein. Provenientes de uma tradição influenciada pelo empirismo e pelo pragmatismo, os analistas do *middle group* mantinham interesse pela observação e pela prática, de forma que seus escritos se referiam continuamente ao trabalho clínico (Phillips,1988:11). Winnicott também segue esta tendência, elaborando seus principais conceitos teóricos baseado na observação e na sua experiência clínica adquirida no terreno da pediatria e da psiquiatria infantil. Ao tornar-se psicanalista e consultor em medicina infantil no *Paddington Green Children's Hospital*, ele passa a desenvolver um trabalho voltado para a psiquiatria infantil, sem, no entanto, abandonar o ponto de partida de seus estudos psicanalíticos – a pediatria. “Sou um pediatra que migrou para a psiquiatria, e um psiquiatra que não se desvinculou da pediatria” (Winnicott,2000[1948]:233), o que equivaleria a dizer que pode ser considerado como

um pediatra voltado para a psicanálise, tal como afirma no prefácio de seu livro *Da Pediatria à psicanálise*, publicado em 1957:

Minha experiência clínica é um tanto variada. Nunca me afastei inteiramente daquele que foi o meu ponto de partida, a prática pediátrica. Foi muito valioso para mim estar em contato com a pressão social – à qual eu tinha de responder enquanto médico de um hospital de crianças. Ao mesmo tempo, apreciei bastante o permanente desafio da prática privada e das consultas terapêuticas. Tais atividades proporcionaram-me a possibilidade de aplicar de modo amplo o que eu vinha na mesma época aprendendo através da prática psicanalítica propriamente dita (Winnicott,2000[1957]:7).

Além de influenciar-se pelo pragmatismo e pelo empirismo, Winnicott alia à experiência de pediatra o comprometimento com a idéia de um processo natural de desenvolvimento derivada da biologia darwiniana (Phillips, 1988:4). A teoria de Darwin serviu como fonte de inspiração para a construção da teoria winnicottiana principalmente no que se refere à importância dada ao meio ambiente no desenvolvimento emocional infantil. Em sua descrição do desenvolvimento emocional, Winnicott parte da dependência do bebê em relação ao meio ambiente para explicar justamente como um indivíduo cresce e adquire existência pessoal, ou seja, desvinculada da dependência deste ambiente, considerado aqui como sinônimo dos cuidados maternos. Winnicott concentra seu interesse na relação mãe-bebê e, conseqüentemente, na maneira pela qual o bebê gradualmente se torna capaz de viver sem a dependência direta desses cuidados. Para descrever como isto acontece ele estabelece três sucessivos estágios de dependência no desenvolvimento infantil: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. Na passagem de um estado para o outro, Winnicott enfatiza a idéia de continuidade, que será estabelecida por uma *mãe suficientemente boa* e que, por servir como primeiro ambiente, tem a função de apresentar os objetos ao bebê.

O conceito de objeto na teoria winnicottiana é parte integrante da teoria do desenvolvimento emocional infantil pois, da mesma forma que a dependência, a noção de objeto pode ser dividida em três momentos: objeto subjetivo, objeto transicional e uso do objeto. No início o objeto é subjetivamente percebido, o que significa que ele não é percebido como tal, não havendo, portanto, uma diferenciação entre eu-objeto. Tal diferenciação instala-se à medida que se constrói um intervalo entre o bebê e o objeto: o objeto transicional é produzido exatamente neste intervalo que pode ser considerado como propiciador do uso do objeto e que, por sua vez, garante a percepção objetiva da realidade tornando o objeto diferente do eu. A importância do espaço estabelecido entre a mãe e o bebê é observada por Winnicott desde o início de sua prática pediátrica⁵, mas tal espaço só é conceituado como *espaço potencial* quando este pediatra fornece sua contribuição pessoal para a psicanálise. O espaço existente entre a mãe e o bebê deve permanecer sempre potencial, permitindo que nele sejam produzidos os objetos transicionais, objetos estes que permitem à criança suportar a falta materna. Os objetos transicionais restabelecem a continuidade ameaçada de ruptura, possibilitando a passagem do estado em que o bebê é completamente dependente dos cuidados maternos (a ponto de não se diferenciar deles), para um estado em que o bebê já é capaz de sobreviver sem esses mesmos cuidados (sendo portanto capaz de se diferenciar deles), e garantindo, deste modo, sua existência pessoal. Quando há uma quebra na continuidade do fornecimento dos cuidados maternos, o espaço potencial, que deveria permanecer sempre em estado potencial, é realmente produzido como espaço causando uma área de

⁵ No capítulo seguinte forneceremos uma análise do artigo winnicotiano de 1941 intitulado “A Observação de Bebês numa Situação Padronizada”, onde Winnicott descreve suas observações realizadas durante as suas consultas pediátricas. Nesta descrição é possível encontrar as indicações do que, posteriormente, Winnicott vai elaborar com o nome de fenômenos e objetos transicionais e também a idéia do uso de um objeto.

falta que ameaça a continuidade das experiências transicionais do bebê, responsáveis pela constituição do simbolismo e pelo estabelecimento de um desenvolvimento saudável.

O espaço estabelecido entre a mãe e o bebê também é enfatizado por Lacan na construção da sua teoria do objeto, mas ao contrário de Winnicott, que enfatiza a experiência de continuidade e a não-produção deste espaço, Lacan valoriza a falta constituída neste espaço, construindo uma teoria sobre a falta do objeto. A elaboração da teoria de Lacan não pode ser desvinculada de seu ensino, realizado através dos seminários. Desde 1951, ele se reunia, todas as quartas feiras, com um grupo da Sociedade Psicanalítica de Paris, para discutir o texto freudiano, mas é a partir de 1953 que tais discussões tomam um caráter mais formal. O seminário passa então a ser realizado no Hospital *Sainte-Anne* e torna-se aberto ao público (Macey,1994:viii). A partir de 1953-54, os seminários lacanianos passam a ser temáticos, numerados e publicados. O primeiro a ser publicado foi o seminário 11, realizado no ano de 1964, ano crucial para a carreira e para o ensino lacaniano. Com sua *excomunhão* em 1963, Lacan é proibido de continuar seu seminário no *Sainte-Anne*. É então que, a convite de Louis Althusser, filósofo marxista que reconhece publicamente o valor da releitura lacanianiana de Freud, Lacan passa a realizar seus seminários na *École Normale Supérieure* (ENS). A mudança de endereço do seminário se vê acompanhada de uma mudança de público e a platéia de Lacan aumenta para centenas de ouvintes, em que se contam estudantes de filosofia, intelectuais e jovens analistas (Macey,1994:viii). Dessa forma, ele pôde continuar seu ensino voltado para a releitura da obra freudiana, reinterpretando-a e apontando seus desvios. É em nome de um retorno a Freud e

combatendo os desvios empreendidos em sua obra que Lacan introduz sua teoria da falta do objeto na teoria psicanalítica.

Cabe aqui ressaltar que a construção do conceito de objeto acompanha a trajetória seminários lacanianos, mas o exame da evolução deste conceito foge ao escopo deste trabalho. Nossa pesquisa restringe-se ao exame da gênese do conceito de objeto na teoria lacaniana, ou seja, desde a criação da noção da falta do objeto até à criação do objeto *a* como causa. Por isso mesmo, nossa investigação se iniciará pelo seminário 4 (1956-57), e terminará no seminário 11 (1964). No seminário dos anos de 1956-57 intitulado “A relação de objeto”, ao criticar os desvios que os teóricos vinham empreendendo na teoria freudiana, Lacan instala a falta do objeto no interior da relação de objeto. Neste seminário, Lacan recorre a Winnicott e ao seu conceito de objeto transicional afirmando que este não leva em consideração a noção da falta do objeto (Lacan,1994[1956-57]:35). Além de recorrer ao conceito winnicottiano de objetos transicionais no seminário em que constrói sua teoria da falta do objeto, Lacan também retornará a este conceito no ano em que concebe a noção de objeto *a*. Em 1960, no artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” e numa carta a Winnicott, ele se refere ao lugar ocupado pelo objeto transicional, que em sua teoria consiste no lugar da falta, conceituado como objeto *a*. É importante deixar marcado que o conceito de objeto transicional está presente nos dois momentos cruciais da construção do conceito de objeto na teoria lacaniana que aqui investigamos: a noção da falta do objeto e, a sua elaboração posterior, o conceito de objeto *a*, que consiste no nome dado a esta falta.

Para concluir, é necessário destacar que, apesar de Winnicott e Lacan não estarem voltados para o mesmo interesse e de se terem destacado no movimento

psicanalítico por motivos distintos, suas teorias sobre o conceito de objeto encontram-se num determinado ponto. É este encontro, e também os seus desencontros, que estaremos examinando após investigarmos separadamente os conceitos de objeto elaborados pelos respectivos autores.

CAPÍTULO 2

O CONCEITO DE OBJETO NA OBRA DE WINNICOTT

A teoria winnicottiana, tal como a maioria das demais teorias analíticas, é fruto de um trabalho clínico. D.W. Winnicott trabalhou cerca de quarenta anos no *Paddington Green Children's Hospital*, onde teve a oportunidade de atender a um elevado número de crianças e desenvolver um trabalho voltado para a psiquiatria infantil. Se nos debruçarmos sobre o pensamento deste autor, perceberemos logo o quanto suas inovações teóricas estão relacionadas com a sua prática clínica, principalmente a de pediatra, a qual permitiu-lhe estabelecer uma teoria à respeito do desenvolvimento emocional primitivo humano.

Por trás da aparente simplicidade com que o autor expõe sua teoria encontramos conceitos complexos, tais como o de objeto cujo teor paradigmático deve ser ressaltado. Segundo Loparic⁶, deve-se entender a noção de paradigma como uma estrutura teórica que organiza a resolução de problemas. Para este filósofo a psicanálise está incumbida da resolução de problemas clínicos, portanto cada *autor-analista* parte do paradigma que lhe convém. Winnicott teoriza à respeito do desenvolvimento humano a partir do seguinte paradigma: o bebê no colo da mãe. Nesta visão o relacionamento mãe-bebê é considerado o alicerce para a constituição do psiquismo.

Se examinarmos a teoria winnicottiana tomando a noção de objeto como ponto de partida, podemos pensar que a construção deste conceito fornece um paradigma, o

⁶ Este parágrafo encontra-se baseado em notas tomadas durante a palestra intitulada "Masculino e Feminino: uma distinção-chave no paradigma winnicottiano" realizada em 23 de junho de 2001 no III Colóquio do espaço Winnicott.

qual nos permite compreender a formulação e a evolução do termo *self*⁷. Na concepção winnicottiana os termos *self* e *objeto* possuem evolução simultânea, ao passo que deve ser ressaltada a maneira segundo a qual o bebê gradualmente torna-se capaz de viver sem a dependência direta dos cuidados maternos. Isto acontece na medida em que a criança torna-se capaz de usar os objetos, ou seja, quando a criança passa a perceber objetivamente o que até então era subjetivamente concebido: é a partir do impulso agressivo aliado aos cuidados maternos que a dimensão objetiva é instalada. Quando a criança já é capaz de perceber a realidade como externa e diferente do eu, em suma, de forma objetiva, o objeto adquire autonomia podendo, então, ser usado.

Abordar o conceito de objeto na teoria winnicottiana requer uma incursão no terreno do desenvolvimento emocional infantil, onde Winnicott, a partir da noção de dependência, estabelece três sucessivos estágios de desenvolvimento: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. Da mesma forma a concepção winnicottiana de objeto pode ser dividida em três momentos: no início o objeto é subjetivamente percebido, em seguida este cede lugar ao objeto transicional que, finalmente, é sucedido pela percepção objetiva da realidade estabelecida através do uso de um objeto. Tal percurso, *do objeto subjetivo ao uso de um objeto*, será estudado a seguir.

⁷ Na obra de Winnicott não encontramos uma distinção esquemática entre os termos eu e *self*, o que o autor enfatiza é que ambos os conceitos não são dados *a priori*, são constituídos à medida em que o bebê vai relacionando-se com o ambiente. Segundo Abram (2000[1996]:220) o termo *self* na teoria winnicottiana pode ser entendido como o “sentir-se real”, ou seja, como uma descrição psicológica de como o indivíduo sente-se subjetivamente.

2.1 – A Noção de Objeto Subjetivo

O que chamei de 'objeto subjetivo' torna-se gradualmente relacionado a objetos que são objetivamente percebidos: mas isso sucede apenas quando uma provisão ambiental suficientemente boa, ou um 'ambiente expectável médio', capacita o bebê à loucura específica permitida aos bebês... (Winnicott,1975[1971]:102)

O conceito de objeto subjetivo está diretamente articulado aos primeiros relacionamentos estabelecidos entre o recém-nascido e o seu entorno. Segundo Winnicott tal relação inicia-se numa época em que o psiquismo ainda não encontra-se estruturado, desta forma o relacionamento primário com a realidade acontece quando o bebê entra em contato com o primeiro objeto de forma subjetiva: neste momento ainda não há uma distinção *eu-não-eu*. Portanto, o objeto subjetivo ao mesmo tempo *é e não é um objeto*, e também, *é e não é subjetivo*.

Essa descrição traz consigo a sutileza das idéias winnicottianas onde encontramos implícita a noção de paradoxo e, conseqüentemente, suas vicissitudes clínicas. Para o estudo do objeto subjetivo é importante ter como eixo de investigação o meio ambiente e os processos ocorridos na mãe e no bebê, já que no começo da vida o bebê forma com o ambiente, ou melhor, com os cuidados maternos uma unidade.

Winnicott salienta a importância do meio ambiente, cujo papel desempenhado pode ou não, facilitar o desenvolvimento infantil. De acordo com a teoria winnicottiana, devemos entender ambiente como sinônimo de cuidados maternos e vice-versa, já que no início a mãe funciona, tanto em termos biológicos quanto em termos psicológicos, como o primeiro ambiente para o bebê. Com a criança ainda no útero ou no colo sendo segura e cuidada, a mãe fornece o ambiente físico que gradualmente torna-se psicológico. Os cuidados fornecidos pela *mãe-ambiente* associados a uma tendência ao

desenvolvimento herdada pelo bebê, denominada potencial herdado, permitem que o *self* vá se constituindo.

A mãe que se ocupa de seu filho de forma ordinária é parte essencial da teoria winnicotiana, visto que num primeiro momento cabe a ela estar disposta a atender às necessidades da criança e, posteriormente ir frustrando-a gradativamente de acordo com o seu ritmo de tolerância. Em 1956, em seu artigo sobre “A preocupação materna primária”, Winnicott descreve um estado especial em que a mulher grávida sadia ingressa pouco antes de dar a luz, salientando ser um estado fundamental para o oferecimento de um ambiente especializado, próprio para o desenvolvimento emocional da criança. Este estado, cuja duração não ultrapassa algumas semanas após o nascimento do bebê é denominado *preocupação materna primária*.

Essa condição organizada (que seria uma doença no caso de não existir uma gravidez) poderia ser comparada a um estado de retraimento ou de dissociação, ou a uma fuga, ou mesmo um distúrbio num nível mais profundo, como por exemplo um episódio esquizóide, onde um determinado aspecto da personalidade toma o poder temporariamente. Gostaria muito de encontrar um bom nome para esta condição, e propor que ele seja adotado como algo a ser levado em consideração toda vez que fosse feita referência à fase inicial da vida do bebê. Não acredito que seja possível compreender o funcionamento da mãe no início mesmo da vida do bebê sem perceber que ela deve alcançar esse estado de sensibilidade exacerbada, quase uma doença, e recuperar-se dele. (Winnicott,2000[1956]:401).

A partir desse estado aguçado de sensibilidade a mãe torna-se capaz de identificar-se ativamente com as necessidades do bebê, estabelecendo assim, um tipo refinado de sintonia: “em grande parte, *ela é o bebê e o bebê é ela*⁸. E não há nada de místico nisso (...)” (Winnicott,1996[1966]:4). O bebê, por sua vez, é completamente dependente do cuidado materno para sobreviver, ao ponto de não diferenciar-se de tais cuidados. Em 1945, no artigo “Desenvolvimento Emocional Primitivo”, Winnicott

⁸ Grifos meus.

postula um estado inicial de indiferenciação entre *eu-não-eu* cuja unidade não é o bebê, mas sim o conjunto ambiente-indivíduo, visto que nessa época é indiferente saber se existe ou não alteridade. Posteriormente, em 1960, no artigo intitulado “A teoria do relacionamento paterno-infantil”, o termo dependência absoluta é utilizado para denominar esse período em que o lactente apenas existe devido aos cuidados fornecidos pela *mãe-ambiente*, mas que ainda não são percebidos como tais, e sequer se são bem ou mal desempenhados.

Diante disso o autor afirma que, primordialmente, mãe e bebê são a mesma coisa, estão fundidos, ou seja, o bebê e o ambiente formam uma unidade: “Isso que chamam de bebê não existe” (Winnicott,2000[1952]:165). A noção de objeto subjetivo permite uma melhor compreensão desta afirmação. O conceito em questão está situado numa época em que ainda não há exterioridade, em tal momento a experiência psíquica é concebida a partir da mais simples de todas as experiências, a experiência de ser. No âmbito da teoria winnicottiana o conceito de objeto subjetivo é bastante próximo dos conceitos de ser e de elemento feminino puro.

Em 1966 no texto “A mãe dedicada comum”, Winnicott esclarece o sentido do termo ser⁹. A palavra ser seria, portanto, utilizada no sentido de existir, tendo em vista que no princípio o recém-nascido ainda não possui uma existência individualizada: “O importante é que eu sou *não significa nada, a não ser que eu*, inicialmente, *seja juntamente com outro ser humano* que ainda não foi diferenciado” (Winnicott,1996[1966]:9). A experiência de ser é “a mais simples de todas as experiências, a que se baseia no *contato sem atividade*¹⁰(...)” (Winnicott,1996[1966]:5). Este termo, *contato sem atividade*, pode ser entendido como algo que pertence ao

⁹ É importante ressaltar que a expressão em inglês é *going on be* que significa estar sendo, dando a idéia de movimento e continuidade.

período inaugural da vida humana, onde tudo é vivido de maneira tão rudimentar ao ponto de não pertencer ainda ao âmbito pulsional. Winnicott concebe os primórdios da experiência psíquica em um nível não-pulsional, o qual possibilita a experiência de ser.

Em 1975 em seu texto “A criatividade e suas origens”, Winnicott aborda a questão do ser e da experiência não-pulsional, situando-a ao lado daquilo que denomina como *elemento feminino puro*. O autor parte da premissa de que em qualquer sujeito, independente do sexo, existem elementos femininos e masculinos pertencentes ao *self*. Ao analisar um sujeito masculino, Winnicott percebe que estava em contato com um elemento não-masculino: “Percebi que lidava com o que poderia ser chamado de *elemento feminino puro*. A princípio surpreendeu-me que pudesse chegar a isso unicamente pela observação do material apresentado por um paciente masculino” (Winnicott,1975[1971]:109). O elemento feminino e masculino puro podem ser comparados e contrastados:

Desejo dizer que o elemento que estou chamando de ‘masculino’ transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto. É no desenvolvimento dessa idéia que falamos de impulso instintivo na relação do bebê com o seio... Em contraste, o elemento feminino puro relaciona-se com o seio (ou com a mãe) no sentido que o *bebê torna-se o seio* (ou a mãe), *no sentido de que o objeto é o sujeito*. Não consigo ver impulso instintivo nisso (Winnicott,1975[1971]:113).

Winnicott aproxima esta sua concepção do início da experiência psíquica ao conceito de identificação primária de Freud. Winnicott define com clareza o que acontece com o bebê nesse processo:

O bebê (...) identifica-se com a mãe nos momentos calmos de contato, que é menos uma realização do bebê que um resultado do relacionamento que a mãe possibilita. Do ponto de vista do bebê, nada existe além dele próprio, e portanto a mãe é inicialmente parte dele. Em outras palavras, há algo, aqui, que as pessoas chamam identificação primária. Isto é o começo de tudo, e confere significado a palavras muito simples, como ser (Winnicott,1996[1966]: 9).

¹⁰ Grifos meus.

O conceito de identificação primária pode ser entendido através da noção de elemento feminino puro, o qual, por sua vez, nos conduz ao conceito de ser. “Tratando-se do elemento feminino, contudo, a identidade exige tão pouca estrutura mental, que essa identidade primária pode constituir uma característica desde muito cedo, e o alicerce para o simples ser pode ser lançado (digamos assim) a partir da data do nascimento, ou antes (...)” (Winnicott,1975[1971]:115). Desse modo o elemento feminino puro, situado ao lado da experiência de ser, fornece o alicerce para o fazer, isto é, para o desenvolvimento das experiências pulsionais referentes ao elemento masculino puro da personalidade. Este último elemento faz parte do processo em o bebê estabelece uma distinção fundamentada sobre a separação *eu/objeto*, que torna possível a capacidade de fazer: “Após ser – fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo” (Winnicott,1975[1971]:120). No princípio só é possível ser em termos de elemento feminino puro, visto que na primeira relação com o seio materno, *o bebê é o seio*.

Aqui, nesse relacionamento do elemento feminino puro com o ‘seio’, encontra-se uma aplicação prática da idéia de objeto subjetivo, e a experiência a esse respeito abre caminho para o sujeito objetivo, isto é, a idéia de um eu (self) e a sensação de real que se origina do sentimento de possuir uma identidade (Winnicott,1975[1971]:114).

Segundo Winnicott o conceito de objeto subjetivo descreve o objeto primeiro, aquele “*ainda não repudiado como um fenômeno não-eu*” (Winnicott,1975[1971]:114). Tal idéia pertence a uma época em que interno e externo ainda não possuem existência separadas, pois quando mama o bebê alimenta-se num seio que também é parte dele: neste momento mãe e bebê formam uma *unidade dupla, a mãe é parte do bebê e este é parte dela*. Portanto o seio é *simultaneamente subjetivo e objetivo*. Para entender este

paradoxo contido na *unidade dupla* é necessário investigarmos o funcionamento da mãe e do bebê, observados pelo autor naquilo que ele denomina como a experiência da *primeira mamada teórica*:

Tentarei descrever nos termos mais simples de que modo vejo esse fenômeno. No contexto do relacionamento do bebê com o seio materno (...) o bebê tem impulsos instintivos e idéia predatórias. A mãe tem o seio e o poder de produzir leite, e a idéia de que ela gostaria de ser atacada por um bebê faminto. Esses dois fenômenos não estabelecem uma relação entre si até que mãe e bebê *vivam juntos uma experiência* (Winnicott,2000[1945]: 227).

Winnicott (2000[1945]:227) utiliza a expressão *momento de ilusão* a fim de fornecer uma explicação para tal experiência que pode ser considerada como *uma descrição do relacionamento primário do bebê com a realidade*. A mãe possui a função de proporcionar o contexto para que o bebê estabeleça um primeiro vínculo com a realidade de forma ilusória. Desse modo, enquanto a mãe atesta sua presença fornecendo o seio e o seu desejo de alimentar um bebê faminto, o bebê é capaz de conceber a idéia de que algo irá satisfazer sua necessidade: encontramos aqui uma área de *superposição* denominada *momento de ilusão*. Este momento pode ser entendido como “uma partícula de experiência que o bebê pode considerar *ou* como uma alucinação sua, *ou* como um objeto pertencente a realidade externa” (Winnicott,2000[1945]:227). De acordo com Winnicott somente uma *mãe suficientemente boa*¹¹ é capaz de identificar-se com as necessidades do bebê a ponto de apresentar o seio no momento propício para a ilusão. “Em outras palavras, o bebê vem ao seio, quando faminto, pronto para alucinar alguma coisa que pode ser atacada. Nesse

¹¹ Termo utilizado pelo autor no início dos anos cinquenta com intuito de estabelecer uma distinção da teoria kleiniana. Ao longo da obra winnicottiana este termo recebeu o estatuto de conceito. É utilizado para denominar uma mãe que desempenha a função de fornecer cuidados para o bebê de forma comum; aquela que não possui a qualidade de ser boa nem má, sendo suficiente em seus cuidados com o propósito de fornecer elementos para o desenvolvimento satisfatório da criança (Abram,2000[1996]:144).

momento aparece o bico real, e ele pode então sentir que esse bico era exatamente o que ele estava alucinando” (Winnicott,2000[1945]:227). É assim que a mãe fornece ao bebê a ilusão de que foi ele quem criou tal objeto. Este aspecto do cuidado materno funciona como alicerce para o desenvolvimento da percepção objetiva da realidade e, conseqüentemente, fornece a confiança necessária para o desenvolvimento da capacidade criativa.

A superposição dos processos na mãe e dos processos no bebê exemplificam a idéia de objeto subjetivo: “quando o elemento feminino no bebê (...) encontra o seio, é o eu (self) que foi encontrado” (Winnicott,2000[1975]:117). Dessa maneira *o eu é o objeto e o objeto é o eu*, pois para o bebê o seio é concebido subjetivamente como uma criação onipotente dele.

Em outras palavras, o seio é criado e recriado vezes sem conta pelo bebê a partir de seu amor ou (poderíamos dizer) de sua necessidade. *Desenvolve-se então um fenômeno subjetivo dentro do bebê, que podemos chamar de 'seio da mãe'*¹². A mãe coloca o seio real justamente ali onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento certo. (Winnicott,2000[1951]: 327).

Deste ângulo o seio da mãe é interno, mas do ponto de vista de um observador o seio da mãe é externo¹³. Esta constatação remete-nos ao que já foi dito: o objeto subjetivo ao mesmo tempo *é e não é um objeto*, e também, *é e não é subjetivo*. Em 1951 no artigo “Objetos e fenômenos transicionais”, Winnicott nos alerta que este tipo de paradoxo é um fenômeno que não deve ser questionado na primeira infância, pois primeiro é necessário permitir ao bebê atingir esse tipo de loucura, definido

¹² Grifos meus.

¹³ Em uma nota de rodapé encontrada no artigo de 1951 sobre os “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, Winnicott esclarece que o fenômeno subjetivo definido pela expressão “seio da mãe” engloba tanto a técnica de maternagem, quanto o seio físico propriamente dito (Winnicott,2000[1951]:327).

anteriormente como momento de ilusão, para depois, gradualmente, pedir-lhe que distinga entre o que é subjetivo e o que é objetivo. Deste modo Winnicott (2000[1951]) propõe uma área intermediária situada exatamente entre o que é subjetivamente concebido e o que é objetivamente percebido; área esta ocupada pelos objetos transicionais. A natureza de tais objetos será abordada na próxima parte deste capítulo, por enquanto é oportuno ressaltar que na problemática em questão é menos relevante avaliar a antiga e recorrente questão dualística entre interno e externo, do que os efeitos que o conceito de objeto subjetivo traz para o desenvolvimento primitivo do bebê e para a clínica psicanalítica. Para Winnicott o desenvolvimento infantil está articulado diretamente ao *interno-externo*, ou seja, ao potencial herdado e aos cuidados de uma mãe suficientemente boa. O lactente nasce com um com uma tendência à integrar-se, mas isto só é realizado sob os cuidados de uma mãe suficientemente boa detentora da tarefa de proporcionar um ambiente de *holding*¹⁴, o qual é capaz de atender às necessidades físicas e psicológicas do bebê.

Na concepção winnicottiana a integração só é um fato quando há separação. Este é um outro paradoxo, onde a agressividade possui um papel relevante. De acordo com a descrição do momento de ilusão já mencionada, percebe-se que o impulso destrutivo é um dos fatores que propiciam o lactente a criar. Primeiro *um bebê faminto ataca o seio*, posteriormente, além de criar o seio quando ataca, o bebê será capaz de vincular o objeto criado à realidade externa. Este percurso é intermediado pelos objetos transicionais, os quais abordaremos a seguir.

¹⁴ A palavra *holding* é utilizada no sentido do verbo *to hold*, que possui os seguintes significados compatíveis com a idéia do autor: segurar, agüentar, sustentar e conter. Este termo deve ser entendido

2.2 – O Conceito de Objeto Transicional

Espero que se entenda que não me refiro exatamente ao ursinho da criança pequena ou ao primeiro uso que o bebê dá a seu punho (polegar, dedos). Não estou estudando especificamente o primeiro objeto das relações de objeto. Estou interessado na primeira possessão e na área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido (Winnicott,1975[1971]:15)

Para examinarmos a teoria winnicotiana o conceito de objeto transicional torna-se uma peça fundamental, pois é a partir de seu uso que se inicia o processo de distinção *eu-não-eu*. Tal divisão, imprescindível para o desenvolvimento infantil, inicia-se no momento em que o bebê abandona o estágio de dependência absoluta para ingressar no estágio em que é relativamente dependente do meio-ambiente, ou seja, dos cuidados maternos. Nessa passagem deve ser destacado o modo pelo qual o bebê torna-se capaz de viver sem a dependência direta dos cuidados maternos. Isto acontece na medida em que a criança passa a fazer uso da experiência descrita como o *momento de ilusão*, experiência essa que recebe forma com a elaboração do conceito de objeto e fenômenos transicionais¹⁵ (Winnicott,2000[1945]:227).

Winnicott aborda o conceito de objeto transicional pela primeira vez em 1951 no artigo “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, mas de acordo com Khan (2000[1958]:18) é possível encontrar no texto de 1941 “A observação de bebês numa situação padronizada” as primeiras elaborações à respeito dessa área de pesquisa. Neste último, Winnicott analisa o comportamento de bebês entre cinco e treze meses de idade

como uma provisão ambiental que abrange particularidades do cuidado materno, as quais incluem tanto a provisão física quanto à psicológica.

¹⁵ Winnicott não estabelece uma distinção entre objetos e fenômenos transicionais, o que torna possível entendermos estes dois termos quase como equivalentes, pois o importante não é o objeto em si, tal como

em uma situação criada por ele: uma espátula reluzente é colocada no canto da mesa de forma que esteja ao alcance do bebê, quer dizer, se o bebê desejar pegar a espátula isto pode ser possível sem a contribuição da mãe.

Diante desta situação exposta em “A observação de bebês numa situação padronizada”, Winnicott efetua uma divisão artificial da seqüência de eventos esperada no comportamento normal da criança. No primeiro estágio é esperado haver um conflito indicado pelo chamado *período de hesitação*, onde o bebê encontra-se num dilema: “Ou ele pousa sua mão sobre a espátula e, com os olhos bem abertos olha para mim e para a sua mãe, observa e espera, ou então, em certos casos, retira completamente o seu interesse e enterra a cara na blusa da sua mãe” (Winnicott,2000[1941]:114). A passagem do primeiro para o segundo estágio observado na situação padrão é gradual e marcante: “Nele, o bebê sente-se possuidor da espátula, podendo dominá-la à sua vontade ou usá-la como uma extensão de sua personalidade” (Winnicott,2000[1941]:129-130). Fato que está associado ao controle onipotente descrito como o momento de ilusão, o qual o bebê concebe como uma criação sua o aparecimento do seio no exato lugar em que o esperava para satisfazer suas necessidades (Abram,2000[1996]:129). Ainda neste estágio, Winnicott nos indica que o desejo pela espátula é aceito pela criança quando acontece uma mudança da expectativa do período de hesitação para a autoconfiança, anunciada pelo interior da boca de onde a saliva flui intensamente até que a espátula seja levada à boca e mastigada. Geralmente no terceiro estágio o bebê sente que está de posse da espátula, joga-a no chão obtendo uma grande satisfação com este ato. “Se ela é devolvida ele fica contente, brinca com ela novamente e a deixa cair mais uma vez (...) Quando ela lhe é devolvida de novo, ele

o ursinho de pelúcia, mas sim o uso feito da primeira posseção não-eu, a qual pode ser tanto uma música quanto um ursinho.

a joga propositalmente, e fica entusiasmadíssimo por conseguir livrar-se dela dessa forma agressiva (...)” (Winnicott,2000[1941]:115). Finalmente o bebê pede para brincar com a espátula no chão, ou perde o interesse por ela. Este último estágio está relacionado ao repúdio do objeto, e a espátula, deste modo, pode ser considerada como um representante do objeto transicional (Abram,2000[1996]:130). A agressividade, associada à forma como este objeto é usado, possui um papel relevante para a integração do bebê e, para sua existência como pessoa separada dos cuidados maternos. Em 1969, no artigo “O uso de um objeto e relacionamento através de identificações”, Winnicott concebe a destruição do objeto, descrita acima pelo uso agressivo da espátula, seguida de uma atitude de contentamento, como sinal de uma das etapas que capacitam a criança a usar objetos e percebê-los como parte da realidade externa.

A partir da descrição desses três estágios feita em “A observação de bebês numa situação padronizada”, foi possível encontrar os rumores das primeiras elaborações efetuadas por Winnicott a cerca de sua teoria sobre o conceito de objeto. Numa leitura da descrição winnicottiana dos eventos esperados no comportamento normal da criança diante da espátula, Khan (2000[1958]:19) salienta a observação do período de hesitação como algo que contém a essência do conceito de objetos e fenômenos transicionais. Ao analisar o caso de *Margaret*, um bebê de sete meses de idade que sofria de ataques de asma, Winnicott afirma que durante a situação padrão foi possível observar o momento em que aconteceu o ataque de asma: “*Este aconteceu, nas duas ocasiões, durante o período em que a criança hesitou quanto a pegar a espátula*” (Winnicott,2000[1941]:119). A partir de então, Winnicott deduz que os ataques de asma estavam associados ao período de hesitação, o que implicaria num conflito diante do impulso de pegar a espátula que teria surgido e sido controlado nas duas ocasiões. O

autor atribui à hesitação “um claro sinal de ansiedade”, significando que “o bebê espera fazer aparecer” algo (Winnicott,2000[1941]:120). É este algo, sobre o qual a ansiedade incide, que Winnicott vai investigar ao correlacioná-lo aos processos ocorridos na diarreia: tais processos não são apenas fisiológicos, ocorrem também no nível inconsciente, ou mais especificamente em uma área definida pelo autor como *algum lugar*. “Algum lugar significa tanto dentro quanto fora dele – em geral simultaneamente dentro e fora” (Winnicott,2000[1941]:123). Sendo assim, é possível entender que o período de hesitação acontece em *algum lugar*, isto é, numa área intermediária que não é nem dentro nem fora. Esta é, em 1951, descrita como o espaço ocupado pelos objetos e fenômenos transicionais.

O período de hesitação também é enfatizado por Khan (2000[1958]) como algo que descortina a essência do material contido em “Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil”. Neste livro publicado em 1971, encontramos uma série de casos analisados por Winnicott que apresentam a essência do jogo do rabisco, que “é o modo como Winnicott cria um espaço, um espaço transicional, onde esse ‘período de hesitação’ não apenas está plenamente presente, como é estimulado por ele até desabrochar num gesto criativo, o rabisco” (Khan,2000[1958]:19). Em 1989, no artigo publicado postumamente intitulado “O jogo do rabisco”, é possível encontrar os aspectos fundamentais deste jogo, cujo uso foi chamado de consultas terapêuticas, a fim de distingui-las da psicanálise propriamente dita. Winnicott, na tentativa de descrever o jogo dos rabiscos, esforça-se, em deixar explícito a falta de regras do mesmo: “ Digo: ‘Este jogo que gosto de jogar não tem regras. Pego apenas o meu lápis e faço assim...’ e provavelmente aperto os olhos e faço um rabisco às cegas. Prossigo com a explicação e digo: Mostre-me se se parece com alguma coisa a você ou se pode transformá-lo em algo; depois,

faça o mesmo comigo e verei se posso fazer algo com o seu rabisco (Winnicott,1994[1989]:232). Cabe a quem conduz o jogo executar a tarefa de *holding* que neste contexto significa oferecer à criança um ambiente capaz de proporcionar a oportunidade dela, gradualmente, surpreender-se com seus próprios sentimentos e idéias que vão surgindo de forma mais integrada com o decorrer do jogo. Winnicott vincula o conteúdo obtido durante o jogo dos rabiscos ao estágio de dependência absoluta, onde o *self* do bebê ainda não encontra-se totalmente integrado. Dessa maneira ao examinar a forma final dada aos rabiscos, Winnicott observa a existência de uma certa integração, afirmando que freqüentemente “o resultado de um rabisco é satisfatório em si mesmo. Assemelha-se então a um ‘objeto encontrado’¹⁶(...)” (Winnicott,1994[1989]:232). Tal objeto encontrado no jogo dos rabiscos leva-nos, naturalmente, à idéia winnicottina de 1941, exposta em “A observação de bebês numa situação padronizada”, em que o objeto encontrado consiste em algo que o bebê espera fazer aparecer quando hesita em pegar a espátula. De acordo com Khan (2000[1958]:20), Winnicott acrescenta o objeto encontrado como um novo elemento ao jogo da espátula quando postula, em 1945, o então chamado momento de ilusão: “É deste ponto específico que ele iria dar o passo seguinte, de cristalizar o conceito de objeto e fenômeno transicionais” (Khan,2000[1958]:20).

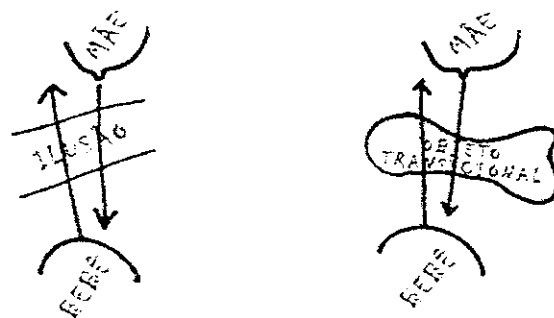
Em 1945, em seu artigo “Desenvolvimento emocional primitivo”, Winnicott ao abordar as primeiras experiências observadas no relacionamento mãe-bebê elabora uma minuciosa descrição do momento de ilusão. De acordo com o que foi visto quando examinamos o conceito de objetos subjetivos, este momento faz parte do que é experimentado pelo bebê durante a *primeira mamada* teórica. Este último termo é utilizado por Winnicott para exemplificar metaforicamente os primórdios do gradual

¹⁶ Grifos meus.

processo de adaptação do bebê à realidade: o bebê mama num seio que é parte dele e a mãe alimenta um bebê que é parte dela.

Imagino esse processo como se duas linhas viessem de direções opostas, podendo aproximar-se uma da outra. Se elas se superpõem, ocorre um momento de ilusão – uma partícula de experiência que o bebê pode considerar ou como uma alucinação sua, ou como um objeto pertencente à realidade externa (Winnicott,2000[1945]:227).

De acordo com o autor cabe à mãe a tarefa de produzir esta experiência que pode resultar no estabelecimento do primeiro vínculo entre o bebê e um objeto externo. Deste modo, a mãe através de uma adaptação suficientemente boa, proporciona ao bebê a possibilidade de ter a ilusão de que o seio é uma parte dele, fruto de sua própria criação. Em 1951, no artigo “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, Winnicott retoma o tema da ilusão esclarecendo o seu valor ao dar-lhe uma forma com a finalidade de ilustrar a “superposição entre o que a mãe fornece e o que o bebê é capaz de conceber” (Winnicott,2000[1951]:328).



O primeiro desenho¹⁷ demonstra a área de ilusão, cuja existência é fruto da apresentação do objeto efetuada pela mãe, que encontra-se no estado de *preocupação materna primária* e o segundo introduz o objeto transicional no lugar ocupado pela área

de ilusão, fornecendo assim uma estrutura para esta (Abram,2000[1996]:259). Nestas figuras observamos que Winnicott ao postular o objeto transicional como uma forma dada ao momento de ilusão, situa-os numa mesma área. No artigo em questão, Winnicott afirma ter introduzido a expressão *objetos e fenômenos transicionais* para designar uma área intermediária entre o que é subjetivamente concebido e o que é objetivamente percebido:

(...) A região intermediária à qual estou me referindo é aquela que é liberada para o bebê entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade. Os fenômenos transicionais representam os primeiros estágios do uso da ilusão, sem a qual não há para o ser humano sentido algum na idéia de um relacionamento com um objeto percebido pelos outros como externo a ele (Winnicott,2000[1951]:327).

Segundo Winnicott o exame de um estado intermediário que abarca uma zona de experimentação situada exatamente no hiato entre *interno-externo* pode ser entendido como o estudo da substância da ilusão, a qual inicialmente é imprescindível para o desenvolvimento do bebê. É a partir do gradual e crescente uso feito das experiências ilusórias, agenciado pela mãe, que o bebê desenvolve um fenômeno subjetivo chamado “seio da mãe”, que o torna capaz de entrar em contato com os objetos transicionais (Winnicott,2000[1951]:327).

Em 1971, no livro *O Brincar e a Realidade*, Winnicott parte de um estudo anterior de 1951, “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, transformando em primeiro capítulo, e que consiste num exame da área intermediária situada entre os fenômenos auto-eróticos observados durante os primeiros meses de vida do bebê e o que acontece após algum tempo, mais especificamente, quando os bebês começam a brincar com objetos. Winnicott esforça-se no sentido de deixar claro que a questão investigada não deve ser entendida como um estudo do primeiro objeto não-eu, mas sim

¹⁷ Este desenho foi retirado da primeira versão do texto “Objetos e fenômenos transicionais”. Cf. p328.

do uso feito desta primeira possessão: “Essa primeira possessão está relacionada, retroativamente no tempo, com fenômenos auto-eróticos e ao sugar o punho e o polegar, e também, para frente, ao primeiro animal ou boneco macios e aos brinquedos duros” (Winnicott,1975[1971]:29). Winnicott descreve uma ampla variação na seqüência desses eventos e na adoção de objetos transicionais, ressaltando uma certa preocupação de sua parte em fornecer exemplos de objetos e fenômenos transicionais devido ao fato de que tais exemplos possam fixar modelos e cristalizar processos que apesar de serem universais possuem uma variabilidade incalculável (Winnicott,1975[1971]:10).

Do auto-erotismo ao primeiro brinquedo, Winnicott esclarece a natureza e a localização do objeto de seu estudo: “O objeto transicional não é um objeto interno (que é um conceito mental) – é uma possessão. Tampouco é (para o bebê) um objeto externo” (Winnicott,1975[1971]:24). De acordo com o autor um objeto transicional pode ser usado quando um objeto interno – subjetivo – é real, ou seja quando o bebê já é capaz de criá-lo, mas isto depende da existência do objeto externo – o seio materno apresentado no instante propício ao momento de ilusão. Deste modo, o objeto transicional “pode, portanto, representar o ‘seio externo’, mas *indiretamente*, por ser representante de um ‘seio interno’ ” (Winnicott,1975[1971]:24). Esta descrição revela o paradoxo contido no conceito de objeto transicional, justamente por este não fazer parte e nem ser distinto do eu. Em outras palavras pode-se dizer que o objeto e os fenômenos transicionais estão localizados na fronteira entre o interno e o externo, ou mais especificamente na área intermediária onde o objeto “jamais está sob controle mágico, como o objeto interno, nem tampouco fora de controle, como a mãe real” (Winnicott,1975[1971]:24).

Segundo Winnicott tais paradoxos não devem ser questionados, devem ser aceitos, tolerados, mas não resolvidos. Ao postular o paradoxo envolvido no uso feito pelo bebê dos objetos transicionais, Winnicott reivindica a existência de um espaço entre o que é subjetivamente concebido e a aceitação da realidade, anunciando a necessidade da criação de um triplo enunciado que substitua o interno e o externo contidos no duplo enunciado da natureza humana: “ a terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de *experimentação*, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa” (Winnicott,1975[1971]:15). Esta área de não questionamento, que engloba os objetos e fenômenos transicionais, deve ser considerada como um campo neutro e incontestável¹⁸. “*Do objeto transicional, pode-se dizer que se trata de uma questão de concordância, entre nós e o bebê, de que nunca formulemos a pergunta: ‘Você concebeu isso ou lhe foi apresentado a partir do exterior?’ O importante é que não se espere decisão alguma sobre esse ponto. A pergunta não deve ser formulada*” (Winnicott,1975[1971]:28).

Nos primórdios do desenvolvimento infantil a área descrita acima é necessária para o estabelecimento gradual de um relacionamento *eu-não-eu*, o qual é propiciado pelo uso dos objetos transicionais. No artigo “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, Winnicott fornece-nos uma descrição da singularidade observada na produção de um objeto transicional, na qual normalmente espera-se uma tendência do bebê de entremear os objetos subjetivos aos objetos “diferentes-de-mim”: um bebê pode

¹⁸De acordo com Winnicott o paradoxo envolvido neste campo de experimentação quando aceito, isto é, quando não questionado, geralmente pode ter um valor positivo para o desenvolvimento emocional humano. Mas caso seja solucionado conduz à organização defensiva organizada sob a forma do verdadeiro e falso *self* (Winnicott,1975[1971]:30). O conceito de falso e verdadeiro *self* foi elaborado por Winnicott em sua última década de vida, de forma que o primeiro consiste numa estrutura defensiva do segundo, o qual apresenta-se como uma posição teórica, desde que haja alguma organização mental, a partir da qual surge o gesto espontâneo, propiciando o ser criativo e o sentir-se real (Abram,2000[1996]:220-37).

chupar o polegar enquanto que “com a outra mão (...) leva um objeto externo (uma parte do lençol ou do cobertor, digamos) à boca juntamente com ou dedos” (Winnicott,1975[1971]:16). Neste momento pode-se marcar, digamos assim, o nascimento da subjetividade: “Tudo isso estou chamando de fenômenos transicionais. De tudo isso (...) pode surgir alguma coisa ou algum fenômeno (...) Talvez um objeto macio ou outro tipo de objeto, tenha sido encontrado e usado pelo bebê tornando-se então aquilo que estou chamando de objeto transicional” (Winnicott,1975[1971]:17). Este ponto é crucial para o esclarecimento do conceito de objetos transicionais, pois tal objeto não consiste na coisa em si, ou seja, no ursinho ou no cobertor que o bebê usa, mas sim no uso feito destes. Dito de outra forma: os objetos transicionais são produzidos como consequência do uso feito pelo bebê dos processos experimentados na área de ilusão. A partir daí, pode-se vincular o início da atividade de pensar e fantasiar ao uso dos objetos e fenômenos transicionais, efetuado ao longo do processo de transição da área de ilusão, onde o bebê vive num estado de dependência absoluta, ao estado de dependência relativa, onde gradualmente o bebê experimenta a desilusão que o ajuda a estabelecer uma distinção do ambiente, por sua vez, resumido aos cuidados maternos.

A partir desse ponto, torna-se conveniente destacar o que foi postulado por Winnicott sobre a relação das experiências transicionais com o simbolismo, pois além do início da construção da fantasia coincidir com o processo de produção dos objetos transicionais, a criação destes últimos pode ser entendida como uma defesa contra a separação, concebida inicialmente como perda. Para ilustrar esta idéia, em 1971, Winnicott acrescenta ao artigo original sobre “Objetos e fenômenos transicionais”, um exemplo clínico do uso do cordão feito por um menino de sete anos, cuja descrição

demostra a relação estabelecida entre os objetos transicionais e a separação. Numa primeira entrevista os pais fornecem um quadro *quase completo* do desenvolvimento da criança, informando a Winnicott os acontecimentos que consideram de maior relevância para a série de sintomas apresentados pelo filho, os quais indicavam um distúrbio de caráter. Eis algumas informações importantes: aos três anos e três meses o menino sofre a primeira separação da mãe devido ao nascimento de sua irmã, logo em seguida, aos três anos e onze meses ocorre a segunda separação quando a mãe é operada, e, aos quatro anos e nove meses o menino sofre a terceira separação devido à permanência da mãe por dois meses num hospital psiquiátrico. Na primeira consulta o menino fornece através do jogo do rabisco um detalhe importante a ser acrescentado no quadro *quase completo* fornecido pelos pais. Segundo Winnicott o resultado do jogo dos rabiscos foi curioso: “tudo o que eu fazia era por ele traduzido em algo associado a cordão” (Winnicott,1975[1971]:32). Num segundo encontro com os pais, ao mencionar a preocupação observada da criança com o assunto do cordão, Winnicott toma conhecimento de algumas brincadeiras feitas pelo menino com este objeto que não foram informadas pelos pais devido à não atribuição de significado:

Contaram que o menino ficara obsedado com tudo que se referisse a cordão e, de fato, sempre que entravam numa sala, já esperavam descobrir cadeiras e mesas amarradas por ele; descobriram, por exemplo, uma almofada presa por um cordão à lareira. Disseram que a preocupação do menino com cordões estava gradativamente desenvolvendo-se numa nova característica, que os preocupava em vez de lhes despertar um interesse normal. Recentemente amarrara um cordão em torno do pescoço da irmã (a irmã cujo nascimento causara a primeira separação entre o menino e a mãe) (Winnicott,1975[1971]:33).

Winnicott analisa o uso que o menino faz do cordão como um manejo para lidar com a angústia suscitada pelo temor à separação, visto que o cordão, por possuir um significado simbólico – reúne, ajuda a embrulhar e retém o material não integrado –

pode ser usado, portanto, como uma forma de comunicação. Entretanto neste caso “a função do cordão está modificando-se de comunicação para *negação da separação*”, fato que ressalta o quanto a separação pode influenciar a produção dos objetos e fenômenos transicionais (Winnicott,1975[1971]:36). De acordo com Winnicott, o bebê possui a capacidade de tolerar a frustração causada pela falta da presença materna durante um certo espaço de tempo. Se a falta da mãe persistir por um limite maior ao tolerado pela representação interna que a criança possui, esta lembrança se esmaece e os objetos transicionais gradualmente são descatexizados. Neste caso o uso do cordão leva-nos a perceber “o exagero do uso de um objeto transicional como parte da negação de que haja ameaça de ele se tornar sem sentido” (Winnicott,1975[1971]:31). É evidente que há um significado simbólico, mas deve ficar claro que “o importante não é tanto seu valor simbólico, mas sua realidade. O fato de ele não ser o seio (ou a mãe), embora real, é tão importante quanto o fato de representar o seio (ou a mãe)” (Winnicott,1975[1971]:19). Portanto este paradoxo descortina um outro: ao mesmo tempo que o objeto transicional designa o início da construção fantasmática, ele introduz o processo de distinção entre fantasia e realidade que, finalmente, resulta na separação *eu/não-eu*.

O processo de distinção *eu/não-eu*, intermediado pelo uso dos objetos e fenômenos transicionais, pode ser entendido como parte do desenvolvimento infantil que, primordialmente, consiste no gradual abandono de um estado no qual a criança encontra-se completamente dependente dos cuidados maternos ao ponto de existir somente junto destes. Como foi mencionado na primeira parte deste capítulo, quando mãe e bebê vivem juntos a experiência da primeira mamada teórica, o seio pode ser criado naquele exato momento devido ao *holding* materno proporcionado pela

adaptação suficientemente boa da mãe às necessidades da criança. Desse modo, no começo cabe à mãe a tarefa de preparar o terreno para que o bebê experimente a ilusão de que foi ele o criador do seio e, posteriormente, iniciar de modo gradativo uma outra tarefa reveladora de seu fracasso: *a tarefa de agenciar a adaptação à realidade*. Em “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, Winnicott apresenta essa faceta do cuidado materno através do tema ilusão-desilusão que engloba as experiências infantis desde a concepção subjetiva à percepção objetiva da realidade. No princípio, de acordo com o autor, somente uma mãe suficientemente boa efetua uma adaptação quase completa às necessidades do bebê, propiciando-o a oportunidade deste iludir-se com a criação do objeto. Aos poucos pertence à mãe a função de desiludir o bebê ao desadaptar-se gradativamente das necessidades infantis a medida que o bebê vai adquirindo a capacidade de tolerar a frustração (Winnicott,1975[1971]:25). Neste contexto a frustração deve ser entendida como a capacidade do bebê de aceitar a realidade, isto pode significar a falta da presença materna traduzida pela sua gradativa falha em adaptar-se às necessidades infantis.

A tarefa de desilusão inicia-se à medida que o bebê, de um lado agenciado por uma mãe suficientemente boa e do outro impulsionado pela agressão, torna-se capaz de relacionar-se com objetos experimentados cada vez menos como fenômenos subjetivos e, cada vez mais percebidos como não-eu. É nesse sentido que a mãe torna-se distinta do bebê, pois ao desempenhar a tarefa de desiludi-lo adquire existência separada, fato que proporciona à criança a percepção objetiva da realidade. Diante destas considerações é necessário retornarmos ao texto “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” onde Winnicott enfatiza as experiências transicionais como algo que descreve “a jornada do bebê desde o puramente subjetivo até a objetividade, e parece-

me que o objeto transicional (ponta do cobertor, etc.) é o que percebemos dessa jornada de progresso no sentido de experimentação” (Winnicott,1975[1971]:19). Desta forma o objeto transicional pode ser considerado como o introdutor de um sentimento de *self* que requer, simultaneamente, integração do eu do bebê e, a separação deste dos cuidados maternos. Basta retornar às descobertas winnicottianas realizadas durante o jogo da espátula relatadas no artigo sobre “A observação de bebês numa situação padronizada” para perceber que “a descoberta feita por Winnicott dos fenômenos transicionais surgiu a partir da observação de como os bebês separavam-se das mães e desenvolviam um sentido de *self*”(Abram,2000[1996]:3).

O processo de separação mãe-bebê pode ser entendido a partir do caminho percorrido do objeto transicional ao uso do objeto. Neste percurso a agressividade e a função da mãe suficientemente boa possuem um papel fundamental devido ao fato de serem os elementos propiciadores da distinção estabelecida entre interno e externo, a qual possibilita o uso de um objeto. Segundo Khan (2000[1958]:22) esta noção desenvolvida em 1969 no trabalho “O uso de um objeto” pode ser considerada o desenvolvimento mais importante do pensamento posterior winnicottiano à cerca do conceito de objetos, pois é neste artigo que a diferença entre o relacionamento e o uso de um objeto é estabelecida. Tal questão abordaremos a seguir.

2.3 – O Uso do Objeto

A relação de objeto pode ser descrita em função da experiência do sujeito. A destruição do uso do objeto envolve a consideração da natureza deste. Ofereço a exame os motivos por que, em minha opinião, a capacidade de usar um objeto é mais apurada que a capacidade de relacionar-se a objetos; o relacionamento pode dar-se com um objeto subjetivo, mas o uso implica que o objeto faça parte da realidade externa (Winnicott, 1975[1969]:131).

O conceito do uso de um objeto, elaborado por Winnicott próximo ao final de sua vida, consiste no estabelecimento de uma distinção no que diz respeito à noção de relação de objeto. Como já foi mencionado, na fase de dependência absoluta o bebê é completamente dependente dos cuidados maternos, junto com os quais forma uma unidade. Neste período a relação com os objetos é estabelecida de forma subjetiva, isto significa que no estado de *preocupação materna primária* a mãe oferece o seio no exato momento em que a criança necessita e esta, por sua vez, concebe o seio como fruto de sua própria criação decorrente do controle onipotente da realidade. No período de *dependência relativa*, falhas graduais a esta adaptação passam a existir, promovendo assim uma desadaptação orientada para a percepção objetiva da realidade. Este fato só acontece quando a criança já é capaz de relacionar-se com objetos através de mecanismos projetivos, ou seja, de experimentar o que Winnicott denomina como *momento de ilusão*. Uma vez que estas coisas tenham se estabelecido é possível fazer referência ao *rumo à independência*, momento do desenvolvimento que nunca se dá por completo e no qual a criança, torna-se capaz de usar um objeto. Para ser usado o objeto deve ser percebido objetivamente, ou seja, como *coisa* que faz parte da realidade compartilhada.

O reconhecimento objetivo da realidade é estabelecido ao longo do processo de separação mãe-bebê intermediado pelos objetos e fenômenos transicionais. Como vimos na parte anterior, o objeto transicional é produzido exatamente no hiato estabelecido entre o momento de destruição do seio e da espera efetuada enquanto o bebê aguarda que o seio seja recriado ou reencontrado. Este intervalo pode ser considerado como propiciador da experiência de frustração que, quando bem dosada, permite a adaptação à realidade. Desta forma, o objeto transicional surge como evidência de um certo grau de externalidade, possibilitado pela abolição do controle onipotente realizado sobre o objeto quando este é subjetivamente concebido. Este fato capacita o bebê a usar os objetos. De acordo com Davis & Wallbridge (1982[1981]:83) para entendermos tal realização é necessário examinarmos as raízes da agressão e da destrutividade.

No artigo de 1950-55, "A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional", Winnicott postula a necessidade de um estudo das raízes muito primitivas da agressividade como a única forma para entender a agressão manifesta. A agressão, ao contrário do que é usualmente concebido, não é organizada como uma reação à raiva. Segundo Winnicott, no princípio a presença da agressão é incidental à satisfação, não possuindo ainda intencionalidade. Estamos nos referindo aqui, ao período de dependência absoluta, época em que as experiências de raiva e de frustração não são sentidas como tais, pois a integração do eu ainda não foi estabelecida. Somente quando isto acontece, a agressão pode ser considerada como responsabilidade do eu. A raiz do elemento destrutivo contido na agressão é expressa em termos de motilidade desde a vida intra-uterina, de modo que em sua origem a agressão é quase sinônimo de atividade: "O bebê dá pontapés dentro do útero: não se pode dizer que ele esteja abrindo o caminho para fora a pontapés. Um bebê de poucas semanas agita os braços:

não se pode dizer que ele esteja querendo golpear. O bebê mastiga os mamilos com suas gengivas: não se pode dizer que ele esteja pretendendo destruir ou machucar” (Winnicott,2000[1950-55]:289).

Sendo assim, é possível perceber que desde o estado mais primitivo a agressão faz parte das experiências do bebê, apesar deste não sentir-se responsável por tais. Vimos que no estado de dependência absoluta as experiências infantis só são sentidas como parte de si-mesmo devido ao apoio egóico materno estabelecido através do processo de identificação primária¹⁹. Deste modo no artigo “A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional”, Winnicott postula que uma parte da motilidade infantil, *x por cento*, é atendida ao fundir-se com as experiências inicialmente apoiadas pelo cuidado materno. “Por contraste, os 100-*x* por cento de motilidade não-fundidos *precisam encontrar oposição*”, isto é, *precisam não* ser atendidas (Winnicott,2000[1950-55]:298). Pois a motilidade, entendida como *uma parte de mim em direção ao outro*, quando sofre oposição “*precisa de algo para empurrar*, caso contrário permanecerá sem experiências e constituirá uma ameaça para o bem estar” (Winnicott,2000[1950-55]:298). De acordo com Winnicott esta oposição pode ser realizada quando há uma resistência do ambiente. Tal resistência deve ser efetuada de maneira suficientemente boa, possuindo uma permanência e um ritmo constante capazes de possibilitar o desenvolvimento de um padrão singular infantil. Portanto, a partir de uma quantidade bem dosada de cuidado negativo fornecido por uma mãe suficientemente boa, a experiência de *não* atendimento das necessidades infantis

¹⁹ Como já foi exposto na parte sobre os objetos subjetivos no período de dependência absoluta não faz sentido falar em satisfação ou frustração pois o bebê ainda não possui a capacidade de atribuir à mãe a autoria de suas funções, ou seja o bebê não é capaz de saber se é bem ou mal cuidado pela mãe e, nem se estas experiências possuem qualidade boa ou má. Nesta época o que importa para o bebê é se suas necessidades são ou não atendidas.

imposta pela realidade externa é introduzida, propiciando ao bebê a percepção dos objetos como separados de si-mesmo, e conseqüentemente, instalando a divisão eu/não-eu. “O ambiente suficientemente bom torna possível este desenvolvimento (...) pois a não ser que o ambiente tenha sido suficientemente bom, o ser humano não poderá diferenciar-se (...)” (Winnicott,2000[1950-55]:300).

Diante disso pode-se pensar que a primeira vivência de identidade exige oposição *eu/não-eu*, e isto implica na idéia de que é a partir do encontro com o *não-eu* que a criança descobre o *eu*. Para a criança lidar com a realidade de forma compartilhada é necessário não somente que os objetos sejam percebidos como externos e separados do eu, mas também, como permanentes no tempo e no espaço. Segundo Winnicott é através das experiências de oposição *eu/objeto* que este último pode ser percebido como externo, ou seja, como *não-eu*. No intuito de examinar o processo de atribuição de externalidade aos objetos, Winnicott em “A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional” recorre à sua experiência clínica observando que o analista sempre está em contato com os componentes eróticos e agressivos da pulsão, os quais não estão fundidos desde o início.

A conclusão imediata a extrair desta formulação é a de que nos estágios iniciais, quando o *Eu* e o *Não-eu* estão se constituindo, o componente agressivo é o que irá, geralmente, conduzir o indivíduo rumo a um objeto ou a um *Não-eu* que ele sentirá como externos (Winnicott,2000[1950-55]:301).

Para entender como a agressão, expressa primordialmente em termos de motilidade, contribui para separação mãe-bebê deve-se primeiramente recorrer à distinção efetuada por Winnicott entre a localização do potencial erótico e do potencial agressivo. De acordo com Winnicott em “A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional” o potencial erótico é aproximadamente o mesmo para cada

bebê e pode ser localizado em zonas; entretanto uma equivalência referente ao potencial agressivo não pode ser estabelecida. “Algo no campo da agressividade que corresponda ao potencial erótico só poderá ser encontrado nos impulsos do feto, ou seja naquilo que leva o feto mover-se em vez de ficar quieto: a vitalidade dos tecidos e os primeiros indícios de erotismo muscular. Precisamos aqui de um termo semelhante a ‘força vital’” (Winnicott,2000[1950-55]:303). Ao considerar as vicissitudes desta força vital, Winnicott postula que na vida intra-uterina a quantidade de oposição encontrada pelo feto o conduz gradualmente ao encontro do ambiente: “(...) os impulsos do feto levam à descoberta de que existe um ambiente, sendo este último a oposição encontrada pelo movimento e sentida durante o movimento. A consequência, aqui, é um reconhecimento precoce de um mundo *Não-eu*, e uma instauração precoce do *Eu*” (Winnicott,2000[1950-55]:303). A partir destas considerações, Winnicott, no final do artigo em questão, chega a seguinte conclusão: “É o elemento agressivo ou destrutivo no impulso fundido que fixa o objeto e determina a necessidade da presença, da satisfação e da sobrevivência do parceiro” (Winnicott,2000[1950-55]:304). Segundo Abram (2000[1996]:16) esta conclusão antecipa o conceito winnicottiano desenvolvido em 1969 no artigo sobre “ O uso de um objeto e seu relacionamento através de identificações”.

No ponto em que se encontra o desenvolvimento deste texto é possível perceber que na concepção winnicottiana é a agressão que cria a exterioridade. No artigo de 1969, “ O uso de um objeto e seu relacionamento através de identificações”, Winnicott examina a destruição como sendo um aspecto essencial do desenvolvimento infantil que possibilita a mudança do relacionamento para o uso do objeto: “depois de o sujeito relaciona-se com o objeto, temos ‘o sujeito destrói o objeto’(quando se torna externo), e,

então, podemos ter ‘*o objeto sobrevive à destruição pelo sujeito*’ ” (Winnicott,1975[1969]:126). Neste momento torna-se necessário esclarecer que sobreviver à destruição significa não retaliar, e deste modo “a destruição de um objeto que sobrevive, que não reagiu nem desapareceu, conduz ao uso” (Winnicott,1994[1969]:190). Portanto, deve ficar claro que na concepção winnicottiana “a destruição desempenha um papel na criação da realidade, colocando o objeto fora do eu (self)” (Winnicott,1975[1969]:127).

Para entendermos o valor positivo da destrutividade postulado por Winnicott, torna-se necessário examinarmos como esta contribui para a aquisição do senso de permanência dos objetos, fato que pode ser investigado a partir da relação mãe-bebê. Em 1963 em seu texto “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar”, Winnicott esclarece que a palavra preocupação indica tanto uma atitude de atribuir importância, assim como um sentimento de responsabilidade da criança perante à realidade compartilhada. Na concepção winnicottiana para uma criança tornar-se capaz de preocupar-se com objetos é necessário que ela já seja capaz de combinar as experiências eróticas e agressivas relativas ao mesmo objeto.

Na ocasião em que isto se torna um fato no desenvolvimento da criança, o lactente se tornou capaz de experimentar ambivalência na fantasia, bem como nas funções corporais das quais a fantasia é, originalmente, uma elaboração. Além disso, o lactente está começando a se relacionar com objetos que são, cada vez menos, fenômenos subjetivos e cada vez mais, percebidos como elementos ‘não-eu’. Ele começou a estabelecer um *self*, uma unidade que está contida fisicamente na pele do corpo e que está psicologicamente integrada. A mãe se tornou agora – na mente da criança – uma imagem coerente e, o termo objeto total pode ser agora utilizado (Winnicott,1990[1963]: 72).

Winnicott em “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar” supõe que existem inicialmente, antes de tais aquisições descritas, duas mães cujos nomes são dados pelas expressões, “mãe-objeto” e “mãe-ambiente”, utilizadas para descrever a

diferença entre os dois aspectos do cuidado materno: “a mãe como objeto, ou possuidora do objeto parcial que pode satisfazer as necessidades urgentes do lactente, e a mãe como pessoa que evita o imprevisto e que ativamente provê o cuidado de suster e do manejo global” (Winnicott,1990[1963]:72). Segundo Winnicott a capacidade de se preocupar consiste na união das experiências provenientes da mãe-objeto e da mãe-ambiente. Em outras palavras, quando a fusão dos componentes eróticos e agressivos é estabelecida a criança já é capaz de perceber a mãe em seu aspecto total, atribuindo assim, permanência e externalidade à ela. Desta forma, através da percepção do *não-eu*, o *eu* é concebido: ao perceber a existência individual da mãe, o bebê percebe-se com ser uno e distinto dos cuidados maternos. Mas isto só é possível na medida em que a mãe continua viva e disponível, sobrevivendo aos ataques destrutivos do bebê. Basta examinarmos o que acontece com o bebê ao abrir e fechar os olhos para entender a conexão da idéia de destruição com o senso de permanência dos objetos: ao fechar os olhos o bebê destrói a realidade, ao passo que quando abre os olhos as coisas permanecem as mesmas – o que contribui para o senso de permanência da realidade externa (Davis & Wallbridge,1982[1981]:83). Da mesma forma podemos entender o que se passa com o bebê entre o intervalo de uma e outra mamada: ao final da mamada, quando o bebê está satisfeito, o seio é destruído. Se o bebê faz uso dos objetos e fenômenos transicionais o seio destruído que aguarda o momento de ser recriado pode sobreviver, possibilitando assim, o uso do objeto²⁰. “Neste ponto de desenvolvimento que examinamos aqui o sujeito está criando o objeto no sentido de descobrir a própria externalidade, e há que acrescentar que essa experiência depende da capacidade do

²⁰ É necessário lembrar que o objeto transicional possui um certo grau de externalidade, mas ainda não é externo, sua função consiste em permitir uma passagem que nunca se dá totalmente: do puramente subjetivo ao sujeito objetivo.

objeto de sobreviver. (É importante que, nesse contexto, ‘sobreviver’ signifique ‘não retaliar’)” (Winnicott,1975[1969]:127).

A partir destas considerações torna-se possível perceber que a sobrevivência do objeto depende da sobrevivência da mãe, a qual pode ser considerada como o primeiro objeto que recebe as qualidades de exterioridade e de permanência, que gradualmente podem ser estendidas a outros objetos (Davis & Wallbridge,1982[1981]:85). Em seu artigo de 1969, “ O uso de um objeto e seu relacionamento através de identificações”, Winnicott ilustra a idéia de destruição do objeto, seguida da sobrevivência, a qual conduz ao uso dos objetos: “O sujeito diz ao objeto: ‘Eu te destruí’, e o objeto ali está, recebendo a comunicação. Daí por diante, o sujeito diz: ‘Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer, confere valor à tua existência, para mim. Enquanto estou te amando estou permanentemente te destruindo na fantasia (inconsciente)” (Winnicott,1975[1969]:126). Deste modo através da fantasia o bebê ao destruir o objeto pode colocá-lo fora da área do controle onipotente, garantindo-o um lugar fora do eu. Mas somente quando sobrevive a destruição na fantasia, adquirindo simultaneamente exterioridade e permanência, o objeto poderá ser usado como *outro*, ou melhor, como *coisa em si* e não como projeção da realidade: “A partir desse momento, ou surgindo dessa fase, o objeto, *na fantasia, está* sempre sendo destruído. Essa qualidade de ‘estar sempre sendo destruído’, torna a realidade do objeto sobrevivente sentida como tal, fortalece o sentimento e contribui para a constância objetal. O objeto, agora, pode ser usado” (Winnicott,1975[1969]:130). Isto significa que a partir de então o mesmo objeto pode ser amado ou odiado, protegido ou atacado sem que haja alterações mágicas em suas qualidades pois estas existem permanentemente e de forma independente do eu.

A mudança de estatuto do objeto, *de projeção da realidade para coisa em si*, marca a diferença estabelecida pela destruição entre a relação e o uso do objeto: “ tendo sido atingido este estágio, os mecanismos projetivos auxiliam no ato de *notar o que está ali*, mas não constituem *o motivo pelo o qual o objeto está ali*. Em minha opinião, isto se afasta da teoria que tende a conceber a realidade externa apenas em termos dos mecanismos projetivos do indivíduo” (Winnicott,1975[1969]:126). Na medida em que a criança destrói o objeto concebido como fruto de suas projeções, a realidade vai sendo criada de acordo com o desenvolvimento da percepção objetiva dos objetos provocada pela destruição. Deste modo em “ O uso de um objeto e seu relacionamento através de identificações”, Winnicott postula a destruição como ponto central do conceito do uso dos objetos, pois é a partir da sobrevivência à destruição que o objeto adquire autonomia e torna-se *diferente de mim*, ou seja, torna-se *o outro* pertencente à realidade compartilhada que pode ser usado.

Pode-se observar esta seqüência: (1) O sujeito relaciona-se com o objeto. (2) O objeto está em processo de ser encontrado, ao invés de ter sido colocado pelo sujeito no mundo. (3) O sujeito destrói o objeto. (4) O objeto sobrevive à destruição. (5) O sujeito pode usar o objeto (Winnicott,1975[1969]:131).

O sentido da palavra *uso* é esclarecido no final do artigo em questão, de forma que o uso do objeto não deve ser adotado como sinônimo de exploração. A palavra *uso* é utilizada em referência ao uso que o bebê faz da mãe, o que pode ser aplicado à clínica psicanalítica como o uso que o analisando faz do analista. Na concepção winnicottiana, a elaboração do conceito de uso do objeto pode ser considerado como fruto de uma longa experiência clínica que permitiu ao autor esperar a produção de interpretações proveniente da evolução natural da transferência: “Esse trabalho por parte do analista,

para surtir efeito, precisa relacionar-se à capacidade do paciente de colocar o analista *fora da área dos fenômenos subjetivos*” (Winnicott,1975[1969]:122).

De acordo com Roussilon (1999) a contribuição que esta posição winnicottina traz ao debate psicanalítico consiste no fato de ser parte da tarefa do analista tornar-se usável, no sentido de tornar possível ao analisando a realização de uma *apropriação subjetiva*, a qual consiste em permitir ao sujeito tomar posse das próprias manifestações subjetivas através do oferecimento de um ambiente suficientemente bom, ou seja, propício a produções de interpretações. Sob esta ótica o uso consiste numa tarefa analítica, onde o que está em pauta é a sobrevivência do analista à destruição do analisando. Desta forma é necessário lembrar que sobreviver à destruição conduz ao uso, o que de acordo com Winnicott “é talvez o maior cumprimento que podemos receber se formos tanto encontrados quanto usados” (Winnicott,1994[1968]:181).

CAPÍTULO 3

O CONCEITO DE OBJETO NA OBRA DE LACAN

Para abordar a construção do conceito de objeto na obra de Lacan, torna-se necessário acompanharmos a trajetória de seus seminários, já que sua obra não pode ser desvinculada de seu ensino. Como uma investigação deste porte foge ao escopo desta pesquisa, optamos por restringir nossa investigação ao exame da gênese do conceito de objeto, delimitada da noção da falta do objeto à criação do objeto *a*.

Desde o Seminário 1, realizado nos anos de 1953-54 e intitulado “Os escritos técnicos de Freud”, é possível observar que, a partir do retorno empreendido aos textos freudianos, a relação de objeto é criticada²¹. Somente nos anos de 1956-57, a relação de objeto é abordada como tema central de um seminário: Lacan ao criticar a relação de objeto instala a falta do objeto no interior desta. Sendo assim, o objeto concebido a partir da noção de falta constitui o cerne da noção de objeto na teoria lacaniana cujo desdobramento origina a criação do objeto *a*.

O objeto *a* só é conceituado como tal em 1960, mas sua gênese pode ser observada desde os primeiros trabalhos do autor, iniciando-se em 1936 com a concepção do estádio do espelho e estendendo-se até os últimos anos do ensino de Lacan.

Para o estabelecimento de algumas considerações acerca da formulação do conceito de objeto *a*, adotaremos a função especular como norteadora da elaboração que o conceito de objeto *a* vai adquirindo de acordo com o encaminhamento do pensamento

²¹ No Seminário em questão, o autor critica às concepções de relação objetual defendidas por Balint, ver Lacan (1996[1953-54]).

lacaniano. Optamos, portanto, por terminar nossa investigação no ano de 1960, ano em que a função e o limite do conceito de objeto *a* são elaborados. Com o intuito de esclarecer tais questões, tornou-se necessário um desvio aos seminários dos anos de 1961-62, 1962-63 e 1964.

3.1 – A Noção do Objeto como Falta

Jamais, em nossa teoria analítica, podemos prescindir de uma noção da falta do objeto como central (Lacan, 1995[1956-57]:35).

Lacan (1995[1956-57]) inicia sua abordagem sobre o conceito de objeto na teoria psicanalítica através do tema da relação de objeto. Para tal dedica um seminário com a proposta de colocar em cheque a concepção da relação de objeto vigente baseada, principalmente, nos moldes narcísicos. De acordo com Miller (1999[1997]:477), o seminário em questão constitui um momento de passagem, pois é nele que Lacan articula os conceitos de objeto e castração, liberando a noção de objeto do campo narcísico e, preparando o terreno para a criação do objeto *a*.

Lacan, ao partir do desafio à concepção de relação objetal vigente, acrescenta o falo como um novo elemento à relação de objeto, operando, assim, um deslocamento na relação de objeto que, em seus termos, não passa de uma relação narcísica estabelecida no âmbito da reciprocidade entre o eu e o objeto.

Neste nível, com efeito, introduz-se uma relação entre o sujeito e o objeto que não é somente direta e sem hiância, mas que é, literalmente, equivalente de um ao outro. Foi esta relação que pôde fornecer o pretexto para que se pusesse em primeiro plano a relação de objeto como tal. Essa relação de reciprocidade entre o sujeito e o objeto, que merece ser chamada uma relação em espelho, já formula por si só tantas questões que, para tentar resolvê-las, introduzi eu mesmo na teoria analítica a noção de estádio de espelho (Lacan, 1995[1955-56:15]).

O estágio do espelho é uma noção originária da psicologia comparada, mais especificamente de experimentos do psicólogo Henry Wallon realizados com crianças e animais frente ao espelho, no intuito de descobrir como nasce a representação no início da vida psíquica. Lacan, ao deslocar essa noção para o campo psicanalítico, ilustra o nascimento do eu: o bebê diante do espelho é captado pelo seu reflexo, reconhecendo-se na imagem percebida. A experiência observada por Lacan nos primeiros meses de vida do bebê humano, aproximadamente entre os seis e os dezoito meses, sucede um período no qual o *infans*²² encontrava-se imerso num caos pulsional preexistente à constituição da imagem especular. É a propósito da experiência especular que Lacan funda a relação imaginária constitutiva do eu que pode ser encontrada formalizada no esquema construído durante o segundo ano de vigência do seu seminário. No seminário dos anos de 1954-55, Lacan constrói o *esquema em Z*²³ com o intuito de designar a função imaginária do eu e o discurso inconsciente. Tal esquema é formado pelo eixo imaginário, constituído a partir da relação especular, e pelo eixo simbólico que nos fornece a estrutura do discurso inconsciente²⁴. O eixo imaginário pode ser entendido como o plano do espelho, cuja organização simétrica é formada pelo eu e pelo seu semelhante, ou seja, o outro especular. É na relação especular que, simultaneamente, estrutura-se a unidade do eu e a do objeto. A teoria do narcisismo exposta no artigo

²² Termo empregado por Lacan para qualificar a criança antes do uso da linguagem. Cf. (Kauffman,1996[1993]).

²³ Posteriormente este esquema será nomeado *Esquema L*. Cf. Lacan (1985[1954-55]:296). Na próxima parte deste capítulo forneceremos a ilustração deste esquema, ver p. 80.

²⁴ É a partir do eixo simbólico que Lacan define a condição do sujeito e do tratamento analítico. Neste momento nos deteremos apenas no eixo imaginário, o que não impede o leitor de buscar maiores informações sobre a função do esquema e do eixo simbólico no seminário lacaniano em questão. Mais adiante veremos que o registro imaginário consiste na relação entre o eu e sua imagem de forma direta, sem comportar espaço para hiências e o registro simbólico consiste na entrada de um terceiro termo na relação anterior, representado pela letra A.

freudiano de 1914 intitulado “Sobre o narcisismo: uma introdução”, fornece elementos para essa elaboração.

Para Freud, antes do narcisismo, existe um extrato primitivo denominado auto-erotismo. Neste estado original da sexualidade infantil a pulsão pode estar ligada a um órgão ou à excitação de uma zona erógena, encontrando satisfação no próprio corpo sem recorrer a um objeto externo. Aqui ainda não podemos nos referir ao conceito de ego²⁵, pois conforme a descrição freudiana o ego não existe nos primórdios da infância, precisando ser desenvolvido: “Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – *uma nova ação psíquica*²⁶ – a fim de provocar o narcisismo” (Freud,1990[1914]:93).

No seminário dos anos de 1953-54, ao comentar a citação freudiana transcrita acima, Lacan acrescenta:

(...) essa idéia confirma a utilidade da minha concepção do estágio do espelho. A *Urbild*²⁷, que é uma unidade comparável ao eu, constitui-se num momento determinado da história do sujeito, a partir do qual o eu começa a assumir suas funções. Isso equivale a dizer que o eu humano se constitui sobre o fundamento da relação imaginária... No desenvolvimento do psiquismo, aparece *algo novo*²⁸ cuja função é dar forma ao narcisismo. Não será marcar a origem imaginária do eu ? (Lacan,1996[1953-54]:136).

Este *algo novo* mencionado por Lacan refere-se à *nova ação psíquica* postulada por Freud como propiciadora do narcisismo. Desse modo, pode-se pensar que foi a partir da passagem do estado auto-erótico para o estado narcísico, que se fundamentou a

²⁵ Na obra de Freud *eu* foi traduzido como *ego*. Ao referirmo-nos aos conceitos freudianos, lançaremos mão da mesma terminologia utilizada na tradução para o português da edição Standart das obras de Freud, na qual o *ich* é designado como *ego*.

²⁶ Grifos meus.

²⁷ A palavra alemã *Urbild* nos termos lacanianos significa a construção da primeira imagem do eu.

²⁸ Grifos meus.

concepção lacaniana do estágio do espelho²⁹. Segundo Lacan o narcisismo primário constitui-se no momento em que a criança capta sua imagem no espelho, imagem esta, baseada na imagem do outro, geralmente da mãe que a sustenta. Neste momento, tal imagem refletida no espelho introduz o narcisismo secundário³⁰. De acordo com Freud o narcisismo primário está associado ao estado original do ego, no qual este, inteiramente investido pela libido, encontra-se entregue à onipotência absoluta. Neste estado o ego passa a ser seu próprio ideal. Mais tarde o narcisismo primário retorna renascido sob a forma de amor parental: “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual transformado em amor objetal inequivocamente revela sua natureza anterior” (Freud,1990[1914]:108). Portanto, sob a ótica de Freud, o narcisismo secundário pode ser entendido como o retorno do narcisismo primário, ou melhor, do ego ideal mas sob uma nova roupagem – a do ideal do ego cuja representação é obtida sob a forma do amor parental³¹.

A concepção de Lacan do estágio do espelho demonstra que, através da imagem do corpo do outro vista em sua totalidade, o bebê obtém por antecipação, a sensação de unificação corporal, passando do estado de auto-erotismo para o de narcisismo, estado em que o eu se constitui como objeto para a libido. Na operação especular assistimos ao nascimento do eu como constituição da imagem do corpo próprio: ao mesmo tempo em que o eu se constitui, a imagem especular é apreendida como objeto. Desta maneira, o eu constitui-se como objeto, objeto este equivalente à imagem própria do eu.

²⁹ De acordo com Roudinesco (1998[1997]:532) a elaboração do estágio do espelho estruturou-se a partir da localização do narcisismo primário; ponto obscuro responsável por algumas das várias bifurcações empreendidas no conceito de narcisismo.

³⁰ Neste ponto pode ser problemático abordar a divisão entre narcisismos estabelecida por Freud, pois para Lacan ambos os narcisismos descritos por Freud – narcisismo primário e secundário – são concomitantes: a estruturação do eu e o investimento de objeto são processos simultâneos. Isto ficará claro com a leitura do parágrafo seguinte.

³¹ Mais adiante nas páginas 63 e 64, trataremos de forma mais específica da questão do ego ideal e do ideal do ego.

Portanto é pela experiência especular que o imaginário constitui-se e que Lacan liga o eu à *imago*³²: “designei a *imago* objeto psíquico” (Lacan,1998[1946]:190). Ele a conceitua como tal, a partir de uma relação dual do eu com o semelhante. Esta relação entre o eu e o seu duplo é marcada pela reciprocidade característica do narcisismo primário. É, então, a partir da relação dual com a imagem do semelhante que estabelecemos uma relação primeira eu-objeto: “relação do organismo com sua realidade – ou, como se costuma dizer, do *Innenwelt* com o *Umwelt*.” (Lacan,1998[1949]:100). O termo *Umwelt* é extraído do biólogo alemão Jacob von Uexkull para definir o meio ambiente tal como vivido para cada animal. Para este biólogo o pertencimento de um animal ao meio em que vive depende da internalização desse meio (Roudinesco,1998:370). O ser humano não estabelece uma relação com o mundo como a maior parte dos animais que podem sobreviver sozinhos pela capacidade de agir e, portanto, de se alimentar. O instinto animal permite essas realizações logo ao nascer, ao passo que a pulsão não. A insuficiência orgânica dos primeiros meses de vida coloca o recém-nascido humano completamente entregue ao gesto de um outro para sobreviver.

Para que a relação do homem com o meio ambiente seja psicologicamente inscrita é necessário uma primeira identificação com a imagem especular exterior. Esta, por sua vez, é convertida em imagem interna propiciando o advento do eu. Baseado nesse deslocamento *exterior-interior*, Lacan postula que a estrutura do eu é paranóica. Para explicar tal concepção o autor recorre ao transitivismo – que são fenômenos observados, entre os seis meses e dois anos e meio de idade, no comportamento da criança em presença de seu semelhante: “A criança que bate diz que bateram nela, a que vê cair

³² Termo introduzido por Jung referente a representação inconsciente pela qual o sujeito designa uma imagem (Roudinesco,1998[1997]:371).

chora” (Lacan,1998[1948]:116). Percebemos que a criança ao relacionar-se com o outro, trata-lhe como si-mesmo, como se o semelhante fosse seu duplo. É a partir de uma situação vivida como indiferenciada entre a criança e seu semelhante, que a noção de eu gradualmente se instala.

Desse modo, a partir da *imago* do outro, Lacan associa o conhecimento paranóico ao processo identificatório responsável pela formação do eu: “Assim, ponto essencial, o primeiro efeito que aparece da *imago* no ser humano é um efeito de alienação do sujeito. É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio.” (Lacan,1998[1946]:182). Este fato é constitutivo do eu e dele deriva-se a noção de alienação imaginária que adquire característica de um fenômeno permanente.

O desenvolvimento humano é pontuado por identificações que nos remetem a uma identificação inaugural. Sob esta ótica a concepção lacaniana do estágio do espelho pode ser entendida como uma identificação primordial. Pois quando o bebê capta a imagem do outro unificada, ele antecipa o que desconhece de si: a *gestalt* de seu corpo. Portanto nesse momento a criança experimenta um júbilo revelador de um dinamismo libidinal que, ao mesmo tempo, atesta a emergência do eu e confere-lhe um destino alienado e preso a uma alteridade fornecedora da sua própria identidade. A alienação imaginária determina uma fixação captada pela imagem, visto que no instante de júbilo, a imagem ganha características de objeto: substancialidade, permanência e identidade. Nesse momento *eu me torno imagem*, havendo assim uma identificação narcísica onde o eu, ao identificar-se com a imagem refletida de si-mesmo, torna-se objeto de valor cativante.

Ao atingir esse ponto torna-se necessário ressaltar o papel desempenhado pela identificação narcísica na dialética especular: o que faz com que diante do espelho a

criança identifique-se com o seu duplo especular? Para desnudar tal forma de identificação deve-se recorrer ao texto freudiano de 1914: “Sobre o narcisismo: uma introdução”. De acordo com Freud, como já foi dito anteriormente, o ego ideal é contemporâneo ao narcisismo primário, podendo ser situado numa época em que o ego é o único objeto de investimento libidinal. Nesta época a criança diante do espelho depara-se com a sua imagem, tomada como objeto de investimento libidinal, e identifica-se com esta. Tal imagem recebe um estatuto ideal o que causa na criança uma atitude jubilatória; reflexo do momento em que se dá a captação ilusória especular. O ideal encontrado na imagem nada mais é do que aquilo ilustrado por Freud como “Sua Majestade o Bebê”. Tal expressão exprime a seguinte idéia do autor: “A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para a sua mãe” (Freud, 1990[1914]:108). Sob esta ótica a criança pode ser encarada como a projeção dos ideais paternos. O ego ideal, objeto de afeição narcísica, é aquele que possui todas as características almejadas pelo ideal dos pais. Portanto o *ego ideal infantil é o ideal do ego paterno* projetado sobre o bebê.

Com o intuito de examinar o estatuto conferido por Freud ao ego ideal e ao ideal do ego, Lacan (1996[1953-54]) recorre a uma experiência proveniente da física ótica. De acordo com o experimento transposto do terreno da física e adaptado por Lacan aos seus interesses, um espelho côncavo deve ser colocado em frente à uma caixa oca contendo um vaso vazio de cabeça para baixo e, sobre esta caixa deve ser colocado um

buquê de flores³³. A imagem real fornecida pelo espelho côncavo, por possuir a qualidade de objeto que nos fornece a ilusão de estarmos vendo diante de nós um vaso com flores, permite situar o eu em termos ideais. Se um espelho plano é colocado atrás da *imagem-objeto* do vaso com flores, a imagem virtual desta *imagem-objeto* vai aparecer no espelho plano, ou seja, o vaso com flores refletido no espelho plano passa a representar o ideal do eu. Pois, como vimos, o ideal do eu é formado a partir da projeção do eu ideal, fruto das idealizações paternas definidas por Freud (1990[1914]) sob o termo *Sua Majestade o Bebê*. Se o ideal do eu é formado pela projeção do eu ideal, este último é, portanto, representado no esquema através da imagem real fornecida pelo espelho côncavo. Dessa forma, a imagem do vaso invertido e o objeto, as flores, podem ser situados no mesmo nível, ou, dito de outro modo, o eu ideal pode ser situado na mesma dimensão dos objetos – nível em que a captação narcísica, isto é, a atitude jubilatória pode ser produzida –, portanto: “Um tal esquema lhes mostra que o imaginário e o real agem no mesmo nível (...) Os objetos reais, que passam por intermédio do espelho e através dele, estão no mesmo lugar que o objeto imaginário” (Lacan, 1996[1953-54:165]). Sendo assim, no momento em que ocorre uma confusão entre o eu e a imagem, ou melhor dizendo, entre o eu e o eu ideal, a criança é captada pela ilusão especular demonstrando um enorme contentamento ao tomar o próprio eu como objeto de investimento libidinal.

Neste ponto, a fim de evidenciar a articulação entre identificação e escolha de objeto narcísica, somos naturalmente levados à recorrer ao texto freudiano de 1922

³³ Estamos nos referindo ao experimento realizado por *Bouasse* conhecido como o experimento do buquê invertido. Neste experimento o buquê de flores localizado dentro da caixa aparece dentro de um vaso situado em cima da caixa. Ao modificar as posições do vaso e do buquê, Lacan afirma: “(...) o fenômeno do buquê invertido, que eu transformei aqui, porque é mais cômodo, o do vaso invertido. O vaso está na caixa, e o buquê em cima” (Lacan, 1994[1953-54:146]). Cf. p. 78.

intitulado “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo”:

Na história dos homossexuais ouve-se amiúde que neles a mudança se efetuou após a mãe ter elogiado outro rapaz e tê-lo estabelecido como modelo. A tendência à escolha narcísica de objeto foi assim estimulada e, após uma breve fase de agudos ciúmes, o rival se torna um objeto amoroso (Freud, 1990[1922]:281).

Também em 1922, Freud ao tratar do tema da identificação em “Psicologia de grupo e análise do ego” estabelece uma clara distinção entre identificação e escolha de objeto narcísicas. De acordo com o autor, a primeira consiste no que gostaríamos de ser, enquanto a segunda no que gostaríamos de ter: na identificação narcísica o ego é fixado como ideal, como objeto de perfeição, a ponto de converter-se em escolha de objeto amorosa. Este objeto descrito como alvo do amor de si mesmo é, posteriormente, eleito como objeto de investimento libidinal. É possível destacar no primeiro artigo, referente ao ano de 1922, um desdobramento da idéia exposta acima. Segundo Freud, os ciúmes fraternos oriundos da primeira infância podem estar tanto na origem do homossexualismo, quanto na origem dos sentimentos sociais. Neste último caso trata-se da adoção dos rivais infantis – no caso de um menino, geralmente, um irmão mais velho – como modelo de quem gostaríamos de ser; ao passo que no primeiro caso os rivais são escolhidos como objeto de amor que gostaríamos de ter. Tanto os sentimentos sociais quanto o homossexualismo são entendidos pelo autor como formações reativas contra a agressividade recalcada proveniente dos ciúmes fraternos. Outro ponto, abordado por Freud no último artigo mencionado, consiste no imediatismo identificatório estabelecido na relação entre o eu e o objeto do mesmo sexo. Freud, ao tratar da escolha objetal narcísica presente no homossexualismo, evidencia a tensão implícita na conversão da

pulsão agressiva, oriunda dos ciúmes fraternos, em amor narcísico: a escolha do objeto como imagem do eu consiste em “uma transformação, de maneira que os rivais do período anterior se tornaram os primeiros objetos amorosos homossexuais”, ou seja, “os rivais odiados se transformam em objetos amorosos” (Freud,1990[1922]:280).

Os dois momentos descritos por Freud, o da agressividade e o do amor narcísico, são unificados por Lacan através da elaboração do estágio do espelho: neste estágio assistimos à formação do eu pela imagem do outro (Julien,1993:24). Numa primeira captação pela imagem nasce a dialética das identificações, justamente, nesse instante o narcisismo e a agressividade são correlativos. Somente um ato agressivo, tal como a ameaça de castração, pode liberar o objeto do campo narcísico.

O narcisismo introduz uma tensão evidenciada na relação entre o eu e o objeto, já que este é concebido como seu duplo - ao mesmo tempo *semelhante e diferente de mim mesmo*. Essa tensão correlativa da estrutura narcísica surge sob a forma de agressividade. O mito de Narciso fornece-nos a idéia de uma identificação especular que comporta a exclusão de um terceiro. Este tipo de identificação ideal, *de si com o outro e do outro a si*, corresponde ao eu diante de sua própria imagem: num dado momento a criança expressa um verdadeiro júbilo diante da captação de sua imagem especular, tomando-a como objeto de amor. “Essa relação erótica, em que o indivíduo humano se fixa numa imagem que o aliena em si mesmo, eis aí a energia e a forma donde se origina a organização passional que ele irá chamar de seu eu” (Lacan,1998[1948]:116). Alienado na imagem especular, o eu rivaliza com ele próprio. A paranóia é um bom recurso para entendermos a batalha que o eu, tomado pela tensão erótico-agressiva, trava diante do espelho. Lacan, como já foi mencionado, atribui ao eu uma estruturação paranóica, na medida em que o eu desconhece a si próprio,

designando-lhe em um outro. Dessa forma, o eu vê no outro sua própria imagem, mas não se reconhece nela, excluindo-se por uma negação. Ao excluir-se, procura no objeto o que desconhece em si-mesmo: *não me vendo, ataco o objeto, ou melhor, a minha própria imagem*. A agressividade manifestada nessa luta travada na arena especular, faz parte da constituição subjetiva.

Em “A agressividade em psicanálise”, Lacan formula cinco teses para expor sua concepção. A segunda tese nos permite estabelecer uma ligação entre agressividade e castração, na medida em que a agressividade é expressa primordialmente como intenção agressiva e como *imago* do corpo despedaçado. “A eficácia dessa intenção agressiva é manifesta: nós a constatamos freqüentemente na ação formadora de um indivíduo sobre as pessoas de sua dependência: a agressividade intencional corrói, mina, desagrega; ela castra (...)” (Lacan,1998[1948]):107). Essa agressividade castradora pode ser exercida através de *imagos*, as quais “dotam de uma eficácia que podemos chamar de mágica. São as imagens de castração, emasculação, devoração, explosão do corpo, em suma, as *imagos* que agrupei pessoalmente sob a rubrica, que de fato parece estrutural, de *imagos do corpo despedaçado*” (1998[1948]):107). Tais imagens podem ser encontradas tanto no imaginário da crianças, quanto nos sonhos e nas obras de arte, como uma forma simbólica de expressão dos temores imaginários ligados aos primórdios da gênese humana.

Nesse ponto, torna-se oportuno determo-nos no conceito de castração, já que este nos aproxima do cerne da questão em desenvolvimento: a noção da falta do objeto. A castração pode ser entendida como uma intenção agressiva responsável pela introdução da dimensão da falta do objeto no imaginário infantil. Os textos freudianos sobre a sexualidade infantil abordam esta questão de forma distinta do sentido habitual

de mutilação do órgão sexual masculino. No âmbito psicanalítico, a castração designa a experiência inconsciente da ameaça experimentada diante da possibilidade de perda daquilo que é considerado como uma parte importante do próprio corpo.

Em 1908 num artigo “Sobre as teorias sexuais das crianças”, Freud aborda o tema da ameaça de castração no imaginário da criança, constatando, muitas vezes por inferência ou pela observação, que primeiramente as crianças negligenciam a diferença anatômica entre os sexos. Para elas todos os seres humanos, inclusive as mulheres possuem um pênis. É importante ressaltar que o artigo mencionado foi escrito, em grande parte, baseado no caso clínico do *Pequeno Hans* cuja publicação é efetuada no ano seguinte. Neste caso Freud funciona, digamos assim, como um supervisor do pai de Hans, o qual efetua o tratamento propriamente dito com o filho. Na concepção do pequeno Hans todos os seres humanos possuem um “faz pipi” que ele considera ser o pênis:

Hans (três anos e nove meses): ‘Papai, você também tem um pipi ?’

Pai: ‘Sim, claro.’

Hans: ‘Mas nunca vi, quando você tirava a roupa.’

Noutra ocasião, ele estava olhando insistentemente sua mãe despida, antes de ir para a cama. ‘Para que você está olhando para mim desse modo?’, ela perguntou.

Hans: ‘Eu só estava olhando para ver se você também tem um pipi.’

Mãe: ‘Claro. Você não sabia?’

Hans: ‘Não, pensei que você era tão grande que tinha um pipi igual ao de um cavalo.’ (Freud,1990[1909]:19)

Freud no artigo de 1908 atribui essa concepção da universalidade do pênis como sendo uma teoria sexual infantil compartilhada por meninos e meninas: “Observa-se com facilidade que as meninas compartilham plenamente a opinião que seus irmãos tem do pênis. Elas desenvolvem um vivo interesse por essa parte do corpo masculino (...) julgam-se prejudicadas e tentam urinar na postura que é possível para os meninos porque possuem um pênis grande (...)” (Freud,1990[1908]:221). Posteriormente, em

1923, num acréscimo feito ao texto de 1905 intitulado “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud escreve “A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)”. Neste adendo concebe as indagações de Hans, descritas acima, como sendo o cerne da organização genital infantil: “Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (Freud,1990[1923]:180). Diante da falta do pênis as crianças elaboram suas teorias. Primeiramente, ao se defrontarem com o órgão feminino, negam a diferença, ou melhor, ignoram a existência de um órgão sexual exclusivamente feminino e acreditam estar vendo um pênis ainda pequeno que crescerá em breve: “Um pouco mais tarde, Hans observava sua irmã de sete dias, a quem davam banho. ‘Mas o pipi dela ainda é bem pequenininho’, observou; e acrescentou, à guisa de consolo: ‘Quando ela crescer, ele vai ficar bem maior’ ” (Freud,1990[1909]:21). Deste modo, a ignorância da vagina, como disse Freud em 1908, remete-nos à antítese vivida pela criança entre possuir um órgão masculino e ser castrado. Nessa época a criança, imersa no registro do princípio do prazer e tomada pela curiosidade em saber de onde vêm os bebês, descobre o seu órgão sexual como fonte de prazer. Logo o princípio da realidade entra em cena encarnado na figura de um adulto que profere a ameaça de castração: “o ego de uma criança se encontra sob a influência de uma poderosa exigência instintual que está acostumado a satisfazer, e que é subitamente assustado por uma experiência que lhe ensina que a continuação dessa satisfação resultará num perigo real quase intolerável” (Freud,1990[1938]:309). A ameaça de cortar o pênis num primeiro momento não é levada em consideração, e só se torna atuante quando a criança, ao visualizar o órgão feminino, concebe que ali havia um pênis que fora cortado. Nesse momento “a criança

chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão, comum a todas as criaturas que a ela se assemelham” (Freud,1990[1923]:181). Deste modo a criança percebe a diferença anatômica entre os sexos, mas ainda não concebe a existência da vagina; para ela, ser mulher é sinônimo da falta do pênis. Daí em diante a ameaça de castração passa a ser vivida como um perigo real: “A falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria” (Freud,1990[1923]:182).

A partir do texto freudiano podemos nos aproximar da relação entre a operação de castração e a falta do objeto elaborada por Lacan nos anos de 1956-57. No âmbito lacaniano a castração pode ser entendida como uma intenção agressiva responsável pelo afastamento do eu do campo narcísico e pelo advento da subjetividade. Este ponto é fundamental para entendermos o deslocamento que Lacan opera ao posicionar a noção de castração como elemento central da relação de objeto.

No seminário “A relação de objeto”, ministrado durante os anos de 1956-57, Lacan redimensiona o estatuto do conceito de castração ao conceituá-la como uma das categorias da falta do objeto, juntamente com as noções de frustração e de privação. A operação castradora vai além da ameaça de supressão do órgão proferida por um adulto, geralmente o pai, em condições reais de executá-la. Sob esta ótica é possível conceber a castração como ameaça cujo efeito deve ser entendido como um corte que cinde o vínculo imaginário e narcísico estabelecido entre a mãe e a criança, instalando, assim, a falta do objeto entre os dois elementos ideais da relação de objeto: “A noção da relação de objeto é impossível de compreender, e até mesmo de se exercer se não pusermos nela o falo como um elemento, não digo mediador (...) mas terceiro” (Lacan,1995[1956-57]:28).

Se retornarmos ao texto freudiano de 1923 que define a noção adotada pelas crianças em relação ao resultado da operação de castração, constatamos que a falta do pênis atesta, implicitamente, a presença de um objeto intermediário na relação mãe-bebê: o falo. Este é o primeiro conectivo com a castração, ou seja, a percepção da ausência de pênis no corpo materno marca a falta fundamental presente em toda relação estabelecida entre a mãe e a criança.

Segundo Miller, a mãe, percebida como mulher, é a personagem central do seminário dos anos de 1956-57, aparecendo vinculada ao desejo e à castração: “A lição de Lacan é que também a mãe é mulher. Devemos considerar a mãe como sujeito correlativo a uma falta” (Miller,1999[1997]:462). No seminário em questão, Lacan recorre às primeiras relações da criança com a mãe no intuito de abordar a presença do falo como representante de uma ausência, e afirma: “Este objeto é definido como imaginário, não é possível, de modo algum confundi-lo com o pênis em sua realidade, que é, propriamente falando, a sua forma, a imagem erigida.” (Lacan,1995[1956-57]:70). O falo materno, neste sentido, seria como um objeto ausente no corpo feminino cuja imagem só é apreendida em seu aspecto negativo – o da falta.

No ano seguinte, em 1958, Lacan examina essa questão em “A significação do falo”, elevando o falo ao estatuto de um conceito psicanalítico; o de significante³⁴. O falo é um significante na medida em que está fadado a designar a falta do objeto: “Ele também é o sinal de uma ausência. Mas, na medida em que ele faz parte da linguagem, o significante é um sinal que remete a outro sinal, que é como tal estruturado para

³⁴ Significante é um conceito originário do campo da lingüística, mais precisamente do ponto de vista estruturalista, introduzido por Ferdinand Saussure. Nos termos saussurianos o signo lingüístico é composto pelo significado e pelo significante, os quais dizem respeito, respectivamente, ao conceito e à imagem acústica e são representados da seguinte maneira: o s é colocado acima do S. Lê-se s: significado e S: significante. Estes termos são separados por um traço denominado significação, o qual marca uma oposição. Lacan introduziu este conceito na psicanálise com uma modificação: colocou o significado abaixo do significante, estabelecendo a primazia do primeiro sobre o segundo, cf. Dor (1992[1989]: 26).

significar a ausência de um outro sinal (...)” (Lacan,1988[1955-56]:192). Portanto o falo é o significante da falta, já que em sua presença, aponta para uma ausência – o falo feminino. Nesse sentido a mulher possui um falo que é ausente, ou seja, a mulher é privada deste objeto. A noção de privação, tal como Lacan exhibe no seminário “A relação de objeto”, é concebida como uma das três categorias da falta do objeto. A privação é situada no plano real e concebida como um furo, ou como uma ausência real decorrente da falta de um objeto simbólico. Para ilustrar a ausência de alguma coisa simbólica na dimensão real, Lacan nos remete ao lugar ocupado por um livro em uma biblioteca: o livro procurado pode estar ao lado do seu lugar marcado na estante mas mesmo assim estar em falta, pois nesse caso o objeto falta em seu lugar. “Para que o sujeito apreenda a privação é preciso inicialmente que ele simbolize o real. Como o sujeito é levado a simbolizá-lo?” (Lacan,1995[1956-57]:55).

Para responder a esta questão, Lacan introduz a noção de agente da frustração. A frustração, ao lado da castração e da privação, é um dos três termos de referência quando tratamos da questão da falta do objeto. Lacan toma como ponto de partida as primeiras relações da criança com a mãe para apresentar a dialética da frustração e, situá-la em relação à ordem simbólica e à realidade. A noção de frustração se refere às primeiras experiências do bebê diante de um objeto real cujo protótipo é o seio materno, com referência ao qual a criança vai se posicionar. Nesse sentido é sempre de um objeto real que a criança sente falta: “A frustração é, por essência, o domínio da reivindicação. Ela diz respeito a algo que é desejado e não obtido, mas que é desejado sem nenhuma referência a qualquer possibilidade de satisfação nem aquisição” (Lacan,1995[1956-57]:36). Dessa maneira, Lacan aproxima a noção de frustração do modo de reivindicação imaginário que pode ser concebido como um prejuízo, um dano, ou uma

lesão. Na dialética da frustração, Lacan demonstra como a criança simboliza o real a partir de duas vertentes: de um lado o objeto real, ou melhor, o seio; e do outro o agente, neste caso, a mãe. O objeto, antes de ser percebido como tal, pode ser colocado em cena na dialética que envolve o bebê e a sua mãe, que é apreendida, neste momento, através do seio que o alimenta. É a partir da falta da mãe, ou do seio, decorrente de um certo ritmo marcado entre ausências e presenças, que o bebê vai estabelecendo um certo modo de relação com o mundo, mesmo que ainda não exista a inscrição psíquica de uma diferença estabelecida entre eu e não-eu. Portanto é somente a partir da falta da mãe, ou do seio na realidade, que a criança tem a possibilidade de conceber a presença da mesma. Nesta relação, Lacan introduz a mãe como agente da frustração: é a mãe que em seu movimento de ir e vir instala a dimensão da falta do objeto no imaginário infantil. Podemos, então, retornar à pergunta feita por Lacan, anteriormente, quando se referia à privação: como a falta de um objeto real, instalada no imaginário infantil, pode ser simbolizada?

Para Lacan (1995[1956-57]), através do registro do apelo, a falta do objeto pode ser articulada simbolicamente. A mãe, no papel de agente da frustração, pode responder ou não ao apelo de seu filho e, dessa forma, a partir de períodos alternados de presença e ausência, ela oferece a possibilidade de a criança articular uma relação real com uma relação simbólica. A mãe, quando desempenha sua função de agente simbólico introduzindo a falta do objeto, é simultaneamente concebida como um objeto real, tornando-se uma potência cuja presença ou ausência pode gerar sentimentos e afetos no campo das relações da criança. A posição do objeto, tal como a da mãe, sofre uma inversão: ele, de real, se torna simbólico. “Estes objetos que eram até então, pura e simplesmente, objetos de satisfação, tornam-se por parte dessa potência, objetos de

dom” (Lacan,1995[1956-57]:69). Deste modo, o seio passa a ser concebido como um objeto desejado por sua presença, ou melhor, como um objeto de desejo. Se na dialética da frustração o seio é um objeto desejado pela criança, qual será o objeto do desejo materno?

Para responder esta questão retomando as formulações de Freud sobre a equivalência do desejo feminino de um filho como correspondente ao desejo de um pênis, Lacan (1956-57) destaca o que está em jogo para as mulheres na sua relação com a criança: a dimensão imaginária do falo. “É na relação com a mãe que a criança experimenta o falo como o centro do desejo dela” e se identifica com este objeto imaginário a fim de satisfazer o desejo materno (Lacan,1995[1956-57]:230). Inicialmente é dessa forma que a criança sustentará a relação com a mãe: “A criança se apresenta a mãe como lhe oferecendo o falo nela mesma, em graus e posições diversos. Ela pode se identificar com a mãe, se identificar com o falo, ou apresentar-se como portadora de falo” (Lacan,1995[1956-57]:230). A partir desta relação imaginária que Lacan chama de tapeadora, a criança atesta à mãe que pode satisfazê-la quanto ao seu desejo de falo, ou melhor, quanto àquilo que lhe falta. A criança ao esforçar-se para preencher toda a falta, todo o desejo materno, demonstra-nos que falta e desejo são noções bastante próximas nos termos lacanianos.

Se retornarmos ao artigo, mencionado anteriormente, “A significação do falo”, constatamos que este exerce sua função na relação dialética vivida entre a mãe e o bebê como um elemento central. Neste nível o falo é designado como significante do desejo:

Que o falo seja um significante impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tenha acesso a ele. Mas, como esse significante só se encontra aí velado e como razão do desejo do Outro, é esse desejo do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer, isto é, o outro enquanto ele mesmo é um sujeito dividido pela *Spaltung* significante.” (Lacan,1998[1958]:700).

Deste modo, “o falo é o significante privilegiado dessa marca, onde a parte do logos se conjuga com o advento do desejo” (Lacan,1998[1958]:699). Em suma, o falo é o elemento que na relação da criança com a mãe ocupa um lugar de destaque, cujo acesso só é possível a partir da mãe em sua dimensão faltosa, ou seja, em sua dimensão desejante. Pois, como vimos no estádio do espelho, o desejo da criança só nasce subordinado ao desejo materno. Deve ficar claro que o desejo da mãe e o da criança não se sobrepõem totalmente: na relação mãe-bebê existe uma falta que é parte constitutiva e fundamental do nascimento do desejo. Ao abordar tal falta a partir das primeiras relações da criança com o seio, Lacan (1995[1956-57]), faz desta falta a mola mestra da constituição do sujeito: “A relação central de objeto, aquela que é dinamicamente criadora, é a da falta” (Lacan,1995[1956-57]:51).

Numa análise do seminário dos anos de 1956-57, Miller (1999[1997]) esclarece que uma pergunta, aliás não formalmente formulada, perpassa todo este seminário: Lacan quer saber como se constitui um objeto de desejo. Essa questão só será elaborada numa etapa posterior de seu ensino, entretanto deve ser ressaltado aqui o deslocamento operado por Lacan no seminário em questão:

(...) no quarto ano de seminário, eu quis mostrar-lhes que não existe objeto a não ser metonímico, sendo o objeto do desejo objeto do desejo do Outro, e sendo o desejo sempre um desejo de Outra coisa – muito precisamente, daquilo que falta, *a*, o objeto perdido primordialmente, na medida em que Freud mostra-o sempre por ser reencontrado (Lacan,1999[1957-58]:16).

Este *a*, conceituado em 1960 como objeto, “vem, efetivamente, da idéia de que toda questão de se eleger um objeto tem haver com a falta do falo e que os objetos se sucedem como substitutos sem conseguir acabar com esta falta” (Miller,1999[1997]:472). Foi, portanto, enfatizando a noção da falta do objeto nas mais

arcaicas relações do bebê com a mãe que Lacan elaborou o conceito de objeto *a*, conceito este que nas duas próximas partes deste capítulo será examinado.

3.2 – A Gênese do Conceito de Objeto *a*

O objeto *a* é algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão. Isso vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas como fazendo falta. É então preciso que isso seja um objeto – primeiramente, separável – e depois, tendo alguma relação com a falta (Lacan, 1985[1964]:101).

Abordar o conceito de objeto *a* não é, de modo algum, uma tarefa linear. Esta requer idas e vindas ao longo da obra lacaniana. O objeto *a* só é conceituado como tal em 1960, mas sua gênese pode ser observada desde os primeiros trabalhos do autor os quais remontam ao seu interesse pela paranóia e, pelos fenômenos do eu – via pela qual Lacan penetra no campo psicanalítico. O trajeto para o estudo do conceito em questão inicia-se a partir de 1936 com a concepção do estádio do espelho, estendendo-se até seus últimos anos de ensino. Neste percurso a função especular funciona como uma bússola fornecendo-nos as distintas formas de elaboração que o conceito de objeto *a* vai adquirindo de acordo com o encaminhamento do pensamento lacaniano³⁵.

Ora, para iniciar o estudo do objeto *a* somos levados a tecer algumas considerações sobre a letra *a*. Para tal devemos recorrer à elaboração do esquema óptico desenvolvido por Lacan (1996[1953-54]) em seu primeiro seminário e que pode ser entendido como um modelo substituto do estádio do espelho. Nesse seminário ele tem a preocupação de ressaltar que o estádio do espelho não deve ser entendido como um

³⁵ Não pretendemos, em nossa pesquisa, fornecer cada faceta da conceituação do objeto *a* ao longo do ensino lacaniano. Como este estudo está centrado na gênese do conceito de objeto, o objetivo aqui

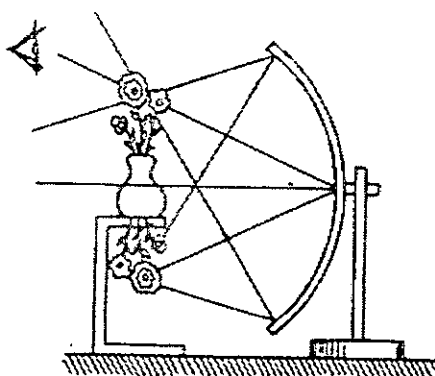
momento cronológico do desenvolvimento psíquico infantil, mas como paradigma óptico da constituição do eu. Para representar tal concepção, apoiado na utilização de esquemas freudianos, o autor busca subsídios no campo da óptica³⁶: “a autorização que Freud nos dá de utilizar relações auxiliares para nos aproximarmos de um fato desconhecido me incitou a dar provas de uma certa desenvoltura para construir um esquema” (Lacan, 1996[1953-54]:92).

Lacan transpõe o experimento realizado por *Bouasse*³⁷ no terreno da física óptica para a psicanálise com o intuito de apresentar a estrutura do sujeito e o processo do tratamento analítico. Este experimento, denominado *o experimento do buquê invertido*, consiste em fazer aparecer um buquê de flores exatamente onde ele não está – dentro de um vaso. Para isto é utilizado um espelho côncavo que tem a função de fornecer a imagem real do buquê de flores situado dentro de uma caixa oca posicionada na frente do mesmo. Um observador situado na frente do espelho e atrás dessa caixa, que além do buquê possui um vaso colocado em cima de seu tampo, ao olhar para o espelho é capaz de ter a ilusão de estar vendo diante de si um objeto: o vaso com flores. “Nesse momento, enquanto vocês não vêem o buquê real, que está escondido, verão aparecer, se estiverem no bom campo, um buquê imaginário muito curioso, que se forma bem no gargalo do vaso” (Lacan, 1996[1953-54]: 95).

consiste em remontar as primeiras elaborações a cerca do noção de objeto que, certamente, tornaram-se decisivas para a construção do conceito de objeto *a*.

³⁶ Cf. a respeito da interpretação lacaniana em relação aos esquemas freudianos encontrados na Interpretação dos sonhos e no Esboço de psicanálise no Seminário I p.145. Além disso podemos recorrer à utilização da função especular feita por Freud em o Ego e o Id: “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é ele próprio, a projeção de uma superfície”, o que nos dá a idéia de uma imagem. É através de uma primeira identificação com um objeto externo o ego adquire paulatinamente um caráter de unidade (Freud, 1990[1923]:40)

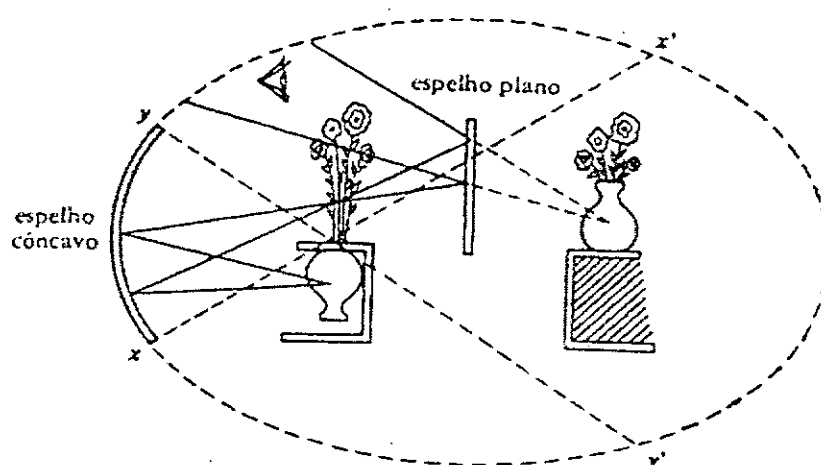
³⁷ Em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, Lacan fornece a ilustração do experimento de *Bouasse*, cf. Lacan (1998[1960]:680).



O buquê de flores, objeto real, num esquema subsequente é denominado a^{38} . Tal esquema, introduzido por Lacan no mesmo seminário e retomado em 1960, apresenta um elemento adicional se comparado com o esquema descrito acima: um espelho plano. Neste esquema, descrito em 1953-54 como *o esquema de dois espelhos*, as posições das flores e do vaso são trocadas, ao invés das flores estarem dentro da caixa oca, estas encontram-se sobre a caixa – posição que no esquema anterior era ocupada pelo vaso. Além disso, um espelho plano é posicionado atrás da caixa, de modo que esta fique situada entre os dois espelhos. O observador deve ocupar um bom campo, ou seja, um lugar entre o espelho côncavo e a caixa, de maneira que o espelho plano esteja à sua frente e o espelho côncavo atrás³⁹. Deste modo a ilusão do observador não é a do buquê invertido, mas sim a do vaso invertido: não é o buquê que aparece como imagem no espelho plano, mas sim a imagem do vaso, que está escondido e aparece contendo o buquê de flores.

³⁸ Para obtenção deste esquema ver Lacan (1996[1953-54]:94).

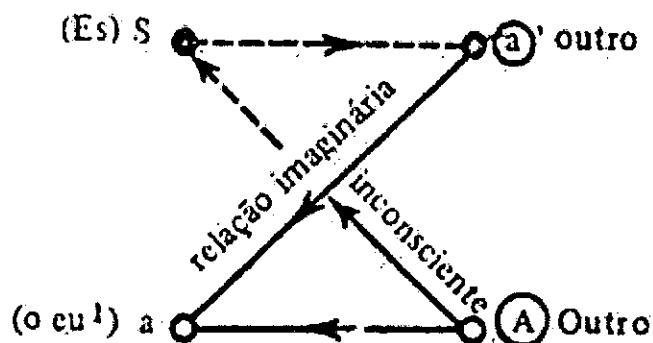
³⁹ De acordo com Lacan, o olho, supostamente, situa-se no interior de um cone, o qual permite o acesso a apenas a um certo campo visual, representado por $x'y'$. Este constitui-se como um bom campo pois permite ao sujeito ter a ilusão do vaso invertido e, ao mesmo tempo, delimita a possibilidade de ilusão, demarcando assim, o lugar ocupado pelo sujeito em relação à imagem especular. “Está aí o que lhe permite ver no seu lugar, e estruturar, em função desse lugar e do seu mundo, seu ser” (Lacan, 1996[1953-54]:148).



Ao longo do seminário dos anos de 1954-55, Lacan transpõe a relação especular ilustrada no esquema acima⁴⁰ para o *esquema em Z*, situando-a no eixo imaginário $a-a'$. Neste eixo a letra a aparece referida ao eu e seu duplo, a' , aparece referido à imagem do eu. O sujeito, representado no esquema por S ⁴¹, vê-se em a , ponto que marca o lugar do eu. De acordo com Lacan, no terreno imaginário não há nenhuma diferença entre o eu e sua imagem; desse modo é possível perceber que esta forma do outro representada por a' é o próprio eu, a . Portanto, quando o assunto em pauta é a natureza do objeto a , torna-se importante ressaltar que neste esquema a e a' designam alteridade a partir da referência ao eu, ou seja, à imagem do outro especular, a qual nada mais é que a imagem de si mesmo: “Em particular, é sob a forma do outro especular que ele vê aquele que, por razões que são estruturais, chamamos de seu semelhante. Esta forma do outro tem a mais estreita relação com o seu eu, ela lhe pode ser superposta, e nós a escrevemos a' ” (Lacan, 1997[1954-55]:307).

⁴⁰ Para obtenção da ilustração deste esquema ver Lacan (1996[1953-54]:147)

⁴¹ À respeito da letra S , Lacan esclarece que está referindo-se ao sujeito analítico.



Este esquema⁴², além de conter o eixo imaginário, também é formado pelo eixo simbólico que contém a letra *A*. Na terminologia laciana a letra *a*, maiúscula e minúscula, é utilizada para designar alteridade: “Há dois outros que se devem distinguir, pelo menos dois – um outro com *A* maiúsculo e um outro com *a* minúsculo, que é o eu. O Outro é dele que se trata na função da fala⁴³” (Lacan,1997[1954-55]:227). Quando *S* fala, endereça-se a *A*, mas atinge *a* por reflexão do eixo imaginário: “a relação entre *A* e *S* passará sempre pelo intermédio destes substratos imaginários que são o eu e o outro (...)”⁴⁴ (Lacan,1997[1954-55]:403). Desta forma as mensagens emitidas pelo sujeito soam como vindas do outro de forma invertida. Lacan exemplifica esta situação do seguinte modo: “Quando um sujeito diz para um outro *tu és meu mestre* ou *tu és minha mulher* isso quer dizer exatamente o contrário. Isso passa por *A* (...) e volta em seguida ao sujeito que é, de repente intronizado, por isso, na perigosa e problemática posição de

⁴² Para obtenção da ilustração deste esquema ver Lacan (1997[1954-55]:307)

⁴³ A palavra outro, em francês, é escrita *autre*. Razão pela qual Lacan utiliza a letra *a*, maiúscula e minúscula para designar alteridade. Da mesma forma deve ser entendida a significação da palavra outro escrita com a letra *o* maiúscula: Outro. Este está referido ao *A*, o qual deve ser lido como grande outro, referência alteritária pertencente ao nível simbólico. Portanto, *a*, outro, deve ser lido como pequeno outro e pertence ao eixo imaginário.

⁴⁴ Como, neste momento, o que interessa para nossa pesquisa restringe-se ao eixo imaginário do esquema não abordaremos a relação entre linguagem e fala no processo analítico ilustrada pelo mesmo. Cabe apenas acrescentarmos a existência do que Lacan denomina como “muro da linguagem” (Lacan,1997[1954-55]:307). No plano imaginário o eu e o outro, *a* e *a'*, “são, efetivamente, objetos por serem assim denominados num sistema organizado que é o muro da linguagem” (Lacan,1997[1954-55]:308). Mas o sujeito está além do eixo imaginário, ou melhor, da barreira erigida pelo muro da linguagem, “eles estão do outro lado do muro da linguagem, lá onde, em princípio jamais os alcanço (...) sempre alcanço *a'*, *a*” por reflexão” (Lacan,1997[1954-55]:308).

esposo, ou de discípulo” (Lacan,1997[1954-55]:404). A introdução do termo alteritário A é uma das novidades do esquema em questão cujo objetivo é ilustrar a função imaginária do eu e o discurso inconsciente no processo analítico. A é, justamente, o ponto em que o sujeito não se vê “– isto nunca ocorre – nem mesmo no fim de uma análise. Ele se vê em a ...” (Lacan,1997[1954-55]:307). Este a , a partir de 1960 é conceituado como objeto pequeno a .

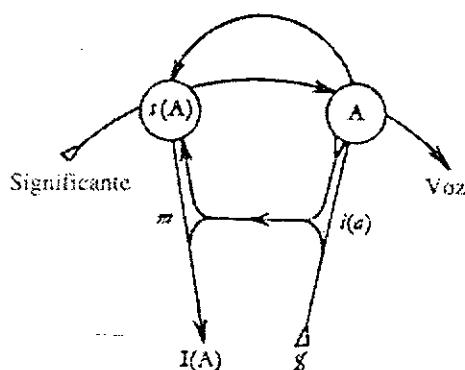
Num esquema subsequente construído ao longo do seminário dos anos de 1957-58 cuja, forma final pode ser encontrada no artigo de 1960 intitulado “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, Lacan não utiliza as letras a e a' ⁴⁵ para designar o eu e sua imagem contidos no eixo imaginário, o qual postula como parte do trajeto do sujeito ao ideal do eu, $I(A)$ ⁴⁶. No esquema apresentado para ilustrar onde o desejo se situa em relação ao sujeito, o eu é representado pela letra m ⁴⁷. Os símbolos m e $i(a)$, eu ideal, formam o vetor que consiste num dos eixos que ilustram os processos imaginários do eu, ou melhor, o percurso da imagem especular até a constituição do eu. Se nos remetermos ao estágio do espelho é possível entender as posições de m e $i(a)$ neste esquema denominado grafo do desejo: o eu, m , constitui-se a partir de uma primeira identificação com sua imagem especular, isto é, com o outro imaginário, $i(a)$. Neste processo funda-se para o eu a apreensão do outro, constituindo assim o primeiro encontro com o desejo. No início, o desejo é o *desejo do outro*

⁴⁵ Tal como encontramos no esquema do buquê invertido e no esquema em Z ; ambos mencionados anteriormente

⁴⁶ Devido ao nosso objetivo nos deteremos ao estudo dos processos imaginários contidos no grafo. Para maiores informações sobre os demais processos recomendamos a leitura do artigo em questão e, de alguns comentadores da obra lacaniana; tais como: Dor (1992[1989]), Darmon (1994), Zizek (1992[1990]).

⁴⁷ É importante ressaltar que m representa a palavra francesa *moi* cujo significado em português é muito próximo ao pronome pessoal mim. Para efeitos de tradução, e como em português não é possível iniciar uma frase com este pronome, adotou-se a palavra eu como tradução. Desta forma, em português, tanto *je* como *moi* significam eu.

especular. Isto institui-se através de uma relação de dependência ao Outro, pois diante do espelho é a mãe quem sustenta a apreensão da imagem, em outras palavras, é a mãe quem sustenta a instauração desse processo identificatório. Em tal sentido “é muito simplesmente – e diremos em que sentido – como desejo do Outro que o desejo do homem ganha forma...” (Lacan,1998[1960]:828). É neste sentido que Lacan enfatiza o papel do Outro desempenhado pela mãe na dialética especular, já que esta funciona como um terceiro termo instaurador do desejo na relação imaginária. Em outros termos, pode ser dito que o *desejo do Outro* passa a ter prevalência sobre o sujeito.



Esta ilustração⁴⁸ da etapa inicial de construção do grafo, além de localizar o eixo imaginário como parte do trajeto do sujeito ao ideal do eu, fornece o lugar do código e da mensagem situados, respectivamente, nos pontos A e s(A). Ao fazer uso do código, a criança dirige à mãe um apelo contendo suas necessidades. Esta mensagem precisa ser decodificada para constituir uma demanda que possibilite a entrada do sujeito no jogo da dialética significante. O ponto s(A) consiste na pontuação da cadeia significante que confere significado ao que se produz no curto-circuito cujo trajeto vai de s(A) a A e, em seguida, retorna a A – isto após ser interpelado pelo eixo imaginário $\overrightarrow{i(a)m}$. O ponto A

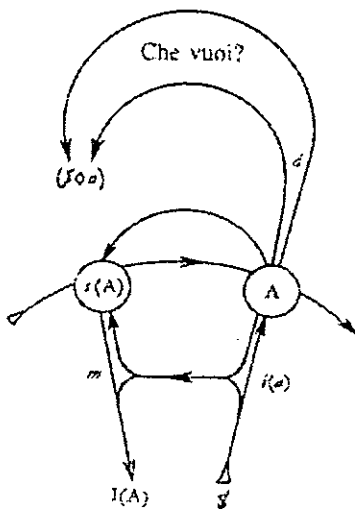
⁴⁸ Para obtenção da ilustração deste esquema ver Lacan (1998[1960]:822).

representa o *todo-poderoso simbólico* que pode ser entendido como a potência simbólica encarnada pela mãe no momento em que a criança lhe endereça uma demanda, cuja forma é condicionada por uma necessidade que pode ser satisfeita ou frustrada (Darmon,1994:101). Diante disso, entre a necessidade e a demanda, Lacan situa o desejo:

O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade: essa margem é a que a demanda, cujo apelo não pode ser incondicional senão em relação ao Outro, abre sob a forma de uma possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal (o que é chamado angústia). Margem que, embora sendo linear, deixa transparecer sua vertigem, por mais que seja coberta pelo pisoteio de elefante do capricho do Outro. É esse capricho, no entanto, que introduz o fantasma da Onipotência, não do sujeito, mas do Outro em que se instala sua demanda (...)" (Lacan,1998[1960]:828).

Ao partir do Outro em "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano", Lacan assinala a importância do sentido encontrado no pronome *de* contido em sua formulação: "O inconsciente é discurso do Outro" (Lacan,1998[1960]:829). De acordo com Lacan o pronome *de* deve ser entendido no sentido latino, através da idéia de "a partir de" cujo *de* fornece-nos a determinação subjetiva – "é como Outro que ele deseja" (Lacan,1998[1960]:829). Desse modo, ao articular uma demanda, a criança dirige-se ao Outro, encontrando nele seu próprio desejo. "Eis porque a pergunta do Outro, que retorna para o sujeito do lugar de onde ele espera um oráculo, formulada como um "Che vuoi?" – que quer você?, é a que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo" (Lacan,1998[1960]:829). Neste ponto o desejo apresenta-se como condição absoluta pelo fato de ser com ele que a criança se identifica. Caso o sujeito se coloque frente ao Outro, ele recebe de volta a pergunta *Che*

vuoi? sob a forma invertida: “Que quer ele de mim?”⁴⁹ (Lacan,1998[1960]:829). Desse modo, o Outro deixa de ser *o todo-poderoso simbólico* e passa a ser o intermediário, o interlocutor do desejo, enfim, *o Outro torna-se aí outro, o objeto, o instrumento do desejo* (Darmon,1994:101).



No grafo em questão⁵⁰, Lacan representa a pergunta *Che vuoi?* com “o desenho de um ponto de interrogação plantado no círculo do A maiúsculo do Outro”, ponto este que conduz a fórmula da fantasia, $\$ \diamond a$ (Lacan,1998[1960]:830). Partindo deste círculo que envolve o Outro, temos duas linhas paralelas, entre as quais está situado a letra *d*, o desejo. Como vimos, este desejo primeiramente é constituído a partir do desejo do Outro, ao qual a angústia está essencialmente relacionada, tornando-se reveladora da função deste Outro na constituição do desejo infantil. No seminário dos anos de 1962-63 sobre o tema da angústia, Lacan utiliza a metáfora de um confronto empreendido

⁴⁹ No momento em o Outro perde a prevalência, a questão intersubjetiva “Que queres?” sofre um deslocamento: ao invés da criança dirigir esta pergunta ao Outro, ela pergunta a si-mesma: “O que ele quer de mim?”

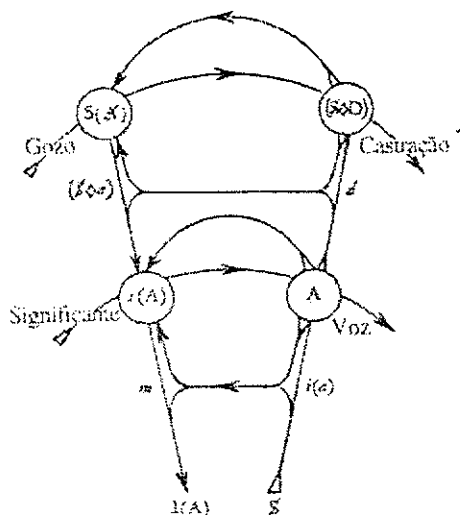
⁵⁰ Para obtenção da ilustração deste esquema ver Lacan (1998[1960]:829).

entre ele e um louva-a-deus para exemplificar o surgimento da angústia frente ao desejo do Outro.

(...) relembro a fábula, a apologia, a divertida imagem que me propus erigir por um instante diante de vocês: eu mesmo revestindo a máscara animal com a qual se cobre o bruxo da gruta dos Três Irmãos, imaginava-me diante de vocês, frente a outro animal, este verdadeiro, e, na ocasião supostamente gigante, o louva-a-deus. E como, além disso, eu não sabia qual era a máscara que me cobria, vocês imaginam facilmente que eu tinha algumas razões para não estar seguro (...) sobre a minha identidade, sendo a coisa bem sublinhada posto que havia acrescentado que, nesse espelho enigmático do globo ocular do inseto, eu não via minha própria imagem (Lacan, 1997[1962-63]:13)

Neste caso a angústia surge devido à impossibilidade de o sujeito apreender sua imagem refletida no globo ocular do referido inseto, momento semelhante à vivência experimentada diante da questão *Che vuoi?* que evoca a falta de resposta diante do desejo do Outro. Para examinarmos tal questão torna-se necessário retornarmos à primeira etapa do grafo exposta anteriormente: o trajeto que vai de $s(A)$ a A e, após ser interceptado pelo eixo imaginário $\overrightarrow{i(a)m}$, retorna a A . De acordo com Lacan este circuito pode ser entendido como um círculo cuja quadratura é impossível “pelo fato de que o sujeito só se constitui ao se subtrair dela e ao descompletá-la essencialmente, por ter, ao mesmo tempo, que se contar ali e desempenhar apenas uma função de falta” (Lacan, 1998[1960]:321). Numa leitura desta etapa da construção do grafo, Žižek (1992[1990]:109) afirma que tal quadratura nunca é realizada sem um determinado resto, digamos a , que se expressa através do *Che vuoi*, entendido como, *Você está dizendo isso, mas o que realmente significa isso?*, pergunta da criança endereçada à mãe que traduz a impossibilidade de decifrar o desejo materno, abrindo, assim, um abismo entre o sujeito e o Outro. É este vazio aberto pela falta de resposta da criança em relação ao desejo materno que causa angústia.

De acordo com Lacan (1997[1962-63]:49) a angústia revela a dimensão da falta, surgindo justamente no momento em que o sujeito se depara com a falta do Outro traduzida através do desaparecimento de qualquer imagem identificatória. Em outras palavras, ao confrontar-se com o plano especular este devolve ao sujeito uma imagem cuja significação não é identificável. Eis que surge a angústia frente ao desejo do Outro: *Que queres de mim?* De acordo com Lacan nesta pergunta está inserido “não apenas que quer ele de mim, mas (...) *que quer ele em relação a este lugar do Eu?* que é algo suspenso entre os dois pisos, $\$ \diamond a - d$ e $m - i(a)$ (...)” (Lacan,1997[1962-63]:14). E ainda: “No jogo da dialética que enoda tão estreitamente os dois pisos, veremos introduzir-se *a função da angústia* (...)” (Lacan,1997[1962-63]:14). Portanto é entre as relações estabelecidas entre o eu e o ideal do eu, $m - i(a)$, e entre o desejo e a fantasia, $\$ \diamond a - d$, que se situa a função da angústia, ponto inicial da dialética do desejo do Outro e do sujeito.



Nesta ilustração⁵¹ que fornece a forma final do grafo pode-se observar a duplicação da etapa inicial da sua construção que implica na introdução da dimensão inconsciente localizada na parte superior do grafo. Torna-se desde logo necessário acrescentar que os vetores $\$ \diamond a - d e m - i(a)$, ou seja, que os dois pisos imaginários do grafo pertencentes aos andares inferiores, são simétricos, podendo, assim, ser entendidos através do estádio do espelho (Dor,1992[1989]:187). De acordo com o que foi visto no primeiro andar do grafo, o eu, m , constitui-se a partir de uma identificação com o outro imaginário, $i(a)$, imagem especular de si-mesmo instaurada a partir do olhar do Outro. Como os vetores $\$ \diamond a - d e m - i(a)$ são homólogos, podemos entender que a fantasia, representada pela fórmula $\$ \diamond a$, constitui-se a partir de uma identificação com o desejo, d , o qual primeiramente consiste no desejo do Outro: “O desejo, pois, está em parte ligado ao fantasma, assim como o eu (moi) (m) está em parte ligado a seus objetos [$i(a)$]” (Dor,1992[1989]:189). Em outras palavras: “O grafo inscreve que o desejo é regulado a partir da fantasia, assim formulada de maneira homóloga ao que acontece com o eu em relação à imagem do corpo (...) Assim se fecha a via imaginária” (Lacan,1998[1960]:831).

A partir destas considerações torna-se possível estabelecer uma articulação entre a fantasia e a angústia, visto que no confronto com a angústia, suscitada pela falta de resposta frente ao desejo do Outro, a fantasia é construída como uma tentativa de resposta cuja função consiste em preencher o vazio aberto pelo *Che vuoi?* Sendo assim, a criança na tentativa de preencher este vazio oferece-se ao Outro como objeto de seu desejo. Para exemplificar isto basta retornar ao que foi dito sobre as primeiras relações da criança com a mãe nas quais, a criança se identifica com o falo a fim de satisfazer o

⁵¹ Para obtenção da ilustração deste esquema ver Lacan (1998[1960]:831).

desejo materno: “É na relação com a mãe que a criança experimenta o falo como centro do desejo dela” (Lacan,1995[1956-57]:230). A criança, identificada com o objeto de desejo da mãe, “se apresenta à mãe como lhe oferecendo o falo nela mesma em graus e posições diversos. Ela pode se identificar com a mãe, se identificar com o falo, ou apresentar-se como portadora de falo” (Lacan,1995[1956-57]:230). Tal *projeto fantasmático* visa a suprir a falta materna concebida imaginariamente pela criança como uma falta real: de acordo com as suposições infantis primordialmente a mãe possuía um pênis que já não possui mais devido à operação castradora da qual foi vítima. Deste modo, ao perceber a falta materna, a criança angustia-se. Sob uma outra ótica pode-se entender que quando a criança se depara com a dimensão real da falta no Outro, suscitada pelo *Che vuoi?*, a castração efetua-se no imaginário. Neste ponto faz-se necessário a seguinte citação: “A fantasia, em sua estrutura (...) contém o (- φ), função imaginária da castração, sob uma forma oculta e reversível de um de seus termos para o outro” (Lacan,1998[1960]:840).

Se nos reportarmos ao andar superior do grafo em questão, é possível perceber que este ilustra exatamente o que o *projeto fantasmático* descrito acima tenta ocultar, isto é, a inconsistência do Outro. Zizek (1992:121) destaca que no quadrado superior do grafo, o desejo sustenta a fantasia cuja função consiste em tamponar a falta do Outro, representada por $S(\mathcal{A})$ que deve ser lido como o “significante de uma falta no Outro” (Lacan,1998[1960]:832). Este andar do grafo consiste pois, numa duplicação *por espelhamento* do andar inferior, fato que possibilita considerar $S(\mathcal{A})$ homólogo a $s(\mathcal{A})$, ou seja, ocupando o lugar de mensagem. Em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, Lacan postula que $S(\mathcal{A})$ “ situa-se no ponto em que toda cadeia se honra ao fechar sua significação”, pois tal termo designa a infinitude da cadeia

significante cuja completude nunca pode ser observada: o que está em questão é uma falta lógica proveniente da ilusão infantil de uma suposta completude que nunca existiu, conduzindo-nos a alguma coisa que sempre faltará (Lacan,1998[1960]:832). Justamente quando a criança apreende isto, a angústia emerge e a fantasia comparece como anteparo a fim de ocultar a inconsistência do Outro; é neste sentido que a criança se oferta como objeto ao Outro no intuito de completá-lo. Lacan escreve a fórmula da fantasia do neurótico, $\$ \diamond a$, em termos de pulsão, $\$ \diamond D$, pois observa que o neurótico identifica a falta do Outro com a sua demanda, ou seja, o neurótico toma a demanda do Outro por seu desejo: “Daí resulta que a demanda do Outro assume a função de objeto em sua fantasia, isto é, que sua fantasia reduz-se à pulsão: $(\$ \diamond D)$ ” (Lacan,1998[1960]:838). Finalmente, na última parte do vetor em questão, a castração é encontrada: “A castração se encontra inscrita como relação ao limite deste ciclo regressivo da demanda. Aparece aí imediatamente após e na medida em que o registro da demanda é esgotado” (Lacan,1997[1962-63]:14).

Neste ponto torna-se oportuno recorrer à articulação promovida por Žižek (1992[1990]) entre os três níveis do vetor que desce do lado esquerdo do grafo.

Primeiro, encontramos $S(A)$: marca da falta no Outro, da inconsistência da ordem simbólica quando ela é penetrada pelo gozo; depois, encontramos $\$ \diamond a$, ou seja, a fórmula da fantasia: a função da fantasia é servir de anteparo para ocultar essa inconsistência; e por fim, $s(A)$, isto é, o efeito de significação como dominado pela fantasia: a fantasia funciona como uma ‘significação absoluta’ (Lacan), constitui o contexto pelo qual percebemos o mundo como consistente e dotado de sentido (...) (Žižek,1992[1990]:120).

Esta articulação descreve o *projeto fantasmático* construído diante da angústia suscitada pela falta de resposta frente ao desejo do Outro. A fantasia contém o $(-\phi)$, símbolo propiciador do estabelecimento de uma relação entre a função da castração

imaginária e o lugar da angústia, os quais nos conduzem ao estatuto do objeto *a*. No seminário dos anos de 1962-63 sobre o tema da angústia, o símbolo $(-\phi)$ ocupa o lugar da angústia que, além de poder ser situado entre os dois pisos imaginários do grafo do desejo – *m* - *i(a)* e $\$ \diamond a - d$, pode ser encontrado na reutilização efetuada por Lacan do esquema ótico contido no artigo de 1960 intitulado “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”. Tal reutilização tem como finalidade demonstrar que a articulação do sujeito com o pequeno e o grande Outro não é efetuada de forma separada, o que resulta no acréscimo do eixo simbólico, estabelecendo, assim, uma nova representação do esquema ótico.

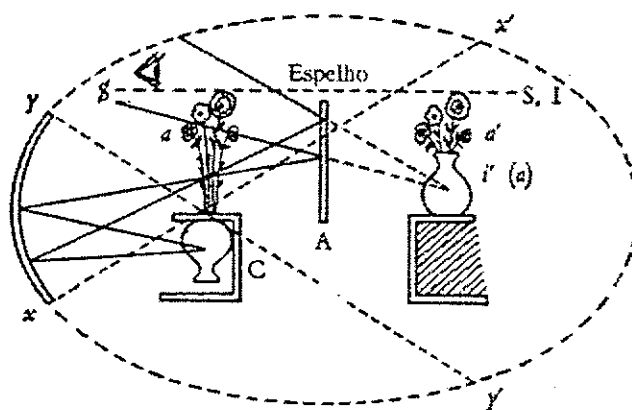
Neste ponto torna-se necessário retornar a 1960, ano em que Lacan retoma o *esquema dos dois espelhos* em dois momentos distintos: durante o seminário sobre a transferência e na redação da “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”. Em ambas as reformulações do esquema ótico, o buquê de flores aparece representado pela letra *a*, a qual recebe o estatuto de objeto do desejo, ou, mais precisamente, de objeto *a*⁵². Neste momento o objeto *a*, concebido como finalidade do desejo, está referido ao eixo imaginário, fato para que Lacan em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” encontra um limite devido à impossibilidade de esclarecer a função simbólica do objeto *a*. Somente no seminário dos anos de 1962-63, uma nova configuração do esquema ótico é capaz de esclarecer tal limite.

No seminário dos anos de 1960-61 sobre o tema da transferência, Lacan fornece a ilustração do *esquema completo*⁵³ que consiste num desdobramento do *esquema dos dois espelhos* construído ao longo do seminário dos anos de 1953-54. Nele acrescenta a

⁵² A compreensão do termo *agalma*, utilizado por Lacan no seminário dos anos de 1960-61, permite um melhor entendimento desta questão. Na próxima parte deste capítulo estaremos ocupando-nos desta noção.

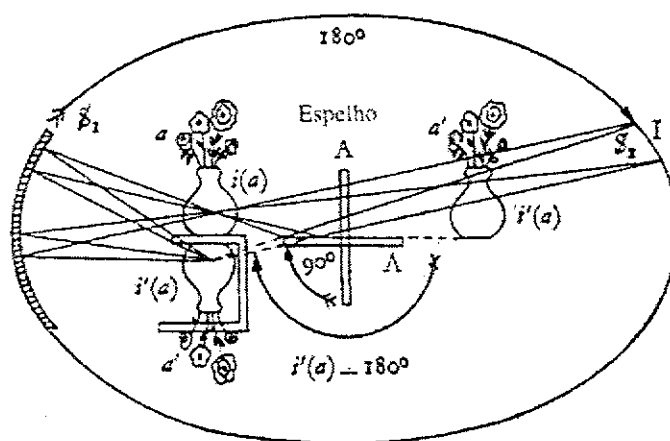
⁵³ Para a obtenção deste esquema ilustrado abaixo, ver Lacan (1992[1960-61]:334).

letra *A*, esclarecendo que o sujeito só está no lugar em que é encontrado no desenho por intermédio do Outro, o qual é responsável pela constituição da dimensão simbólica. Nesta nova elaboração, o termo *A* é introduzido simbolizando o espelho plano. O Outro, representado pelo espelho plano, *A*, é suposto como um *espelho humano*, “de tal modo que, quando olho para ele, é ele em mim quem se olha e quem se vê em meu lugar, no lugar que ocupo nele. Se ele nada mais é que seu próprio olhar, é ele quem funda o verdadeiro desse olhar” (Lacan, 1992[1960-61]:362).



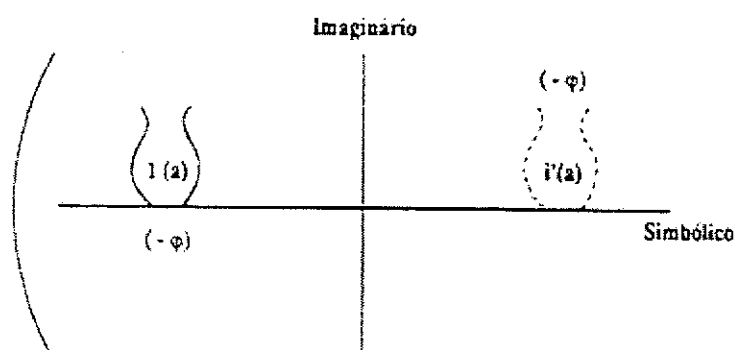
No artigo de 1960 intitulado “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, opera-se uma rotação do espelho plano, *A*, lugar em que o sujeito coloca o Outro, fazendo dele, por identificação, o lugar de sua fala⁵⁴. O Outro, concebido como um *espelho humano*, ao realizar um movimento de rotação apaga-se progressivamente, atingindo uma posição a 90° de sua partida e, levando, assim, o sujeito a uma posição de onde ele só tinha um acesso virtual à ilusão do vaso invertido que neste percurso está destinada a enfraquecer (Lacan, 1998[1960]:687).

⁵⁴ Cf. a construção do *esquema em Z*, p. 80.



Deste modo ao ocupar a posição horizontal ilustrada no esquema acima⁵⁵, o Outro faz com que o sujeito – após efetuar a travessia por ele guiada – perceba diretamente a ilusão do vaso invertido em I , ponto no qual vê a como imagem real. Este acréscimo demonstra a função e os limites do objeto a nesse modelo: “É que nosso modelo não torna mais clara a posição do objeto a . Pois por dar imagem a um jogo de imagens, ele não pode descrever a função que esse objeto recebe no simbólico” (Lacan, 1998[1960]:689). Ou seja, tal esquema encontra seu limite na impossibilidade de demonstrar a função simbólica do objeto a .

Em 1962-63 no seminário destinado ao tema da angústia, Lacan ao retomar o esquema acima acrescenta-lhe o eixo simbólico, configurando, assim, a propósito do objeto a , uma representação para a falta de objeto (Darmon, 1994:95).



⁵⁵ Para obtenção da ilustração deste esquema, ver Lacan (1998[1960]:687).

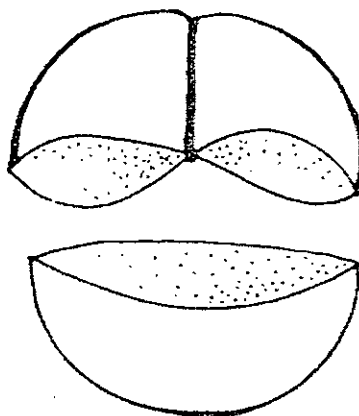
Esta nova representação⁵⁶, opera uma mudança no esquema ótico contido em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, ao ilustrar que o investimento libidinal, característico da relação especular, constitui um tempo fundamental da relação imaginária, fundamental na medida em que tem um limite e é que “todo investimento libidinal não passa pela imagem especular. Existe um resto” (Lacan,1997[1962-63]:46). Este resto não é especularizável, motivo pelo qual não pode ser situado no esquema anterior, onde o que está em jogo são as experiências realizadas no registro imaginário. De acordo com Lacan o resto em questão deve ser caracterizado pelo falo: “E isso quer dizer que, desde agora, em tudo que é referência ao imaginário, o falo virá sob a forma de uma falta, de um $-\varphi$ ” que não é representado ao nível do imaginário devido ao fato de ser cortado da imagem especular (Lacan,1997[1962-63]:46).

Como vimos, o limite do esquema de 1960 consiste no fato de não comportar um lugar que permita conceber um objeto *não-especular* cuja estrutura é dada pelo objeto *a*. Segundo Darmon (1994:95), para a realização desta possibilidade torna-se necessário um desvio efetuado pelo seminário dos anos de 1961-62 cuja topologia do plano projetivo, apresentada sob a forma do *cross-cap*, possibilita a concepção de um objeto, *a*, impossível de ser reencontrado no espelho. A estrutura do *cross-cap* permite conceber uma estrutura comum ao objeto *a* e ao $(-\varphi)$, o qual situa o lugar da angústia no esquema em questão.

De acordo com Granon-Lafont (1996[1985]), o *cross-cap* consiste no desenho do plano projetivo definido por uma superfície contínua, sem margem e sem borda, cuja propriedade de ser unilátera permite interior-exterior estarem sempre em continuidade. Para pensar a estrutura deste objeto não-realizável fisicamente, torna-se necessário

⁵⁶ Para obtenção da ilustração deste esquema, ver Darmon (1994:95).

admitir “um corte abstrato que não se situa em parte alguma” (Granon-Lafont,1996[1985]:69).



Tal como ilustra a figura⁵⁷, o *cross-cap* consiste numa esfera *pinçada* por uma linha vertical cujo início só pode ser concebido na medida em que é representado por escrito: “Duas superfícies se cortam, passando uma através da outra segundo uma linha arbitrariamente desenhada. Se representarmos um formiguinha que caminha sobre uma das superfícies, ela seguirá sem saber que uma outra superfície atravessou a primeira, onde ela está” (Granon-Lafont,1996[1985]:69). Esta característica – transformar duas superfícies sobrepostas capazes de constituir um objeto bilátero em um objeto unilátero – indica a proximidade existente entre o *cross-cap* e a banda de Moebius, a qual pode ser obtida a partir de um corte no ponto central do *cross-cap*. A banda de Moebius constitui o oito formado numa das bordas que sofrem o corte, tal como ilustra a parte superior da figura acima. No seminário de 1962-63, Lacan afirma que o “corte pode instituir dois pedaços, duas peças diferentes, uma que pode ter imagem especular e outra que literalmente não a tem” (Lacan,1997[1962-63]:47). Como a banda de Moebius

⁵⁷ Para obtenção da ilustração, ver Granon-Lafont (1996[1985]:69)

possui imagem especular, o disco formado na borda da parte inferior, resíduo da operação de corte, constitui a parte que não tem imagem especular: o objeto *a*.

Diante de tais considerações torna-se possível entender o limite, instaurado a propósito do objeto *a*, que indica a falência do esquema ótico onde *a* aparece como objeto imaginário do desejo. De acordo com Lacan tal “modelo destacou-se numa fase preliminar de nosso ensino em que nos era preciso desentulhar o imaginário como demasiadamente valorizado na técnica. Já passamos desse ponto” (Lacan, 1998[1960]:688). A reformulação do esquema ótico elaborada no seminário dos anos de 1962-63 vale como prova desta passagem: ao inscrever-se no lugar do $(-\phi)$, sem fazê-lo desaparecer, o objeto *a* perde o lugar de finalidade e passa a ocupar o lugar de causa do desejo.

Neste ponto é possível considerar como encerrada a tarefa de traçar o percurso da letra *a* através do espelho, compreendido desde a elaboração do termo alteritário *a* à gênese do objeto *a*. A partir de então, torna-se necessário o estabelecimento de algumas considerações acerca da formulação do conceito de objeto *a*. Para isto adotaremos o ano de 1960 como ponto central: o eixo desta investigação será constituído a partir de “O Seminário, livro 8: a transferência”, “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” e “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”. É em 1960 que Lacan ao mesmo tempo elabora e encontra o limite do conceito de objeto *a*: ao concebê-lo como finalidade do desejo, Lacan postula o objeto *a* como objeto imaginário do desejo. Este limite é anunciado, mas somente no seminário dos anos de 1962-63 o objeto *a*, ao ser teorizado a partir do tema da angústia, torna-se o objeto *causa* de desejo.

3.3 – Algumas Considerações acerca da Formulação do Conceito de Objeto *a*

(...) o sujeito se inscreve como um quociente, ele é marcado pelo traço unário do significante no Campo do Outro (...) Há um resto, no sentido da divisão, um resíduo. Esse resto, esse outro último, esse irracional, essa prova e única garantia, no final de contas, da alteridade do Outro, é o *a* (Lacan, 1997[1962-63]:35).

No ponto em que nos encontramos, nada mais natural do que começarmos a tecer algumas considerações acerca da formulação do conceito de objeto *a* pelo ano de 1960 e, mais precisamente, a partir da noção de *agalma*. Este termo, além de consistir um dos pontos chaves para a conceitualização do objeto *a*, remete-nos ao que foi traçado na parte anterior desse capítulo sobre a história do pequeno *a* cuja origem pode ser situada no registro imaginário. A partir do exame da idéia contida no termo *agalma*, torna-se possível chegar à elaboração lacaniana efetuada em 1960 sobre a função e o limite do conceito de objeto *a*: o objeto *a* deixa de ser situado como finalidade do desejo e, posteriormente, passa a ocupar o lugar de causa do desejo.

No seminário dos anos de 1960-61 a respeito da transferência, Lacan introduz o termo grego *agalma* ao longo do comentário sobre a obra de Platão intitulada *O Banquete*, com a finalidade de abordar a relação do sujeito com o objeto de seu desejo. A história do banquete oferecido por Agatão em virtude da comemoração de seu primeiro sucesso dramático, narrada por um personagem chamado Apolodoro, consiste no discurso em que cada um dos presentes ao banquete – Fedro, Pausânias, Eximaniaco, Aristófanes, Agatão e Sócrates – realiza o elogio ao amor. Um outro personagem desta narrativa, Alcebiades, chega após o término do elogio ao amor tecido por Agatão e, de acordo com Lacan, “muda as regras do jogo, atribuindo-se com autoridade de

presidência. A partir de agora, diz-nos ele, não é mais ao amor que se vai fazer o elogio, mas ao outro e especificamente ao seu vizinho da direita” (Lacan,1992[1960-61]:140). A partir desta mudança, operada por Alcebiades, do elogio ao panegírico, o termo *agalma* entra em cena. Lacan recorre à distinção entre elogio e panegírico, acentuando que o elogio é uma exposição, primeiramente, da natureza do objeto e em seguida de suas qualidades, já o panegírico consiste em expor os grandes feitos do objeto em questão. É no panegírico de Sócrates que Alcebiades destaca o que este, a seus olhos, contém de desejável: o *agalma*. “Há pois *agalmata* em Sócrates, e foi isto o que provocou o amor de Alcebiades” (Lacan,1992[1960-61]:152).

Segundo Lacan (1992[1960-61]) o termo *agalma* significa, à primeira vista, ornamento e enfeite, possuindo também valor de enigma quando designa o conteúdo da caixinha de jóias em formato de um sileno, imagem com a qual Alcebiades compara Sócrates. Mais importante do que a comparação com a imagem de um sileno é o fato de que as caixinhas de jóias neste formato continham um tesouro no interior cujo conteúdo não é conhecido: “Essa indicação topológica é essencial. O importante é o que está no interior. *Agalma* bem pode querer dizer ornamento ou enfeite, mas aqui, antes de mais nada, jóia, objeto precioso – algo que está no interior” (Lacan,1992[1960-61]:152). O desconhecimento do *agalma*, objeto preciso que pode captar e seduzir a atenção dos deuses, “acarreta de súbito uma subversão, uma submissão à ordens daquele que o possui”. E Lacan pergunta: “Não encontram aí alguma coisa de magia que já lhes aponte em torno do *Che vuoi?* É realmente esta chave, este corte essencial da topologia do sujeito que começa em *O que quer você?* Em outras palavras: Existe um desejo que seja realmente sua vontade?” (Lacan,1992[1960-61]:142). Sob esta ótica e por ser o objeto do desejo do Outro, o *agalma* é conceituado como um objeto parcial que reduz-

se a uma função na medida em que esta deve representar um sujeito: “Este objeto, qualquer que seja o modo pelo qual falem dele na experiência analítica, quer o chamem seio, falo (...) é sempre um objeto parcial” (Lacan,1992[1960-61]:150). Tal objeto, pivô do desejo, diz Lacan, “desempenha um papel que tentei formular na fantasia (...)” (Lacan,1992[1960-61]:150).

Em 1960 no artigo intitulado “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, Lacan serve-se do grafo do desejo para estabelecer as relações entre a fantasia e o desejo, respectivamente, $\$ \diamond$ a e d . Como foi mencionado na parte anterior deste capítulo, a fantasia constitui-se a partir de uma identificação com o desejo, o qual primordialmente consiste no desejo do Outro. É com este desejo, encarnado a princípio pela potência materna, que a criança se identifica e, se oferta como objeto no intuito de completá-lo. Desta forma a suposta falta existente no desejo do Outro é preenchida pela construção de uma trama imaginária: a fantasia. Assim, torna-se possível compreender que a fantasia contém o objeto de desejo do Outro, *agalma*, único objeto supostamente capaz de obturar a falta aberta no momento da indagação *Che vuoi?* Segundo Lacan a estrutura da fantasia contém o $(-\phi)$, símbolo da castração imaginária, que nos conduz ao objeto a . De acordo com o que foi visto na reutilização do esquema ótico efetuada por Lacan em “O Seminário, livro 10: a angústia”, o símbolo $(-\phi)$ assinala o falo sob a forma de uma falta, o qual consiste no resto não-especularizável proveniente do investimento libidinal realizado num tempo fundamental da relação imaginária. Miller (1999[1997]) afirma que a conexão estabelecida entre o objeto e a castração foi responsável pela formulação do objeto a , capaz de inscrever-se no lugar do $(-\phi)$ sem fazê-lo desaparecer, ou seja, sem terminar com a falta fundamental que este último comporta.

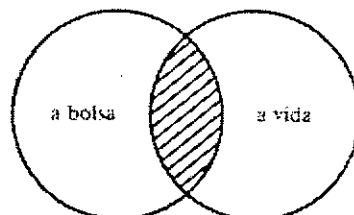
Se retornarmos ao já referido artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, é possível estabelecer uma articulação entre o objeto *a* e o *agalma* a partir da seguinte afirmação lacaniana: “Incluída no objeto *a* está o *agalma*, o tesouro inestimável que Alcebíades proclama estar encerrado na caixa rústica que forma para ele a figura de Sócrates. Mas observemos que ela é marcada pelo sinal de (-)” (Lacan,1998[1960]:840). Isto que dizer que assim como o $(-\phi)$, o *agalma*, por ser um objeto parcial, comporta uma falta que o define como objeto do desejo, tal como acontece com “a mulher por trás de seu véu: é a ausência do pênis que faz dela o falo, objeto do desejo” (Lacan,1998[1960]:840). A partir desta comparação, Lacan chega à conclusão de que Alcebíades, ao mostrar-se como castrado deste precioso objeto que causa o desejo, se exhibe como desejante presentificando Sócrates como a encarnação do *agalma*, “a quem, pela ação de $(-\phi)$, Alcebíades imaginizou por completo” (Lacan,1998[1960]:840). Deste modo, torna-se possível situar Sócrates no lugar do grande Outro. No *esquema completo* apresentado no seminário em questão, a função do Outro, representada pela letra A, é introduzida e situada ao nível do espelho plano que, por reflexão, fornece a imagem de *a* representada pelas flores (Lacan,1992[1960-61]:334). De acordo com esta referência especular pode-se entender que ao ocupar a posição de grande Outro, Sócrates fornece o que Alcebíades, sob o signo de *agalma*, representa como *a*, ou melhor, como objeto imaginário do desejo.

Em 1960 na redação da “ Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, Lacan delimita os limites da conceitualização exposta acima ao esclarecer que *a*, concebido por Alcebíades como *agalma*, funciona como expositor do desejo no Outro (Lacan,1998[1960]:689). Isto consiste no fato de que *a*, ao funcionar como *indício do desejo*, indica uma ausência que posteriormente, no seminário dos anos de 1962-63, é

conceituada como *causa de desejo* e assinalada no esquema ótico sob a forma de uma falta representada pelo símbolo $(-\phi)$: “Aí está situado o ponto de experiência que faz com que Alcebíades considere que em Sócrates está esse tesouro, esse objeto indefinível e precioso que vai fixar sua determinação, depois de ter desencadeado o seu desejo” (Lacan, 1992[1960-61]:155). Esta citação, extraída do seminário de 1960-61, ao indicar a presença do $(-\phi)$ na dialética especular nos conduz à idéia de causa do desejo que, apesar de indicada, ainda não é desenvolvida. Pois num primeiro momento, mais precisamente em 1960, Lacan concebe o objeto *a* em termos imaginários, fato que o torna muito próximo da noção de *agalma*, ou melhor, da noção de finalidade, de objeto do desejo. Além das elaborações topológicas e das formulações referentes à angústia contidas, respectivamente, nos seminários dos anos de 1961-62 e de 1962-63; os conceitos de alienação e separação expostos no seminário de 1964 tornam-se imprescindíveis para o entendimento da mudança de lugar ocupado pelo objeto *a* na teorização lacaniana.

No seminário de 1964, Lacan utiliza as operações conhecidas como união e interseção na teoria matemática dos conjuntos para elaborar e formalizar os conceitos de alienação e separação, os quais consistem em operações constituintes do sujeito e ancoradas no campo do Outro. A partir da operação de união, Lacan define o nível da alienação utilizando três *vels*: o *vel* da exclusão, o *vel* da união e o *vel* da escolha forçada. Considerando a existência de dois elementos, pode-se examinar o que acontece em cada um deles: no primeiro *vel* os dois elementos são excludentes, *ou um ou outro*, no segundo *vel* um elemento é acrescentado ao outro formando um só conjunto, e, no terceiro *vel* só existe uma opção que consiste na exclusão de um determinado elemento (Soler, 1997[1995]:59). Lacan ilustra o terceiro *vel*, o *vel* da escolha forçada com o

seguinte exemplo: “*A bolsa ou a vida!* Se escolho a bolsa perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada” (Lacan,1985[1964]:201).



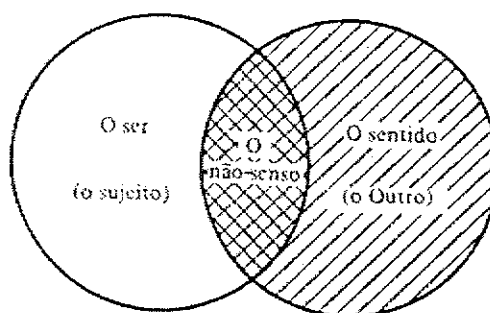
Nesta figura⁵⁸ pode-se visualizar, no círculo situado ao lado direito, a vida decepada da bolsa, única escolha possível, *escolha forçada* realizada no nível da alienação. Segundo Soler (1997[1995]), a operação de alienação, a não ser devido à sua formalização lógica, não constitui uma novidade deste seminário:

O sujeito da alienação no Seminário 11 não é um sujeito novo; é o mesmo sujeito sobre quem Lacan vinha falando por dez anos. É o sujeito incluído no grafo lacaniano do desejo, no nível inferior. Olhando para o grafo ver-se á que o sujeito incluído no nível inferior é o sujeito da alienação que tem que escolher entre identificação fixada por significante e sentido (Soler,1997[1995]:62).

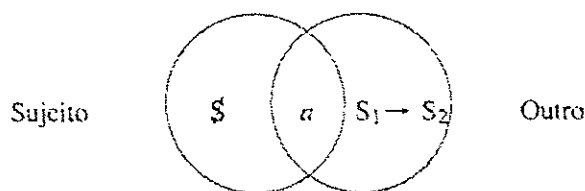
Lacan postula no nível da alienação uma operação exercida por dois conjuntos, o conjunto do Outro que contém o sentido e o conjunto do sujeito que contém o seu ser. Na interseção, isto é, no meio é colocado o não senso: “Escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não senso – escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente” (Lacan,1985[1964]:200). Esta parte decepada, a parte do não-senso ilustrada na figura abaixo⁵⁹, mais adiante recebe o nome de objeto *a*.

⁵⁸ Para obtenção da ilustração deste esquema, ver Lacan (1985[1964]:201).

⁵⁹ Para obtenção da ilustração deste esquema, ver Lacan (1985[1964]:200).



Neste momento, de acordo com a lógica do *vel* da escolha forçada, o sujeito em constituição não tem ainda uma identidade; tal fato força a identificação da criança com o Outro. Laurant (1997[1995]) ao comentar os processos de alienação e separação utiliza a fórmula $S1 \rightarrow S2$, que define como o sujeito (\$) – identificado com um significante fornecido pelo Outro – é representado por este significante para um outro significante. Em outras palavras: “‘um menino mau’ é representado como um ‘menino mau’ em relação ao ideal de sua mãe. Logo, ‘menino mau’(...) funciona para o sujeito como uma linha mestra durante a vida deste” (Laurant,1997[1995]:38). Isto significa que no princípio a criança só possui uma escolha, a de alienar-se num significante mestre obtido no campo do Outro, perdendo, assim, uma parte do seu ser. Esta parte perdida e distinta da identificação com o significante mestre encontra-se situada na interseção dos dois conjuntos ilustrada pelo objeto *a*. Deste modo a letra *a*, ao nomear a parte do sujeito deixada de fora da operação de alienação, possibilita o segundo tempo da constituição do sujeito, a separação.



A figura acima⁶⁰ ilustra o processo de separação, que pode ser considerado como uma novidade conceitual apresentada por Lacan no seminário de 1964 (Soler,1997[1995]:62). Tal processo é conceituado a partir da estrutura da interseção que, de acordo com a lógica matemática, isola os elementos pertencentes a ambos os conjuntos: “A separação de Lacan é uma interseção definida por aquilo que falta em ambos os conjuntos, não pelo que pertence aos dois” (Soler,1997[1995]:61). Desta forma o objeto α , tal como aparece na interseção destes conjuntos, representa uma área que “surge do recobrimento de duas faltas” (Lacan,1985[1964]:202). A falta proveniente do lado do sujeito, parte não identificada ao significante mestre, é recoberta por uma falta encontrada do lado do Outro.

O Outro implicado na separação não é o Outro implicado na alienação. É um outro aspecto do Outro, não o Outro cheio de significantes, mas ao contrário, um Outro a que falta alguma coisa. Enquanto podemos escrever o Outro tesouro dos significantes como A, o Outro como faltoso é escrito com uma barra: \bar{A} (Soler,1997[1995]:63).

É este Outro barrado que está em causa na separação. A falta, ou melhor, a inconsistência do outro surge diante do *Che vuoi?*, indagação da criança ao Outro materno: “Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é realmente destacável – *ele me diz isso, mas o que é que ele quer?*”

⁶⁰ Para obtenção da ilustração deste esquema, ver Laurant (1997[1995]: 37).

(Lacan,1985[1964]:203). E ainda: “É no que seu desejo está para além ou para alguém no que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é neste ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito” (Lacan,1985[1964]:207). A questão *Che vuoi?* além de revelar a inconsistência do desejo do Outro materno e a falta de resposta da criança diante da constatação desse vazio, estabelece a condição que torna possível a separação, isto é, a dimensão do desejo suscitada pela sobreposição dessas duas faltas que formam uma única lacuna representada pelo objeto *a*. Portanto, é possível entender que o desejo advém do recobrimento dessas duas faltas condensadas na área de interseção situada entre o sujeito e o Outro. Isto permite situar a função do objeto *a* na operação de separação e, conceituá-lo como *causa de desejo*.

Como vimos acima, a separação consiste num segundo tempo do advento do sujeito que envolve o confronto da criança alienada com o desejo do Outro materno. Diferentemente da alienação, tal como é efetuada pelo *vel* da escolha forçada, a separação não é um destino: “Se, então, a alienação consiste na causação do sujeito pelo desejo do Outro que precedeu seu nascimento, por algum desejo que não partiu do sujeito, a separação consiste na tentativa por parte do sujeito alienado de lidar com esse desejo do Outro na maneira como ele se manifesta no mundo do sujeito” (Fink,1998[1995]:73). No seminário de 1964, ao postular a operação de separação estabelecida pelo sujeito, entre ele e o Outro, Lacan faz uso de um trocadilho, “*se parare, se parer*” elaborado a partir da palavra francesa “*separare*” que traduzida para o português significa *separar*, e, o trocadilho significa *se parir* (Lacan,1985[1964]:202). Este jogo de palavras exprime o cerne da operação de separação que consiste no advento do sujeito desejante, alienado anteriormente no Outro

do qual ele se descola, constituindo, assim, a via de retorno do *vel* da alienação. Este que, por sua vez, petrifica a criança na posição de objeto do desejo do Outro, tal como demonstra a fórmula da fantasia, $\$ \diamond a$: *eu sei o que o Outro deseja e posso oferecer*. Basta retornar ao exemplo do “menino mau” e ao esquema lacaniano da alienação⁶¹ para constatar que no momento desta operação o sentido é atribuído a partir da identificação com o significante mestre “menino mau” (Laurant,1997[1995]:38). Mas neste momento, além do sentido atribuído pelo significante mestre, resta alguma coisa que é deixada de fora, ou melhor, não possuidora de sentido. Este resto pode ser localizado na interseção dos conjuntos do sujeito e do Outro, denominada por Lacan como a parte do não-senso. Cabe neste espaço o que foi deixado de fora, ou seja, o desejo do Outro materno insatisfeito: mesmo que o menino em questão seja um menino mau, ele também é outras coisas. É justamente este resto, ou seja, a parte não dotada de sentido quando identificada ao desejo materno que o objeto *a* vem representar ao inscrever-se na interseção dos conjuntos⁶². Desta forma o objeto *a*, ao representar o desejo do Outro materno insatisfeito, causa a separação. Para separar-se é necessário que a criança fracasse na tarefa de ser o único objeto do desejo do Outro, operando, assim, uma torção no *vel* da alienação “para o qual, só há uma saída – a via do desejo” (Lacan,1985[1964]:212). Como vimos o desejo advém do recobrimento da falta situada do lado do sujeito e da falta situada do lado do Outro, as quais são condensadas sob a forma do objeto *a* : “Pela função do objeto *a*, o sujeito se separa, deixa de estar ligado à

⁶¹ Cf. p. 101-102.

⁶² Cabe aqui lembrarmos que o objeto *a* é a constação lógica de uma falta, isto significa que o objeto *a* não consiste nas flores, tal como demonstramos a partir do limite do esquema ótico indicado na redação da “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”. Na reformulação do esquema ótico contida no seminário de 1962-63, a utilização do símbolo $(-\phi)$ esclarece esta questão.

vacilação do ser, ao sentido que constitui o essencial da alienação” (Lacan,1985[1964]:243).

A partir da operação de separação torna-se possível atribuir ao objeto *a* o estatuto de *causa*. Diante desta constatação, é possível observar a mudança sofrida na conceitualização do objeto em questão: o objeto *a* deixa de ser concebido como objeto desejado e passa a ocupar o lugar de causa do desejo. Esta mudança traz como consequência uma transformação da posição ocupada pelo analista durante o processo analítico, isto é, o analista deixa de ocupar o lugar de objeto desejado e passa a assumir a função do objeto *a*, ocupando, portanto, o lugar do objeto que causa o desejo.

Deste modo no seminário de 1964, Lacan distancia-se da concepção de objeto imaginário do desejo – maneira como o *a* é situado quando representa as flores no esquema ótico e quando assemelha-se ao *agalma* – e postula que a função do analista consiste em promover na análise o objeto como causa de desejo (Dunand,1997[1995]:260). Para isto torna-se necessário situar o analista na posição de objeto *a*. Enquanto o analisado é visado como finalidade do desejo, a análise desenrola-se pela via da identificação, a qual é compreensível pelo nível da alienação. A posição do analista como objeto *a* opõe-se à identificação ideal realizada no nível da alienação, o que, leva a um distanciamento do objeto fixado como ideal causando, então, a separação. Desta forma, para que o analista se posicione no lugar de causa é necessário que haja alguma falha na manutenção da posição ideal refletida por ele no nível da alienação. A segunda estrofe do poema de Aragon, citado por Lacan no seminário de 1964, ilustra a posição do analista como objeto *a* quando afirma que o espelho pode refletir sem ver, ou seja, que o espelho é cego (Lacan,1985[1964]:23).

É em vão que tua imagem chega ao meu encontro
 E não me entra onde estou, que mostra apenas
 Voltando-te para mim só poderias achar
 Na parede do meu olhar tua sombra tão sonhada.

Eu sou esse infeliz comparável aos espelhos
 Que podem refletir mas que não podem ver
 Como eles meu olho é vazio e como eles habitado
 Pela ausência de ti que faz sua cegueira.

O retorno ao seminário de 1962-63 torna possível a aproximação da posição do analista como ponto cego de um espelho que reflete sem ver, da ausência de imagem assinalada pelo símbolo $(-\phi)$ na reconfiguração do esquema ótico encontrada no seminário em questão. É a percepção desta falha, ou melhor, deste ponto cego que situa o analista na posição de objeto a – “ponto em que o sujeito se vê causado como falta por a ” (Lacan, 1985[1964]:255). Finalmente, no seminário de 1964, Lacan exemplifica a posição do analista ao hipotetizar o que o analisando diz ao analista: “*Eu te amo, mas, porque inexplicavelmente amo em ti algo que é mais que tu – objeto a minúsculo, eu te mutilo*” (Lacan, 1985[1964]:254).

Optamos por terminar a investigação sobre o conceito de objeto na obra lacaniana no ano de 1960, ano em que a função e o limite do conceito de objeto a é elaborado. Com o intuito de esclarecer tais questões, um desvio aos seminários dos anos de 1961-62, 1962-63 e 1964 tornou-se necessário para a compreensão do estatuto de causa ocupado pelo objeto a quando este perde o lugar de finalidade e passa a ocupar o lugar de causa do desejo. Mas não é pelo fato de terminarmos justamente no começo da conceitualização do objeto a que deixaremos de indicar seus desdobramento posteriores na obra lacaniana: após ser conceituado na vertente imaginária como objeto desejado e na vertente simbólica como objeto causa de desejo, o objeto a é conceituado na vertente do real. Como este passo seguinte é dado, só uma investigação até o final do ensino

lacaniano pode responder. Acreditamos na possibilidade de que, ao deixar aberta esta questão, nossa pesquisa funcione como *causa* de novas investigações.

CAPÍTULO 4

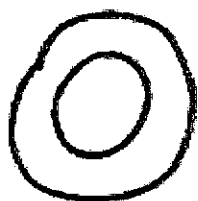
ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE WINNICOTT E LACAN

Ao iniciar o estabelecimento de encontros e desencontros entre os conceitos de objeto formulados por Winnicott e Lacan, nada mais natural do que considerar o desencontro contextual examinado no primeiro capítulo. Tal desencontro se refere às preocupações teórico-clínicas que serviram de base para a construção das teorias em questão. Adotaremos como ponto de partida a noção de alteridade para pôr em evidência outros pontos de junção e disjunção entre os referidos conceitos de objeto. Tal investigação conduz ao encontro do espaço intermediário estabelecido entre o eu e o objeto, postulado tanto por Winnicott quanto por Lacan, e que possibilita o debate acerca do conceito de objeto transicional e de objeto *a*, refletindo o modo como cada autor conduz o processo analítico.

Diante de referenciais teóricos e de preocupações clínicas distintas, Winnicott e Lacan elaboram teorias a respeito da constituição da subjetividade com um aspecto em comum: o reconhecimento da dimensão alteritária como fator fundamental para a integração do eu. A forma como esta dimensão é concebida na constituição do psiquismo leva-nos justamente ao encontro do espaço intermediário, revelando o desencontro entre os conceitos de objeto transicional e de objeto *a*. A maneira como Winnicott e Lacan conduzem uma análise será estudada após examinarmos como cada um deles concebe a presença do outro quando o que está em pauta é a constituição da subjetividade⁶³.

⁶³ Sobre as concepções de alteridade nas diferentes orientações psicanalíticas e suas conseqüências sobre a prática clínica, cf. Souza (2000).

Para investigarmos a forma como Winnicott concebe a dimensão alteritária presente no momento inicial da constituição do psiquismo, torna-se necessário retornar a duas noções examinadas na primeira parte do capítulo 2: a concepção de *identificação primária* e o conceito de *objeto subjetivo*, descrevendo os processos ocorridos na mãe e no bebê, já que, nos primórdios da constituição do psiquismo, mãe e bebê formam uma unidade. A figura que se segue ilustra bem esta noção⁶⁴:

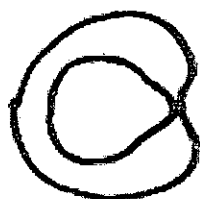


Como se vê, o outro está presente na medida em que se encontra fundido com o bebê. Para entender tal idéia e o paradoxo nela contido, deve-se recorrer à noção de *dependência absoluta*, ou seja, ao estado inicial de indiferenciação entre o bebê e os cuidados maternos. Apesar de não serem ainda percebidos como tais e nem se são bem ou mal desempenhados, esses cuidados atestam a existência do bebê sob a forma do *conjunto ambiente-indivíduo*, o que num primeiro momento garante a unidade do eu. Quando a mãe atravessa o estado de preocupação materna primária, identifica-se com as necessidades do bebê a ponto de atendê-las apenas quando necessário. E o bebê, imerso num estado de dependência absoluta aos cuidados maternos, identifica-se com estes, que inicialmente acredita fazerem parte dele.

Ao momento em que mãe e bebê estão psicologicamente fundidos denominamos *identificação primária*, que deve ser entendida como uma sintonia atingida através do ritmo comum estabelecido entre a dupla mãe-bebê, que conduz ao conceito de objeto

⁶⁴ Para obtenção da figura original, cf. Winnicott (2000[1952]:309).

subjetivo situado enquanto não há distinção *eu-não-eu*. Para fornecer uma explicação do relacionamento primário do bebê com a realidade compartilhada, Winnicott (2000[1945]:227) descreve o *momento de ilusão* decorrente da experiência da *primeira mamada teórica*: neste momento *a mãe é parte do bebê e este é parte dela*, formando, assim, uma *unidade dupla*.



Esta figura⁶⁵ ilustra o resultado de uma adaptação *quase perfeita* decorrente do *momento de ilusão* cuja realização depende da capacidade que tem a mãe de identificar-se com o bebê, apresentando o seio no momento propício para a ilusão. Neste sentido, o *momento de ilusão* é formado numa área de superposição entre o bebê que mama num seio que é parte dele e a mãe alimenta um bebê que é parte dela. É assim que a mãe fornece ao bebê a ilusão de que foi ele quem criou o seio, ponto de partida que permitirá posteriormente à criança estabelecer a distinção *eu/não-eu*. O *momento de ilusão* é assim entendido como “uma partícula de experiência que o bebê pode considerar *ou* como uma alucinação sua, *ou* como um objeto pertencente à realidade externa” (Winnicott,2000[1945]:227). Esta experiência, que pode ser considerada como *uma descrição do relacionamento primário do bebê com a realidade*, proporciona o surgimento da área de ilusão, onde os *objetos e fenômenos transicionais* são constituídos.

⁶⁵ Para obtenção da figura original, cf. Winnicott (2000[1952]:309).

Lacan comenta a descrição winnicottiana do *momento de ilusão* decorrente da experiência da primeira mamada teórica, em dois momentos consecutivos⁶⁶: primeiramente em 1956-57, no seminário “A relação de objeto”, e, em seguida, no seminário intitulado “As formações do inconsciente”. Em “A relação de objeto”, ao referir-se ao uso da noção de realidade, Lacan recorre às observações efetuadas por Winnicott acerca do papel exercido pela função materna na apreensão da realidade:

(...) Winnicott observa que, em suma, para que as coisas corram bem, ou seja, para que a criança não seja traumatizada, é preciso que a mãe opere estando sempre ali no momento necessário, isto é, precisamente vindo colocar, no momento da ilusão delirante da criança, o objeto real que a satisfaz. Portanto, não existe inicialmente, na relação ideal mãe-criança, nenhuma espécie de distinção entre a alucinação do seio materno, que surge por princípio do processo primário, segundo a noção que temos, e o encontro do objeto real de que se trata (Lacan, 1995[1956-57]:34).

De acordo com Lacan, Winnicott faz um uso problemático da noção de realidade, ao substituir os conceitos freudianos de princípio do prazer e da realidade por dois atores ideais: “Isso quer dizer que a oposição dialética e impessoal dos dois princípios, o princípio de realidade e o princípio do prazer, foi substituída por dois atores. Sem dúvida, esses sujeitos são realmente ideais, sem dúvida que se trata mais de uma espécie de figuração ou de *guignol* imaginário” (Lacan, 1995[1956-57]:33). Sob a ótica lacaniana, a relação mãe-bebê, tal como é concebida inicialmente por Winnicott, estrutura-se de maneira dual e direta, isto é, sem espaço para a falta de objeto. Lacan também comenta a descrição do *momento de ilusão* possibilitada pelo *holding* materno, que nos termos winnicottianos fornece uma explicação do relacionamento primeiro do bebê com a realidade:

⁶⁶ É importante ressaltar que neste momento daremos destaque aos comentários tecidos por Lacan a respeito da descrição winnicottiana do momento de ilusão, mais adiante nos deteremos aos comentários referentes especificamente ao conceito de objeto transicional.

Suponhamos que o objeto materno chegue na hora exata para satisfazer a necessidade. Mal a criança começa a reagir para ter o seio, que a mãe o ofereça a ela. Winnicott detém-se, com justa razão, e levanta o seguinte problema: o que permite à criança, nessas condições, estabelecer uma distinção entre a satisfação alucinatória de seu desejo e a realidade? Em outras palavras, com esse ponto de partida, chegamos estritamente à seguinte equação: na origem, a alucinação é absolutamente impossível de distinguir do desejo completo. O paradoxo dessa confusão não tem como deixar de impressionar (Lacan,1999[1957-58]:225).

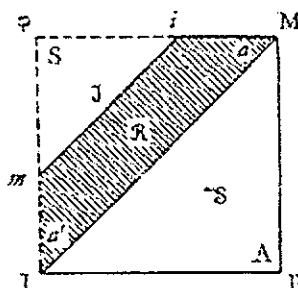
Sob a ótica lacaniana, o relacionamento inicial da criança com a realidade não estaria fundamentado no atendimento ou não-atendimento das necessidades, tal como Winnicott concebe, visto que:

Aqui encontramos uma coisa que se pode chamar de necessidade, mas que logo chamo de desejo, porque não existe estado originário de necessidade pura. Desde a origem, a necessidade tem sua motivação no plano do desejo, isto é, de alguma coisa que se destina, no homem, a ter uma certa relação com o significante. (Lacan,1999[1957-58]:227).

Sendo assim, não é difícil perceber que para ele, desde o início da apreensão da realidade, a dimensão simbólica está em jogo e que a relação mãe-bebê, por ser pensada nos termos da lógica do significante, não inclui as relações de dependência, tais como são enfatizadas por Winnicott, nem, conseqüentemente, o que está em jogo nelas: as necessidades do bebê e as qualidades do objeto, ou melhor, do outro materno (Souza,2002:2). Portanto, o relacionamento inicial da criança com a realidade é descrito por Lacan a partir do modelo intersubjetivo sob o qual o estágio do espelho é constituído. Tal modelo fundamenta a construção do *esquema R*, utilizado no seminário dos anos de 1957-58, como uma outra concepção face ao paradoxo contido no *momento de ilusão*, ressaltado por Winnicott.

No artigo “De uma questão preliminar a todo o tratamento possível da psicose”, baseado nas principais questões abordadas nos primeiros trimestres do seminário de 1955-56, Lacan constrói a primeira versão do esquema R, cuja estrutura é concebida a

partir do estádio do espelho com o intuito de explicar como se efetua a apreensão da realidade.⁶⁷



Esta figura⁶⁸ ilustra o *quadrângulo da realidade* cuja estrutura é concebida a partir de dois triângulos, um imaginário e um simbólico, e por um trapézio situado entre os dois triângulos. O eixo imaginário \overrightarrow{mi} é constituído a partir da imagem especular, a qual fornece a base do triângulo imaginário, $m-i-\phi$, que é homóloga à base do triângulo simbólico $M-I-P$, constituída pelo eixo simbólico \overrightarrow{IM} . O eixo imaginário é formado pelo eu, m , e pela sua imagem especular, i , enquanto que o eixo simbólico é formado pela letra I , a qual deve ser entendida como ideal do eu, letra que situa o lugar da criança como produto do ideal paterno; enfim a letra M deve ser entendida como o significante do objeto primordial – o outro materno.

Estes eixos consistem, respectivamente, na parte superior e na parte inferior do trapézio onde Lacan situa a realidade. Portanto, a realidade é situada exatamente na margem, isto é, entre o imaginário e o simbólico. Para examinarmos como se efetua a

⁶⁷ No momento nos deteremos na primeira versão elaborada por Lacan no artigo em questão e retomada no seminário dos anos de 1957-58. Para maiores informações sobre a versão posterior dada ao esquema R que o estrutura em termos topológicos, identificando-o ao plano projetivo, consultar a nota de rodapé acrescentada em 1966 no artigo em questão, assim como os comentadores: Darmon (1994) e Granon-Lafont (1996[1985]).

⁶⁸ Para a obtenção da figura original, cf. Lacan (1998[1958]:559).

apreensão da realidade, partiremos da experiência imaginária, ou seja, do que acontece no nível do estádio do espelho:

O estádio do espelho é o encontro do sujeito com aquilo que é propriamente uma realidade e, ao mesmo tempo, não o é, ou seja, com uma imagem virtual, que desempenha um papel decisivo numa certa cristalização do sujeito à qual dou o nome de *Urbild*⁶⁹. Coloco isso em paralelo com a relação que se produz entre a criança e a mãe. (Lacan, 1999[1957-58]:233).

Diante do espelho, é a mãe quem sustenta a identificação do bebê com a imagem especular de si-mesmo, a qual possibilita a formação do eu. Neste ponto basta lembrar que o eixo simbólico $\overset{\rightarrow}{IM}$, base do trapézio no qual a realidade está situada, é homólogo ao eixo especular $\overset{\rightarrow}{mi}$, para entender que a relação simbólica mãe-criança – que consiste num primeiro modo de apreensão da realidade – é constituída de maneira equivalente à formação do eu pela imagem especular. Desta forma, se nos remetermos à figura anterior, assistimos a um movimento duplo: o campo da experiência da realidade é formado por um trapézio que se apóia, por um lado, no eixo imaginário e, por outro, no eixo simbólico (Lacan, 1999[1957-58]:234).

Assim como Winnicott, Lacan ressalta um momento paradoxal referente à constituição da realidade: no nível do estádio do espelho o encontro primeiro do sujeito com a realidade acontece através de uma imagem virtual. Ao captar sua imagem no espelho, o bebê, através de uma imagem virtual, obtém por antecipação a sensação de unificação corporal, constituindo, assim, o próprio eu, e, simultaneamente, tornando-se objeto ao identificar-se com a imagem virtual de si-mesmo. Isto faz com que a realidade, ao mesmo tempo, *seja e não seja* realidade – já que num primeiro momento é apreendida virtualmente. Lacan (1999[1957-58]:225), comentando o paradoxo contido no *momento de ilusão* postulado por Winnicott, enfatiza que entre a satisfação

alucinatória da realidade e o que a mãe oferece há uma hiância que permite à criança reconhecer o objeto. Tal hiância estabelecida é postulada na relação especular: a imagem especular de si-mesmo assume características de objeto cativante, sendo considerada como outro.

Portanto, podemos destacar um distanciamento referente à forma de descrever a presença da dimensão alteritária no momento inicial da constituição do psiquismo: tanto Winnicott quanto Lacan reconhecem a importância da presença do outro, mas de modos diferentes. Para Winnicott a presença do outro está diretamente articulada com o conceito de *identificação primária* (o outro está presente na medida em que se encontra fundido com o bebê), enquanto Lacan concebe o início da experiência psíquica em termos intersubjetivos (Souza,2001:135).

O modelo do estágio do espelho demonstra que a mãe e o bebê encontram-se separados por uma hiância que, de acordo com o que vimos na primeira parte do capítulo 3, comporta a falta de objeto. É importante ressaltar que, num momento posterior do desenvolvimento emocional primitivo, ou mais precisamente, quando a criança entra em contato com os objetos transicionais, Winnicott também se refere a uma hiância ao postular um espaço intermediário estabelecido entre a mãe e o bebê proveniente da falta provocada pela ausência dos cuidados maternos. Deste modo, podemos considerar que tanto Winnicott quanto Lacan fazem menção a um espaço entre a mãe e o bebê que comporta a falta de objeto, embora isso seja feito em momentos distintos: Lacan parte deste espaço intermediário para teorizar sobre a constituição do sujeito, enquanto Winnicott parte do *conjunto ambiente-indivíduo*.

Apesar de não conceber o início da experiência psíquica em termos intersubjetivos, Winnicott recorre ao estágio do espelho lacaniano para esclarecer a

⁶⁹ Sobre a palavra alemã *Urbild*, cf. p. 59.

importância da função materna na constituição da subjetividade. Em 1967, em seu artigo “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”, ele afirma:

No desenvolvimento emocional individual, o *precursor do espelho é o rosto da mãe*. (...) Sem dúvida o artigo de Jacques Lacan, ‘Le State du Miroir’, me influenciou. Ele se refere ao uso do espelho no desenvolvimento do ego de cada indivíduo. Lacan, porém, não pensa no espelho em termos do rosto da mãe do modo como desejo fazer aqui (Winnicott,1975[1967]:153).

Winnicott esclarece que, num primeiro momento, sua tese deve ser restringida aos bebês que possuem visão e, apenas numa etapa posterior à enunciação do tema principal, a idéia apresentada acima deve ser aplicada de maneira mais ampla, isto é, aos bebês com visão deficiente ou cegos. Isto se deve ao fato de que suas reflexões partem da análise do momento em que o bebê passa a olhar em sua volta⁷⁰. De acordo com Abram (2000[1996]:158) a principal tese desenvolvida por Winnicott neste artigo é a de que, para ver o mundo, é preciso que a criança inicialmente tenha internalizado a experiência de ter sido olhada. Assim, para que as crianças cegas obtenham sucesso no que diz respeito ao desenvolvimento emocional primitivo, torna-se necessário que elas possam “ver-se refletidas por outros sentidos que não o da vista” (Winnicott,1975[1967]:155). A experiência de ser olhado, assim como é descrita por Winnicott, efetua-se ao longo das primeiras relações do bebê com o seio materno: “Talvez um bebê ao seio não olhe para este. É mais provável que a característica seja olhar para o rosto (...) E o que vê o bebê quando olha para o rosto da mãe?” (Winnicott,1975[1967]:154). Para responder a esta questão Winnicott recorre à experiência subjetiva do bebê de estar fundido à mãe: “Sugiro que, normalmente, o que

o bebê vê é ele mesmo. Em outros termos, a mãe está olhando para o bebê e *aquilo com o que ele se parece se acha relacionado com o que ela vê ali* (Winnicott,1975[1967]:154). Em outras palavras, o bebê vê a si-mesmo quando olha para o rosto da mãe. É com as suas respostas faciais que ele se identifica e, por consequência, gradualmente constitui um sentimento de *self* (Abram,2000[1996]:158). Portanto, logo na primeira linha do referido artigo, Winnicott afirma que *o rosto materno é o precursor do espelho* no desenvolvimento emocional infantil. Isto quer dizer que nos termos winnicottianos a função materna, apreendida pelo bebê sob as respostas faciais exibidas no rosto da mãe, instala gradualmente a dimensão intersubjetiva na experiência de dependência primitiva.

Quando olho, sou visto; logo existo.
 Posso agora me permitir olhar e ver.
 Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção e também percebo (...)
 (Winnicott,1975[1967]:157).

De acordo com Abram (2000[1996]:159), Winnicott emprega o termo *apercepção* para nomear a experiência subjetiva em que o bebê encontra-se fundido aos cuidados maternos, ou, dito de um outro modo, para descrever o momento em que o bebê se vê ao olhar para o rosto da mãe. A percepção da realidade compartilhada refere-se à capacidade de estabelecer uma diferenciação *eu/não-eu* e tem origem a partir da *apercepção*. Sob a ótica winnicottiana cabe à função especular materna, aliada aos objetos e fenômenos transicionais, propiciar uma experiência de continuidade na passagem da *apercepção para a percepção*. Os objetos e fenômenos transicionais constituem-se numa “área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente concebido”, ou seja, num espaço situado no hiato entre a *apercepção* da área de ilusão e

⁷⁰ Talvez este ponto possa ser alvo de críticas por parte de leitores das obras de Lacan, pois conforme a

a percepção da realidade (Winnicott,1975[1971]:15). Desta forma a experiência subjetiva realizada na área de ilusão possibilita a produção dos objetos e fenômenos transicionais, constituídos a partir de uma quantidade bem dosada de cuidados negativos fornecidos por uma *mãe suficientemente boa* que possui a capacidade de introduzir gradualmente a experiência de não atendimento das necessidades infantis, o que posteriormente propiciará a percepção por parte da criança dos objetos como separados de si-mesma. Os objetos e fenômenos transicionais são constituídos, portanto, quando há uma ameaça de ruptura na continuidade dos cuidados maternos provocada pelo não-atendimento das necessidades infantis. Nesse momento, o objeto transicional permite à criança suportar a separação, restabelecendo a continuidade ameaçada de ruptura e causando, assim, um efeito de passagem. Portanto os objetos e fenômenos transicionais localizam-se numa área intermediária, *nem dentro nem fora*, isto é, num espaço de interseção formado pela sobreposição entre o que o bebê concebe e o que a mãe fornece. Tal espaço é denominado, *espaço potencial*.

Ao atingir as circunstâncias que causam a produção dos objetos e fenômenos transicionais, e antes de analisar o espaço em que estes se localizam, torna-se pertinente recorrer às cartas trocadas por Winnicott e Lacan que nos possibilitam tecer encontros e desencontros entre os conceitos de objeto transicional e de objeto *a*⁷¹. Primeiramente, em 11 de fevereiro de 1960, Winnicott escreve a Lacan agradecendo a publicação da tradução para o francês de seu artigo “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais”.

teoria lacaniana nos indica o olhar não está restrito ao campo visual. Para maiores informações a respeito da distinção estabelecida por Lacan entre o olhar e a visão, ver Lacan (1985[1964]).

⁷¹ Neste ponto torna-se importante ressaltar que as correspondências foram trocadas por Winnicott e Lacan no ano em que o conceito de objeto *a* é elaborado.

Estou muito contente em possuir o quinto volume de *La Psychanalyse* e escrevo para lhe agradecer por ter publicado uma tradução do meu ensaio sobre objetos transicionais. Parece-me que alguém teve um trabalho imenso com os detalhes da tradução, e esse alguém foi o senhor. De qualquer modo, devo ao senhor o fato de esse artigo agora estar disponível em francês (Winnicott,1990[1960]:112).

Em 5 de agosto de 1960, Lacan envia uma resposta a esta carta referindo-se, entre outras coisas, ao lugar ocupado pelo objeto transicional:

(...) Esse “objeto transicional”, cujos méritos eu tenho mostrado aos meus, não indicaria *o lugar*⁷² onde se marca precocemente essa distinção do desejo em relação à necessidade? (Lacan,1985[1960:9])⁷³.

Esse “lugar” referido por Lacan prenuncia o conceito de *espaço potencial* num momento em que este ainda não havia sido nomeado como tal por Winnicott, que só o faria em 1967, no artigo “A localização da experiência cultural”.

Winnicott elabora o conceito de espaço potencial a partir da tentativa de situar no tempo e no espaço, o lugar ocupado pela brincadeira: “ao observarmos o uso, pela criança, de um objeto transicional, a primeira possessão não-eu, estamos assistindo tanto ao primeiro uso de um símbolo pela criança quanto à primeira experiência da brincadeira” (Winnicott,1975[1967]:134). A brincadeira e os objetos e fenômenos transicionais localizam-se num mesmo espaço – que não fica no interior, tampouco no exterior, ou seja, não pertence à realidade psíquica nem faz parte do mundo repudiado como não-eu. Diante desta constatação, Winnicott questiona-se: “se a brincadeira não se acha nem dentro nem fora, onde é que ela se acha?” (Winnicott,1975[1967]:134). No texto “O Brincar: Uma exposição teórica”, ele procura uma resposta para esta questão,

⁷² Grifos meus

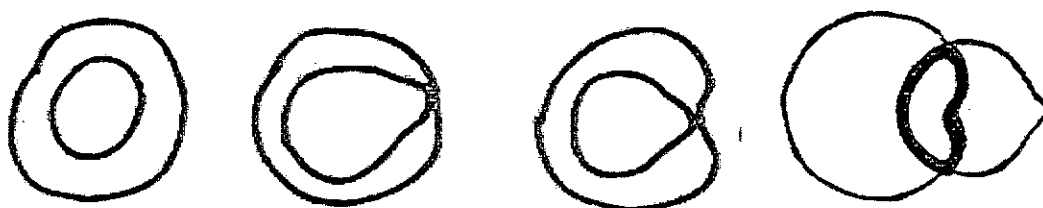
⁷³ Conforme a afirmação original de Lacan: “(...) Cet ‘objet transitionnel’ dont j’ai montré aux miens tous les mérites, n’indique-t-il pas la place où se marque précocement cette distinction du désir par rapport au besoin”.

aproximando o movimento da maré montante e da maré vazante do que acontece durante o jogo de *presença-ausência* agenciado pela mãe, que possibilita o afastamento e o retorno do bebê ao estado de dependência: “Isso significa que a mãe (ou parte dela) se acha num permanente oscilar entre ser o que o bebê tem capacidade de encontrar e (alternativamente) ser ela própria, aguardando ser encontrada” (Winnicott,1975[1971]:70). Se a mãe é capaz de desempenhar essa função durante um certo período de tempo, ela garante ao bebê a oportunidade de experimentar um controle onipotente da realidade externa, o qual gradualmente permite o desenvolvimento de um estado de confiança: “A confiança na mãe cria aqui um *playground* intermediário (...) Chamo isso de *playground* porque a brincadeira começa aqui. O *playground* é um *espaço potencial*⁷⁴ entre a mãe e o bebê, ou que *une*⁷⁵ mãe e bebê” (Winnicott,1975[1971]:71). O espaço potencial vai sendo constituído na medida em que a criança gradualmente vai experimentando a falta dos cuidados maternos, e a mãe se vai deparando com a capacidade adquirida pelo bebê de suportar a sua ausência. Desta forma, em virtude da falta materna marcada pelo jogo de *presença-ausência*, a dimensão intersubjetiva vai sendo instalada ao mesmo tempo em que os objetos transicionais vão sendo produzidos num *espaço potencial* de interseção entre a mãe e o bebê que passa a existir a partir de então. Winnicott concebe a área de interseção que estrutura o espaço potencial como “uma superposição de duas áreas de brincadeira” (Winnicott,1975[1971]:71). Tal interseção surge a partir do processo de separação mãe-bebê que envolve uma dupla perda quando a separação é constatada: a mãe perde uma parte de si que ela alimentava e o bebê perde uma parte dele, passando a alimentar-se num seio que não faz mais parte de si-mesmo. Cabe ressaltar que tal separação nunca é

⁷⁴ Grifos meus.

⁷⁵ Grifos meus.

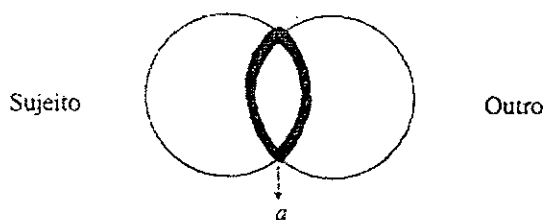
realmente constatada, pois: “A confiança do bebê na fidedignidade da mãe (...) torna possível uma separação do não-eu a partir do eu. Ao mesmo tempo, contudo, pode-se dizer que a separação é evitada pelo preenchimento do espaço potencial com o brincar criativo, com o uso de símbolos e com tudo o que acaba por se somar a uma vida cultural” (Winnicott, 1975[1971]:151). Deste modo o processo de separação possibilita a emergência de um espaço potencial constituído entre as partes que, até então, formavam o *conjunto ambiente-indivíduo*.



Nesta seqüência que ilustra o processo de separação mãe-bebê, a área de interseção destacada no último desenho pode ser entendida como o espaço potencial⁷⁶. A representação gráfica do espaço potencial pode ser aproximada do conceito de objeto *a*, quando este é definido por Lacan a partir da área de interseção entre o sujeito e o Outro. Esta área é descrita em 1964 quando Lacan formaliza a operação de separação a partir da teoria matemática dos conjuntos⁷⁷.

⁷⁶ O último desenho desta série foi acrescentado por mim como uma seqüência lógica do processo de separação eu/não-eu. Para a obtenção do desenho original das três primeiras figuras que ilustram como o indivíduo é afetado pelas tendências do meio ambiente, cf. Winnicott (2000[1952]:309).

⁷⁷ No capítulo anterior, vimos que a alienação e a separação consistem em operações constituintes do sujeito ancoradas no campo do Outro: a operação de alienação consiste no primeiro tempo de constituição do sujeito, enquanto que a operação de separação consiste no segundo tempo da constituição do sujeito.



Nesta figura⁷⁸ a área de interseção é formada, não pelo isolamento dos elementos que pertencem ao conjunto do sujeito e do Outro, tal como postula a lógica matemática, mas sim por aquilo que falta em ambos os conjuntos: a falta proveniente do sujeito é recoberta por uma falta encontrada do lado do Outro. Um breve retorno ao que foi visto na última parte do capítulo anterior, acerca das operações de alienação e separação, permite-nos entender como a falta é constituída tanto do lado do sujeito quanto do lado do Outro. Na operação de alienação o sujeito em constituição possui apenas uma saída: alienar-se no Outro escolhendo *à força* um significante mestre, identificando-se com este e perdendo, portanto, uma parte do seu ser. Por outro lado, a falta encontrada no Outro é proveniente da forma como este é concebido na operação de separação: o Outro implicado na separação não detém o sentido tal como acontece na alienação, ele encontra-se barrado, ~~A~~. A inconsistência do Outro é revelada diante da questão *Que Queres?* Tal questionamento, que pode ser entendido como dirigido pela criança ao Outro materno, revela que a mãe não é completa, e aponta que, em algum momento, a falta ou, digamos assim, a inconsistência materna é revelada. É justamente em torno da falta que o desejo se constitui. Neste momento, a fim de tamponar a falta materna, ou dito de um outro modo, a fim de satisfazer o desejo da mãe, a criança oferta-se como objeto, identificando-se, portanto, com o significante ao qual o Outro materno atribui um determinado sentido. Mas, além do sentido, resta alguma coisa que, por não possuir

⁷⁸ Para obtenção da figura original, cf. Quinet (1997[1995]:159).

sentido, é deixada de fora. Esta parte, *a*, concebida como o resto que cai entre o sujeito e o Outro, é justamente a parte do ser que é perdida na operação de alienação por não se identificar com sentido atribuído pelo desejo materno. Deste modo, a área de interseção entre o sujeito e o Outro é condensada sob a forma de uma lacuna, denominada objeto *a*. O objeto *a* deve ser entendido como uma letra colocada no lugar de uma falta, não para preenchê-la, mas sim para nomeá-la como tal. Portanto, tal objeto deve ser entendido também como a lacuna formada pela sobreposição resultante do recobrimento da falta do sujeito, parte não identificada ao significante cujo sentido é atribuído pelo Outro materno, e da falta do Outro, ~~A~~.

Se nos remetermos à área de interseção definida pela falta resultante do processo de separação mãe-criança, torna-se possível estabelecer um encontro referente a esta área situada, tanto por Winnicott quanto por Lacan, entre o eu e o outro⁷⁹: o primeiro postula uma interseção formada pela *superposição de duas áreas de brincadeira*, enquanto que o segundo postula uma área de interseção formada pela *sobreposição resultante do recobrimento de duas faltas*. Winnicott e Lacan utilizam, portanto, nomes diferentes para definir a mesma área intermediária, denominada pelo primeiro como *espaço potencial*, lugar onde o objeto transicional é produzido, e postulada pelo segundo como *objeto a, lacuna onde o desejo é constituído*.

Apesar de postularem uma mesma área de interseção entre a mãe e o bebê, Winnicott e Lacan a concebem de maneiras diferentes: enquanto Winnicott refere-se a um espaço potencial que nunca pode ser produzido como espaço, Lacan enfatiza a presença deste espaço como causa do desejo. No artigo de 1960, intitulado “Subversão

⁷⁹ Este parágrafo encontra-se baseado em notas tomadas durante a conferência “Objeto em Freud, Lacan e Winnicott” ministrada por Carlos Lannes no Circulo Psicanalítico do Rio de Janeiro, em 29 de novembro de 2001.

do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, Lacan situa a noção de causa do desejo no lugar ocupado pelo objeto transicional:

(...) *objeto transicional* – em outras palavras, o pedaço de pano e o caco querido que não abandonam mais o lábio nem a mão. Isso, há que dizê-lo, é apenas emblema; o representante da representação, na condição absoluta, está em seu *lugar no inconsciente, onde causa o desejo*⁸⁰ (Lacan, 1998[1960]:829).

Como vimos, na teoria winnicotiana o lugar ocupado pelo objeto transicional é denominado espaço potencial e é constituído no hiato estabelecido entre a mãe e o bebê, a que Lacan denomina objeto *a*. Assim como a área de interseção situada entre o eu e o objeto, a noção de causa ressaltada por Lacan permite o estabelecimento de um encontro entre o conceito de objeto *a* e o conceito de espaço potencial. De acordo com a teoria winnicottiana o espaço existente entre a mãe e o bebê, constituído a partir da falta materna, nunca deve ser estabelecido como um espaço propriamente dito. Deve permanecer sempre em estado potencial, propiciando a produção dos objetos e fenômenos transicionais, os quais consistem na parte visivelmente apreendida do fantasiar. Deste modo, o espaço potencial possibilita a constituição do simbolismo, funcionando como causa da atividade fantasmática, ou, em outros termos, da busca permanente de objetos, a qual, nos termos lacanianos, pode ser aproximada da noção de desejo. Tais reflexões nos permitem entender que, para Lacan, o espaço potencial, assim como o objeto *a*, é a causa do desejo.

A área de interseção entre o eu e o outro, concebida por Winnicott como *espaço potencial* e por Lacan como objeto *a*, finalmente descortina os *encontros e desencontros* referentes à forma como estes dois autores concebem, respectivamente, os conceitos de objeto transicional e de objeto *a*. Numa análise de tais conceitos torna-se necessário

⁸⁰ Grifos meus.

ressaltar, primeiramente, que os objetos em questão constituem-se diante de uma perda que é realizada em diferentes momentos da constituição psíquica.

Partindo de uma perspectiva intersubjetiva, Lacan considera que a falta (causada por uma perda primordial) é estabelecida entre o eu e o outro desde o momento inaugural do psiquismo, ou seja, como estando lá desde sempre, e, principalmente, como algo que promove a constituição da subjetividade. Winnicott, por sua vez, parte do ambiente – representado pelo cuidado materno – que inicialmente encontra-se fundido com o bebê e, gradualmente, dá lugar à dimensão intersubjetiva na experiência de dependência primitiva. Nas palavras de Souza, Winnicott parte das “*qualidades objetais* necessárias para a constituição do solo a partir do qual a própria noção subjetiva de falta pode se instalar” (Souza, 2002:3). Deste modo, se comparada à teoria lacaniana, a noção subjetiva de falta entra em cena na teoria winnicottiana num momento posterior, mais precisamente através da perda sofrida com a constatação da separação entre o bebê e a forma primordial de alteridade – o outro materno.

Na teoria winnicottiana, o processo de separação efetua-se de maneira gradual, introduzindo uma perda do estado de fusão eu-objeto, uma perda da unidade estabelecida pelo conjunto *ambiente-indivíduo*. Essa separação só é possível em virtude das exigências impostas pela realidade compartilhada, ou seja, quando a mãe passa a falhar na tarefa de atender às necessidades do bebê num específico momento, passando a atendê-las somente depois de algum tempo. Nesta situação o fator temporal desempenha um importante papel na introdução da ausência materna que, quando bem dosada, permite a adaptação à realidade e, logo, a diferenciação eu/não-eu. O corolário disto é a concretização, mesmo que apenas assintótica, do processo de separação

mãe/bebê⁸¹. Quando a separação é constatada, há uma dupla perda na unidade formada pelo conjunto mãe-bebê: a mãe deixa de alimentar uma parte de si – o bebê –, e este deixa de se alimentar num seio que até então era parte dele. Desta forma, quando se diferencia dos cuidados maternos, o bebê perde o seio, ou seja, perde sua mãe. Para remediar tal perda e para que a falta materna não se estabeleça como tal, algo é *encontrado e criado* pela criança. Um ursinho, a ponta de um cobertor, o som de uma música, ou até mesmo o ruído de um movimento respiratório, podem ser destacados e constituídos como um objeto ou fenômeno transicional: “O objeto constitui um símbolo da união do bebê e da mãe (ou parte desta). Esse símbolo pode ser localizado. Encontra-se no lugar, no espaço e no tempo, onde e quando a mãe se acha em transição de (na mente do bebê) ser fundida ao bebê e alternativamente, ser experimentada como objeto a ser percebido, de preferência a concebido” (Winnicott,1975[1967]:135). Portanto, os objetos e fenômenos transicionais podem ser entendidos como algo que é produzido para que o espaço entre o bebê e a mãe permaneça *permanentemente potencial*, isto é, para que este espaço nunca se constitua realmente como uma falta, não estabelecendo, assim, uma descontinuidade na experiência de dependência primitiva.

Lacan, contudo, parte exatamente da instauração desta falta que, sob sua ótica, é estabelecida entre o eu e o outro no momento inaugural da constituição do psiquismo, pressupondo assim, que o sujeito já surge separado do outro. Deste modo, as experiências primordiais do sujeito com o outro já são mediadas por alguma forma de representação, na medida em que o sujeito se constitui pela via da negação (Souza,2002:5). De acordo com Freud (1990[1925]:297), a negação numa linguagem

⁸¹ De acordo com a teoria winnicottiana tanto a separação do ambiente quanto a independência do mesmo, nunca é realizada de forma completa. O termo *rumo à independência* que denomina o último estágio de dependência dos cuidados maternos vem corroborar a idéia de que o sujeito jamais chega a alcançar uma completa independência do ambiente.

arcaica pode ser entendida como a expulsão de algo que vai fundar a realidade como sendo externa ao sujeito. Isto significa que aquilo que era interior, no momento em que é expulso, passa a ser considerado como estranho. Lacan (1998[1954]:389), ao discutir este texto freudiano de 1925 intitulado “A negativa”⁸², ressalta que a afirmação (*Bejahung*) – considerada por Freud como primordial – está ligada à constituição da ordem simbólica, tendo como opositora a negação que consiste na expulsão de alguma coisa que não fora integrada a esta ordem, constituindo assim o real, na medida em que este consiste naquilo que existe fora do domínio da simbolização.

Alguns anos mais tarde, mais precisamente, no seminário dos anos de 1959-60 intitulado “A Ética da Psicanálise”, Lacan retoma o comentário de uma parte do texto freudiano em questão, isto é, do elemento originalmente expulso pelo sujeito – *Das Ding*. Podemos destacar uma perda no momento em que há uma primeira expulsão: ao mesmo tempo que *Das Ding* constitui-se como externo e estranho ao sujeito, ele deixa de ser parte do mesmo. Desta forma, quando há expulsão, além da constituição de um objeto que passa a existir no real – fora do âmbito da simbolização – passa a existir também um espaço vazio, um buraco, um furo deixado pela expulsão de *Das Ding*. É deste espaço vazio que o objeto *a* toma o lugar, inscrevendo-se, então, como pura falta. Isto nos permite entender que, na teoria lacaniana, a falta instalada em virtude da perda sofrida pelo sujeito, ou dito de outra forma, o objeto *a*, é constituído desde de o início, funcionando, como uma mola que impulsiona a constituição do sujeito.

⁸² O título deste artigo, assim como toda a obra freudiana, não foi traduzido diretamente do alemão para o português, mas sim, a partir da tradução inglesa. A tradução do título em alemão “*Die Verneinung*” para o português seria, portanto, “A Denegação”. No uso que farei aqui deste artigo, não necessito diferenciar o ato de denegar do ato de negar, por isso irei utilizar o termo negação para facilitar a compreensão do leitor. Para obter uma análise detalhada deste artigo freudiano, ver Hyppolite (1998[1954]) e Lacan (1998[1954]).

Deste modo, a ênfase e o destino dados à perda sofrida pelo sujeito em constituição estabelecem um desencontro entre os conceitos de objeto transicional e de objeto *a*. O objeto transicional é produzido como uma metáfora da falta materna, isto é, como algo concreto construído para simbolizar a união do bebê com a mãe, que passa a faltar, a falhar, quando não atende mais a todas as necessidades do bebê. Sendo assim, a função do objeto transicional consiste em simbolizar a falta materna, permitindo que a criança suporte-a, e – mais importante ainda – que esta falta nunca se constitua efetivamente como tal. Justamente o contrário está em questão quando abordamos a constituição do objeto *a*, posto que este objeto nomeia a falta propriamente dita, falta esta constituída como tal a partir de uma perda que não pode ser reparada nem tampouco obturada, por ser, ela mesma, a propulsora da constituição subjetiva. Desse modo para nomear algo que não pode ser representado, Lacan coloca uma letra, *a*, no lugar de uma falta, fazendo desta letra a própria falta. Neste sentido o objeto *a*, diferentemente do objeto transicional que é produzido como uma metáfora da falta, pode ser entendido como a falta em si, falta que não possui imagem especular e que só pode ser concebida em termos topológicos.

De acordo com a comparação estabelecida por Clément entre os conceitos de objeto transicional e de objeto *a* no seu artigo “Les Allumettes et La Musique”, o modo como os objetos em questão são conceituados faz com que estes oscilem, respectivamente, entre a terapêutica e o trágico. De acordo com a autora, o objeto *a*, ao ser concebido como falta, marca o caráter irremediável de uma perda que estabelece uma distância intransponível entre o sujeito e o Outro. Diferentemente desta concepção trágica enfatizada na teoria lacaniana, a autora ressalta a visada terapêutica existente na teoria winnicottiana, onde os objetos e fenômenos transicionais são produzidos com o

objetivo de restabelecer a continuidade, ameaçada de ruptura no momento em que a falta dos cuidados maternos é sentida. Sendo assim, a oscilação entre a terapêutica e o trágico é entendida aqui como um desencontro existente entre a conceitualização winnicottiana do objeto transicional – realizada pelo viés da continuidade – e a conceitualização lacaniana do objeto a , realizada pelo viés da falta. Este desencontro reflete o modo como Winnicott e Lacan conduzem o processo analítico.

No seminário dos anos de 1956-57, ao debruçar-se sobre o tema das relações de objeto, Lacan comenta o artigo winnicottiano “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais”.

O que é esquecido (...) – esquecimento que obriga a essas formas de suplementação que enfatizo, a propósito do artigo de Winnicott – é que um dos pontos mais essenciais da experiência analítica, e isso desde o começo, é a noção da falta do objeto (Lacan, 1995[1956-57]:35).

A noção da falta do objeto adotada como ponto de partida, tanto da teorização quanto da prática clínica lacaniana, traz consigo a idéia de que, desde o princípio, a pulsão está em cena na constituição do psiquismo, sendo considerada como o próprio tecido de que é feita a relação com o outro (Souza, 2002:2). Tal visada não inclui o que Winnicott considera como a dimensão primordial do psiquismo, isto é, as necessidades físicas e psíquicas do bebê complementadas pelas qualidades físicas e psíquicas do objeto que, associadas, constituem as pré-condições necessárias para a construção de um continente psíquico e, posteriormente, para a instalação da noção subjetiva de falta

na experiência de dependência primitiva⁸³. De acordo com Souza (2001:137), ao levar em conta o campo experiencial pré-subjetivo marcado pela indiferenciação sujeito-objeto, Winnicott estabelece uma prática clínica voltada para a análise dos continentes psíquicos, enquanto que Lacan, partindo da instalação da falta como ponto inicial da experiência psíquica, volta sua prática clínica para a análise dos conteúdos psíquicos que trazem uma prática interpretativa dirigida, basicamente, para as formações do inconsciente aonde se pode destacar o desejo e convocar o sujeito a assumir sua responsabilidade por ele.

Em uma análise dos continentes psíquicos, a prática interpretativa visa, num primeiro momento, ao estabelecimento de um *holding*, ou seja, de uma relação de confiança que possibilite um contato empático com aquilo que o sujeito não pôde experimentar, restituindo assim, transferencialmente, uma experiência de dependência não experimentada anteriormente. Tal procedimento não condiz com a visada lacaniana, pois:

Com Lacan, imaginar, por um momento que seja, que a psicanálise possa ser restitutiva é um pecado grave. A psicanálise não restitui nada. Não se dá o que o sujeito não teve, pois aquilo que ele não teve é de estrutura. O objeto perdido é de estrutura e não se deve tamponar o furo, mas sim realçá-lo. Também não há muito espaço para se pensar em estruturas que possam faltar ao sujeito, pois o sujeito em Lacan, propriamente falando não tem nenhuma estrutura, mas é, ele, um elemento intervalar da própria estrutura. Nada pode lhe faltar a não ser a própria falta (Souza,2001:140).

⁸³ Os continentes e conteúdos psíquicos dever ser entendidos como dimensões distintas da constituição do psiquismo. No contexto deste trabalho o continente se refere à noção winnicottiana de ser que diz respeito ao estado de indiferenciação eu-outro, ou seja, a um bebê em vias de constituição que só existe juntamente com os cuidados maternos que, quando fornecidos por uma mãe suficientemente boa, propiciam a constituição da dimensão pulsional. Os conteúdos psíquicos, por sua vez, dizem respeito justamente a dimensão pulsional, dimensão esta em que o sujeito encontra-se separado do objeto. Portanto, quando nos referimos a uma prática clínica que valoriza o continente psíquico devemos considerar a constituição do ser, enquanto que, ao nos referirmos ao conteúdo psíquico, o que está em jogo pertence a ordem do desejo.

Observamos então, que o desencontro estabelecido entre os conceitos de objeto transicional e de objeto *a* é reeditado na clínica. Por um lado, a falta existente entre o sujeito e o objeto, enfatizada e nomeada por Lacan como objeto *a*, funciona como norteadora de sua prática clínica cuja ênfase recai sobre a valorização da interpretação das formações do inconsciente e da dimensão pulsional presente desde o início da relação com o outro. Por outro, tem-se a continuidade da relação de dependência física e psíquica enfatizada por Winnicott, na sua concepção do elemento feminino puro e na sua elaboração do conceito de objeto transicional, continuidade essa que propicia uma passagem da experiência fundada no campo do elemento feminino puro (fusão eu-não-eu) para o campo do elemento masculino puro (diferenciação eu/não-eu). Assim, se estabelece um contato com a dimensão pulsional que, por sua vez, conduz à constituição do desejo e, por conseqüência, à instalação da noção subjetiva de falta. Deste modo, a valorização do campo experiencial pré-subjetivo e a função de *holding* tornam-se fundamentais no estabelecimento de um continente que abarque o conteúdo pulsional, permitindo que as expressões do desejo e da falta sejam interpretadas. Portanto, as diferentes modalidades de intervenção analítica aqui ressaltadas – *holding* e *interpretação* – encontram-se entrelaçadas na prática de todo psicanalista.

Apesar de partir da noção da falta do objeto como algo irremediável e intransponível tanto na constituição do sujeito quanto no processo analítico, Lacan afirma: “*Primum vivere*, sem dúvida: há que evitar o rompimento” (Lacan,1998[1958]:602). Desta forma, percebemos que o processo analítico não é apenas construído a partir de excessos que precisam ser interditados, ou de faltas que precisam ser restituídas, mas sim que estas duas dimensões não podem ser dissociadas,

embora se originem dos diferentes modos através dos quais Winnicott e Lacan elaboram o conceito de objeto ⁸⁴.

Chegamos ao ponto em que é possível constatar como o conceito de objeto influencia a condução do processo analítico. Após um desencontro inicial entre Winnicott e Lacan em relação a esse conceito, encontramos a possibilidade de dispor da *mobília analítica*⁸⁵ da forma mais conveniente possível ao que está em jogo no processo analítico. Refiro-me aqui à capacidade do analista de valorizar, no momento adequado, a importância tanto de um aperto de mão ou de uma conversa quanto a de uma interdição ou de um silêncio. O fato de admitir a relevância das práticas clínicas originárias das diferentes formas de conceber a constituição do sujeito e do objeto permite-nos privilegiar, antes de tudo, *o sujeito em análise e não a análise do sujeito*, visto que nesta última o peso recai sobre a fidelidade teórica e não sobre o sofrimento psíquico do sujeito, tornando-o, portanto, um *objeto sujeito* ao dogmatismo teórico.

⁸⁴ Além do conceito de objeto, a abordagem da concepção de alteridade nas diferentes orientações analíticas conduz-nos a estas conseqüências clínicas, ver Souza (2001).

⁸⁵ Com este termo faço alusão aos usos que podem ser feitos das técnicas utilizadas tanto nas análises dos conteúdos quanto na análise dos conteúdos, ver Souza (2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor um estudo comparativo do conceito de objeto na obra de Winnicott e de Lacan, pretendíamos fazer dialogar duas vertentes psicanalíticas que têm entre si evidentes semelhanças e importantes diferenças. Um ensaio como este tem, portanto, uma função basicamente teórico-clínica, porque resgata duas teorias, relançando-as num diálogo que reflete o modo como os autores em questão conduzem o tratamento psicanalítico.

Seguindo cada qual por sua própria via, fruto de contingências histórico-contextuais, puderam eles tratar com extremo cuidado das relações fundadoras da construção do sujeito, resgatando o primeiro elo afetivo que é a relação mãe-bebê. Pela via da experiência de psiquiatra ou pela via da prática pediátrica, investiram ambos numa pesquisa que acabou por apontar tendências inovadoras no mundo já instituído da psicanálise.

Tradição e revolução parecem então encontrar neles o equilíbrio saudável de quem assume o novo sem descuidar do instituído. Rerler Freud, reinvestir na volta ao texto original, recolocá-lo no centro da atenção para além dos discursos interpretativos que tinham, já então, sobrecarregado os seus conceitos, depurá-lo – não para repeti-lo mas para poder inclusive ousar aprofundá-lo ou mesmo subvertê-lo com o estofado que uma proposta séria exige – são práticas que essas novas vertentes psicanalíticas deixaram como herança para os estudiosos. Voltar às bases. Nunca recusar a tradição. Mas ousar construir o novo.

O contato da clínica pediátrica terá certamente despertado o interesse de Winnicott que voltou sua atenção para o desenvolvimento emocional infantil. Pensar a

criança para além da cura física parecia-lhe fundamental. Nascia ali o psicanalista que percebia na relação afetiva primária mãe-bebê uma seqüência de estágios (objeto subjetivo, objeto transicional, uso do objeto) que ia da total dependência representada pelo *conjunto ambiente-indivíduo*, em que a realidade, sendo subjetivamente percebida, impede que o objeto seja concebido como tal, até à construção do sujeito em liberdade, capaz de superar a descontinuidade na experiência da dependência primitiva por ter sabido lidar efetivamente com os chamados objetos transicionais.

Quanto a Lacan, a relação primordial funciona também como sedução para suas investigações teóricas e sua prática clínica. O que fundamentalmente nele parece novo é o prisma com que lida com esta relação mãe-bebê, acentuando o valor construtor da noção de *falta* para o desenvolvimento do psiquismo. Foi enfatizando essa noção nas relações afetivas arcaicas que ele enfim elaborou o conceito de objeto *a*, ao qual dedicamos uma parte importante deste ensaio, por ser ele um conceito fundador dos estudos lacanianos. O estágio do espelho, a evolução do conceito de objeto *a* – de sua dimensão imaginária (finalidade do desejo) até sua vertente simbólica (causa do desejo) – foram motivo de nossa atenção, que preferiu descartar dos seus limites uma fase posterior e não menos relevante da teorização do objeto *a* na vertente do real.

Com Winnicott e Lacan dialogam as vertentes inglesa e francesa da psicanálise. Trabalham freqüentemente por caminhos semelhantes, com defasagens temporais que acentuam suas idiossincrasias teóricas – a hiância lacaniana postulada desde o princípio da relação mãe-bebê, diante da visão de Winnicott, mais propenso a acreditar que essa lacuna é uma conquista que exige uma transição até a constituição da subjetividade. Mas o espaço intermediário está sempre lá, tanto na leitura winnicottiana quanto na vertente lacaniana, embora uma privilegie a noção de continuidade na teorização do

objeto transicional e a outra a valorize a noção de falta através da teorização do objeto *a*.

Tal diferença reflete o modo como cada um conduz o processo analítico. Por um lado, podemos destacar que, ao valorizar a noção da falta do objeto, Lacan parte e privilegia uma prática interpretativa dirigida, basicamente, para as formações do inconsciente. Por outro lado, seria interessante ressaltar que, ao enfatizar a noção de continuidade no desenvolvimento emocional primitivo, Winnicott adota uma prática clínica voltada primeiramente para o estabelecimento de um *holding* que propicia a instalação da noção subjetiva de falta, de modo a permitir que as expressões do desejo e da falta sejam interpretadas.

Para terminar, caberia ainda ressaltar alguns pontos que, apesar de terem sido apresentados, não foram mais profundamente comparados. Refiro-me às últimas elaborações do conceito de objeto em Winnicott e Lacan aqui examinadas, e também à noção de agressividade.

Quando abordamos a noção da falta do objeto na teoria lacaniana, vimos que a agressividade possui um valor positivo na constituição do sujeito. Com a elaboração do estágio do espelho, Lacan articula a constituição do eu à imagem especular, que recebe estatuto de *objeto diferente de mim*, num momento em que, através de um ato agressivo, o eu se diferencia da imagem. Desta forma, a imagem especular deixa de pertencer ao campo narcísico e ganha características de objeto, tais como substancialidade, permanência e identidade.

Na teoria winnicottiana, a agressividade também afasta o objeto do domínio do campo narcísico, ou, em seus próprios termos, do campo da relação de objeto, propiciando o uso que o sujeito fará dele. Isto quer dizer que na medida em que a

criança destrói o objeto concebido como fruto de suas projeções, a realidade vai sendo criada de acordo com o desenvolvimento da percepção objetiva dos objetos provocada pela destruição. É portanto através do ato agressivo que o bebê deixa de relacionar-se subjetivamente com os objetos e passa a *usá-los*. Para ser usado o objeto deve ser percebido objetivamente, ou seja, como *coisa* que faz parte da realidade compartilhada. Neste sentido, Winnicott postula a destruição como ponto central do conceito do uso dos objetos, pois é a partir da sobrevivência à destruição que o objeto adquire autonomia e torna-se *diferente de mim*, ou seja, torna-se *o outro* pertencente à realidade compartilhada podendo, então, ser usado.

Enfim, a noção de uso do objeto pode e deve ser transposta para a clínica psicanalítica, sendo entendida, por um lado, como o uso que o analisando faz do analista e, por outro, como o trabalho do analista para tornar-se usável, de modo a permitir ao sujeito tomar posse das próprias manifestações subjetivas.

Tal posição é semelhante ao que Lacan propõe quando postula que o analista deve ocupar o lugar de objeto *a*, objeto causa de desejo. Para que o analista se posicione no lugar de causa é necessário que haja alguma falha na manutenção da posição ideal refletida por ele, falha esta que o retira do campo ideal (onde os objetos são concebidos de forma imaginária), colocando-o no lugar de objeto, de *coisa*.

Evidentemente não era nosso objetivo polemizar nem esgotar os encontros e desencontros entre as teorias de Winnicott e Lacan. Pretendemos tão somente pôr face a face duas pesquisas e, num segundo estágio, indicar que o estudo dos desdobramentos do conceito lacaniano de objeto *a* na vertente do real, e um aprofundamento do exame das conseqüências clínicas da noção winnicottiana de uso do objeto podem-nos levar a

outras possibilidades de pesquisa comparativa, referentes, por exemplo, à função do analista e da interpretação.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAM, J. (1996). *A Linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- CLÉMENT, C. (s.d). "Les Allumetes et la musique". in: *L'arc*. Paris, n ° 69, pp. 65-69.
- DAVIS, M & WALLBRIBGE, D. (1981). *Limite e espaço*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- DARMON, M. (1994). *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes médicas.
- DOR, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes médicas, 1992.
- DUNAND, A. (1995). "O término da análise I". in: FELDSTEIN et al., *Para Ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 259-266.
- FINK, B. (1995) *O Sujeito Lacaniano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. ESB, vol.VII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- . (1908). *Sobre as teorias sexuais das crianças*. ESB, vol.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- . (1909). *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. ESB, vol.X. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- . (1914). *Sobre o Narcisismo uma introdução*. ESB, vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

- .(1918[1914]). *História de uma neurose infantil*. ESB, vol.XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- .(1922). *Psicologia de grupo e análise do ego*. ESB, vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- .(1922). *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo*. ESB, vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- .(1923). *A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)*. ESB, vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- .(1923). *O ego e o id*. ESB, vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- .(1925). *A negativa*. ESB, vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- .(1940[1938]). *Esboço de psicanálise*. ESB, vol.XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990
- GRANON-LAFONT, J. (1985). *A Topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- HUGES, J.M. (1989). *Reformulando o território psicanalítico*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.
- HYPPOLITE, J. (1954). “Comentário falado sobre a “Verneinung” de Freud”. in: LACAN, J., *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 893-902.
- JULIEN, P. (1993). *O Retorno a Freud de Jacques Lacan*. Porto Alegre: Artes médicas.
- KAUFFMAN, P. (1993) *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

- KHAN, M. (1958). "Introdução de M. Masud R. Khan". in: WINNICOTT, D.W. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 11-54.
- KING, P & STEINER, R. (1991). *As controvérsias Freud-Klein 1941-45*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- LACAN, J. (s.d). *De nossos antecedentes*. in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- . (1946) "Formulações sobre a causalidade psíquica". in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- . (1948). "A agressividade em psicanálise". in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- . (1949). "O estágio do espelho como formador da função do eu". in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- . (1953-54). *O Seminário, livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- . (1954). "Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud". in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- . (1954-55). *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- . (1955-56). *O Seminário, livro 3: As Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- . (1956-57). *O Seminário, livro 4: As Relações de Objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

- . (1957-58). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- . (1958). “A direção do tratamento”. in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- . (1958). “A significação do falo”. in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- . (1959-60). *O Seminário, livro 7: A Ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- . (1960). “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”. in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- . (1960). “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”. in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- . (1960). “Lettre à Winnicott”. in: *Ornicar*. Paris: Revue du Champ Freudien, n ° 33, pp.7-10.
- . (1960-61). *O Seminário, livro 8: A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- . (1962-63). *A Angústia (Seminário 1962-63)*. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife, publicação interna, 1997.
- . (1964). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LAURANT, E. (1995). “Alienação e Separação I”. in: FELDSTEIN et al., *Para Ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 31-41.

- . (1995). “Alienação e Separação II”. in: FELDSTEIN et al., *Para Ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 42-52.
- MACEY, D. (1994). “Introduction” in: *The Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis*. London: Penguin Books, pp. vii-xxxix.
- MEREA, E.C. (1980). “Os conceitos de objeto na obra de Freud” in: *Contribuições ao conceito de objeto em psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994, pp.1-17.
- MIILER, J. (1997). *Lacan Elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- PHILLIPS, A (1988). *Winnicott*. London: Fontana Press.
- QUINET, A. (1995). “O olhar como um objeto”. in: FELDSTEIN et al., *Para Ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 155-163.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1997) *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ROUDINESCO (1993). *Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- ROUSSILON, R. (1999). *Actualité de Winnicott*. in: CLANCIER, A. & KALMANOVITCH, J. *Le Paradoxe de Winnicott – de la naissance à la création*. Paris: In Press Éditions, pp 9-26.
- SOLER, C. (1995). “O Sujeito e o Outro II”. in: FELDSTEIN et al., *Para Ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 58-57.

- SOUZA, O. (2000). "Aspectos do encaminhamentos da questão da cientificidade da psicanálise no movimento psicanalítico". *in*: PACHECO FILHO, A, ROSA, M.D & COELHO JÚNIOR, N. (orgs). *Ciência e realidade na psicanálise contemporânea*. São Paulo: EDUC/Casa do Psicólogo, pp. 205-234.
- SOUZA, O. (2001). "Os continentes e o vazio em psicanálise". *in*: Carmem Da Poian (org.). *Formas do vazio: desafio ao sujeito contemporâneo*. São Paulo: Via Lettera, pp. 131-141.
- SOUZA, O. (2002). *Aspectos clínicos e metapsicológicos dos usos das drogas. No prelo*.
- WINNICOTT, C. (1989). *D.W.WINNICOTT: Uma Reflexão*. *in*: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R. & DAVIS, M. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, pp.1-13.
- WINNICOTT, D.W. (1941). "A Observação de Bebês numa Situação Padronizada". *In*: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- . (1945). "O Desenvolvimento Emocional Primitivo". *in*: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- . (1948). "Pediatria e Psiquiatria". *in*: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- . (1950-55). "A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional". *in*: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- . (1951). "Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais". *in*: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

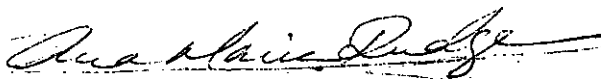
- . (1952). “Psicose e Cuidados Maternos”. in: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- . (1956). “A Preocupação materna Primária”. in: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- . (1960). “Para Jacques Lacan”. in: *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- . (1960). “Teoria do relacionamento paterno-infantil”. in: *Os ambientes e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- . (1963). “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar”. in: *Os ambientes e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- . (1966). “A mãe dedicada comum”. in: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- . (1967). “A localização da experiência cultural”. in: *O Briançar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- . (1967). “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento Infantil”. in: *O Briançar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- . (1968). “O uso da palavra uso”. in: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R. & DAVIS, M. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- . (1969). “O uso de um objeto e relacionamento através de identificações”. in: *O Briançar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- . (1971). “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais”. in: *O Briançar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

- . (1971). “O Brincar: uma exposição teórica”. in: *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- . (1971). “A criatividade e suas origens”. in: *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- . (1971). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- . (1989). “O jogo do rabisco”. in: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R. & DAVIS, M. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- ZIZEK, S. (1990). *Eles não sabem o que fazem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

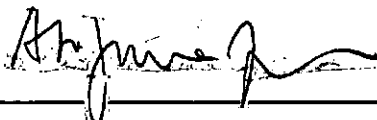
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna, Perla Klautau de Araújo Pimentel intitulada "Encontros e desencontros em Winnicott: Um diálogo sobre a gênese do objeto", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Octavio de Souza. (Orientador)
PUC-Rio

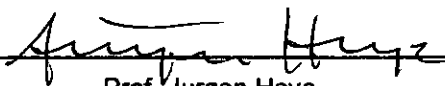


Profa. Ana Maria Rudge
PUC/Rio



Prof. Benilton Carlos Bezerra Junior
IMS/URERJ

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 03.06.2002.



Prof. Jurgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas